Especial

Mulher Angolana

EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela imprensa

Este suplemento é parte integrante da edição do Jornal de Angola de 08 de Março de 2020

PROVAÇÕES, SUPERAÇÃO E CONTRARIEDADES

Um longo curso até à igualdade

A luta das mulheres pela igualdade vem de longe. Como elas próprias o admitem, o objectivo nunca foi sobrepor-se aos homens, mas compartir sob as mesmas condições e em circunstâncias semelhantes. Também assumem que já vivem ram experiências pioneiras que, agora, vêem, aos poucos, recompensado o esforço que empreendem contra a discriminação baseada no sexo, embora ainda falte para se atingir a equidade. Pela frente, estendem-se depoimentos que traduzem sucessos, uns, e contrariedades, outros.

Luísa Rogério

O DIA INTERNACIONAL DA MULHER E A REALIDADE ANGOLANA

Nem os instrumentos legais conseguem esconder os números da desigualdade

Em Angola, as mulheres constituem a maioria. Talvez por isso, os indicadores da pobreza simbolizem, quase sempre, um rosto feminino. Elas são a maioria entre a legião de desempregados, de pessoas com menor instrução, vítimas de violência de todo o tipo e até entre os infectados com HIV-SIDA. A economia informal é dominada por mulheres, com realce para as vendedoras nos mercados e as zungueiras. Em contrapartida, estão em minoria em cargos de decisão ou de maior visibilidade social, como gestão no sector público ou na diplomacia. A liderança governamental ilustra igualmente as assimetrias.

A 8 de Março de 1857, um grupo de 129 operárias têxteis da cidade norte-americana de Nova Iorque optou pela greve, como meio de contestação ao patronato. As aguerridas mulheres reivindicaram a redução da jornada laboral de 16 para 10 horas diárias. Protestaram de forma vigorosa contra o facto de que auferiam menos de um terço do salário dos homens, apesar da pesada carga de trabalho. A ousadia, conforme se rotulou aquela que foi considerada a primeira greve protagonizada por mulheres nos Estados Unidos da América, teve um custo altíssimo. As amotinadas foram trancadas dentro da fábrica onde ocorreu um incêndio. Muitas delas morreram carbonizadas. Maioritariamente anónimas ganharam, porém, o estatuto de heroínas incontroláveis na narrativa da História Universal.

Em homenagem às 129 operárias amotinadas na fábrica de Nova Iorque, o 8 de Março simboliza um momento global de reflexão sobre a longa luta da mulher pela igualdade de direitos. Os participantes numa conferência realizada na Dinamarca, em 1910, instituíram a data como o Dia Internacional da Mulher. Assim, aqui estamos, um ano a seguir ao outro, a reflectir em torno de uma realidade que ainda confina a mulher a posições e funções subalternas num universo dominado pelo patriarcado. Embora a Declaração Universal dos Direitos Humanos, segundo qual todos os seres humanos, portanto, mulheres e homens, nascem revestidos de direitos iguais, a prática tem sido inversa ao aclamado princípio. Ao redor do mundo, discute-se o papel da mulher, tornam-se públicas declarações inspiradas no discurso politicamente correcto, mas nofinal da jornada, ao olharmos para trás, constatamos que se estamos no início do percurso.

Experimentemos então o interessante exercício de esmiuçar a realidade angolana. Como é que estamos em termos de cumprimento das metas favoráveis à implementação dos direitos das mulheres? Podemos falar objectivamente da inserção feminina em diferentes sectores da sociedade ou o empoderamento da mulher representa apenas mais um "slogan" para embelezar os discursos feitos no âmbito da agenda política nacional?

Antes da progressão da análise afigura-se imperioso reconhecer que a participação da mulher na política ganhou alguma visibilidade antes da proclamação da independência nacional. De modo geral, os motivantes de libertação engajados na descolonização do país indutam o debate da emancipação da mulher nos respectivos programas de actuação.

Após a Independência nacional, sentado angolano adoptou uma série de instrumentos institucionais, legais, políticos e programáticos, tendo em vista a igualdade e equidade do género, bem como o empoderamento da mulher. Hoje, mais do que hastear a bandeira da emancipação feminina, preconiza-se a promoção da igualdade e do acesso equitativo entre mulheres a homens no processo de desenvolvimento, combate à discriminação e à violência com base no sexo. A nível regional e internacional, Angola adere às aos principais instrumentos, em benefício do cumprimento dos direitos humanos e desenvolvimento da mulher e menina.

Entre os catorze documentos catalogados como "Principais Marcos Legais e Internacionais", pelo Relatório Analítico de Género de Angola, elaborado pelo então Ministério da Família e Promoção da Mulher (MINFAMU), em 2017, destaca-se a "Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher". Segundo uma brochura publicada em 2018, pelo Ministério da Justiça e dos Direitos Humanos, este é o mais importante instrumento destinado à protecção e promoção dos direitos das mulheres. "É o primeiro documento a reconhecer expressamente a mulher como um ser humano pleno.

Em homenagem às 129 operárias amotinadas na fábrica de Nova Iorque, o 8 de Março simboliza um momento global de reflexão sobre a longa luta da mulher pela igualdade de direitos.

Angola possui legislação e políticas que visam assegurar os direitos das mulheres.

A CEDAW contém direitos civis e políticos, assim como direitos económicos sociais e culturais".

A CEDAW, sigla padronizada em Língua Inglesa, foi adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas a 18 de Dezembro de 1979 e entrou em vigor em 13 de Setembro de 1981. Angola ratificou esta Convenção, criada exclusivamente para combater a discriminação com base no sexo, a 17 de Setembro de 1986. A Plataforma de Acção emanada da Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Pequim, em 1995, e a Declaração que contém os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), de 2000, constituem igualmente instrumentos citados pelo relatório do extinto MINFAMU. Relativamente ao continente africano, os direitos da mulher são abordados no protocolo da Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos.

Legislação e políticas

Angola possui legislação e políticas que visam assegurar os direitos das mulheres. A Constituição da República de Angola (CRA) comagra expressamente a igualdade de género no seu artigo 23º, segundo o qual "ninguém pode ser prejudicado, privilegiado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão do sexo". Combase nesse princípio e no "reconhecimento das responsabilidades do Estado", foi criada, por intermédio do Decreto Presidencial nº 222/13, a "Política Nacional para Igualdade e Equidade de Género: Estratégia de Advocacia e Mobilização de Recursos para Implementação e Monitorização da Política. A lei entrou em vigor no dia 10 de Dezembro de 2013 e revoga toda a legislação que a contraria.

Trata-se de um documento importante em prol do "reforço da capacidade institucional e operacional de integrar as questões de género a nível central, local e institucional, incluindo acções legislativas e administrativas sobre a igualdade entre homens e mulheres". Ousibindo do consoada introdução do documento que considera a emancipação da mulher e a igualdade de género "resultado de um processo complexo de remoção de barreiras que muitas vezes requer uma prática ponderada de discriminação positiva a favor da mulher". Lê-se ainda na introdução que, num país com mais de 50% da população do sexo feminino, "onde se projecta a construção de uma sociedade equitativa, a questão da igualdade e equidade de género torna-se um pressuposto fundamental".

De acordo com o Decreto Presidencial em referência, a promoção da igualdade implica a intervenção nas quatro dimensões a seguir textualmente reproduzidas. Eliminar a disparidade e discriminação baseada no género e assegurar que os programas, políticas e planos de desenvolvimento tomem em consideração as necessidades e interessas das mulheres e dos homens. Levar os homens, as mulheres, bem como a sociedade em geral, para o processo de mudança de atitudes e comportamentos; eliminar os factores que constrangem o acesso e o controle das mulheres aos recursose aos órgãos de tomada decisão

A liderança governamental ilustra igualmente as assimetrias. Dos 31 ministros, 13% são mulheres.

complementam os itens designados.

O decreto faz notar que a ascensão de mulheres aos cargos direcção e chefia constitui parte dos resultados "das acções empreendidas pelo Executivo angolano e pelas organizações da sociedade civil, para a promoção do equilíbrio nas relações do género. Estamos a falar de documentos com objectivos, propostas, indicadores, orientações estratégicas e metas. Ou seja, de políticas públicas para cuja implementação existem mecanismos de monitoria. Esta envolve a coordenação entre os níveis de governação local e nacional, através dos conselhos de auscultação do departamento ministerial encarregue de implementar as políticas para a mulher.

Plano Institucional

Empdincípio, fica claro que Angola abraçou mecanismos internacionais, produziu legislação e traçou políticas conducentes a materializar o princípio da igualdade. Apesar de não serem tão expressivas quanto desejadas, há conquistas a assinalar durante os quase 45 anos de independência. Algumas políticas públicas vêm transformando o mapa da desigualdade num país que, até ao início dos anos 90, praticamente, não contava com estatísticas desagregadas por sexo. A criação, em 1991, da Secretaria de Estado para a Promoção da Mulher, que evoluiu posteriormente para Ministério da Família e Promoção da Mulher (MINFAMU), deu corpo a um mecanismo encarregue de definir e executar a política governamental para o sector.

Em 1997, por intermédio do Decreto Presidencial 178/14, de 25 de Julho, foi criado o MINFAMU, com a missão de apoiar a integração, empoderamento e desenvolvimento das mulheres na vida social, política, económica e cultural. O MINFAMU, conforme lhe competia, citou a Direcção Nacional para a Igualdade e Equidade do Género, encarregue de acompanhar as políticas, no espaço da sua esfera de acção, entre as distintas instituições governamentais, não - governamentais e parceiros de desenvolvimento da sociedade civil. Ódrgão sobreviveu à extinção do MINFAMU, cujas funções foram atribuídas ao multi-sectorial Ministério da Acção Social Família e Promoção da Mulher, emanado das eleições de 2017.

MULHERES EM ANGOLA
13.289.983
Cesso populacional de 2014
51%

ASSEMBLEIA NACIONAL EM 2017
220
67
30,4 %

A LIDERANÇA GOVERNAMENTAL
31 Ministros
13%

SECRETÁRIOS DE ESTADO
42
16
16%

GOVERNADORES PROVINCIAIS
15
3

Estatísticas desfavoráveis

Apesar das políticas direccionadas à igualdade do género e da existência de conquistas, conforme mencionado no subtítulo anterior, seria utópico falar em paridade no nosso contexto e empoderamento da mulher. De acordo com o censo populacional de 2014, o país tinha 25.789.024 habitantes. Dessa cifra, 13.289.983 são mulheres, correspondendo a cerca de 52% da população angolana. Portanto, as mulheres constituem a maioria. Talvez por isso os indicadores da pobreza simbolizem, quase sempre, um rosto feminino. As mulheres são a maioria entre a legião de desempregados, de pessoas com menor instrução, vítimas de violência de todo o tipo e até dentre os infectados com HIV-SIDA. A economia informal é dominada por mulheres, com realce para as vendedoras nos mercados e as zungueiras.

Em contrapartida, estão em minoria em cargos de decisão ou de maior visibilidade social, como gestão no sector público ou na diplomacia. Na Assembleia Nacional, emanada das eleições de 2017, houve um decréscimo da representação feminina. Dos 220 deputados, 67 são mulheres, perfazendo aproximadamente 30,4%. A percentagem em inverte a tendência da legislaturas anteriores. Em 2018, dos deputados distribuídos por cinco partidos, 188 eram homens e 82 mulheres, o equivalente a 36,8% dos mandatos. A título ilustrativo, até 2017, das 56 representações diplomáticas angolanas no exterior, apenas 5 eram dirigidas por mulheres.

A liderança governamental ilustra igualmente as assimetrias. Dos 31 ministros, 13% são mulheres. A nível dos secretários de Estado, o fosso é maior: há 42 homens e 16 mulheres, dado equivalente a 16%. A percentagem baixa para 11 quando falamos de governadores provinciais. Dos 18, somente três são do sexo feminino. Joana Lina Cristiano (Huambo), Maria Regina Quiosa (Bengo) e Gerdina Ulipamwe Didalelwa (Cunene) fazem a diferença.

Ainda no sector político, Luísa Damião, do MPLA, e Arlete Chimbinda, da UNITA, assumem a vice-presidência dos maiores partidos angolanos. A grande incógnita consiste em confirmar se os partidos mantêm ou mulheres nessas posições chave, particularidade que, seguramente, impulsionaria a adopção do chamado sistema Zebra, quer dizer, a alternância entre homens e mulheres, ao mais alto nível.

Uma análise breve da trajectória das mulheres em cargos de decisão evidencia que o acesso à educação e formação profissional conjugado com políticas públicas realistas, mas igualmente corajosas, podem promover mudanças. Evidentemente, o mérito maior é das mulheres. A capacitação e aposta em quotas assentes em projectos sustentáveis é o "toque de mágica", traduzido por vontade política com resultados palpáveis nos países nórdicos.

Aclaridência dos números permite inverter o ângulo da abordagem e concluir que há um extenso caminho a percorrer para derrubar as desigualdades. As mulheres, sujeitos activos do processo de mudanças, têm responsabilidades cruciais. Em primeiro lugar, através do exercício de cidadania. Mais do que mera silenciosa massa votante, podem influenciar metamorfoses por intermédio da sociedade civil e dos partidos políticos em que militem, factor que representa o portunidade soberana de influenciar positivamente as agendas.

VERA DAVES, MINISTRA DAS FINANÇAS

"Defendo a afirmação da mulher, mas não sou uma feminista radical"

Vera Daves diz que faz parte de uma família com sensibilidade política e com vontade firme de ver Angola crescer. A ministra das Finanças afirmou, em entrevista ao *Jornal de Angola*, que é uma defensora da emancipação e afirmação da mulher, mas que não é feminista radical. Acredita que as pessoas devem ter acesso às mesmas oportunidades e devem afirmar-se pelo trabalho e pelo empenho, e não pelo género.

Regina Handa

A senhora é a primeira ministra das Finanças. Como encarou o convite para ocupar o lugar e o que pensou de seguida?

Primeiro, senti-me profundamente honrada. É um grande privilégio receber um convite com essa importância, dimensão e responsabilidade, não só pela função em si, mas pelo momento que estamos a viver, em que a gestão das finanças públicas encerra um conjunto de desafios. Sentime honrada, mas também acusei o peso da responsabilidade e cautela. Nos dias que se seguiram, mal dormi a pensar no que seria, qual seria o impacto na minha vida pessoal e no que teria que fazer para honrar o voto de confiança que me foi depositado. Com uma consciência dupla, primeiro, não defraudar a confiança de quem apostou em mim, no caso o Titular do Poder Executivo, nomeando-me, e, por outra, sabendo que eu representava dois grupos, os jovens e as mulheres, e que estariam estes a olhar para mim com muita atenção, esperança e, certamente, a vibrar com as minhas vitórias e a sofrer com as minhas derrotas. Durmo e acordo a pensar nessa dupla responsabilidade.

Penso que o empreendedorismo é uma das respostas para o salto que a nossa economia deve dar.

Ao olhar para si, jovem, mulher, pensa que sem a aludida história de proveniência de uma família política, que lições se podem tirar?

Bem, na história política, tenho a minha avó que foi militante do MPLA; a minha tia, que esteve na génese da criação da OMA; os meus avós, que acolheram vários militantes que começaram a pensar na Independência, acolheram várias pessoas em sua casa, quando estiveram emigrados no Congo, uma delas Agostinho Neto. A minha tia trabalhou na Casa Civildo Presidente Agostinho Neto, a minha mãe tem militância, de modo que não é assim tudo descolado dessa realidade e sensibilidade política. Eaoparte de uma família com sensibilidade política e com vontade firme de ver Angola a crescer e ver os angolanos com uma vida digna. Mas acredito que, independentemente do percurso política e da história política de cada família, temos todos nós que ter um compromisso firme em fazermos a nossa parte, para que tenhamos uma vida mais digna.

No Ministério das Finanças, seguramente, encontrou mais homens. Aparidade, o mérito e a competência são mesmo escritérios para a idicação dos quadros?

Eu sou uma defensora bastante vibrante e democratocracia. Obviamente que defendo a emancipação, afirmação da mulher, mas não sou uma feminista radical. Acredito que as pessoas devem ter acesso às mesmas oportunidades e devem afirmar-se pelo trabalho e pelo empenho, e não pelo género. De modo que quem mostrar trabalho e empenho, independentemente do género, terá o seu espaço e o seu reconhecimento. Eu trato homens e mulheres com igualdade. Diz-se que as mulheres governam como mãe e pai.

Ante o facto de no actual Governo existirem muitas mulheres, o país pode dormir um "sono tranquilo"?

Eu penso que todos nós, homens e mulheres, queremos garantir que quem nos nom eou durma um bom sono; não queremos que o Titular do Poder Executivo figure permutado por ter tido alguma fragilidade no nosso trabalho, seja de homens ou mulheres. Há quem refira que a mulher é mais atenta aos detalhes e perfeccionista. Ao longo do meu percurso, já vi tudo. Cada um de nós deve dar o melhor de si pelo país, independentemente de ser homens ou mulheres.

Como deviamos tirar vantagem da força e sentido de oportunidade da mulher Zungueira?

As mulheres têm um espírito empreendedor muito forte, são diligentes, perseverantes; não se deixam abater com facilidade. As características individuais estão lá, agora o que se tem de trabalhar é na capacitação, no método. Temos que ajudar a organizar os locais onde elas possam estar para exercer a sua actividade. Precisamos de ajudar com algumascompetências e darideias de se estruturarem e se tirar partido dessas características pessoais, que são muito positivas, e serem optimizadas.

Como avalia o contributo da mulher angolana na economia nacional?

As mulheres angolanas são bravas e guerreiras. Quando achamos que elas já chegaram nos seus limites, conseguem reinventar-se e se superar em frente. É impressionante; é uma força interior que só pode vir do Alto; acredito que isso só pode vir de Deus. Mas também é preciso consciência de que uma parte considerável destas guerreiras que engrossa a economia informal tem condições precárias de trabalho. Penso que o Executivo deve continuar a fazer todo o esforço para que a actividade económica seja normalizada e que estas mulheres se possam organizar em cooperativas e ter acesso às condições interessantes de algum tipo de financiamento, formação,

PERFIL

Vera Daves de Sousa

Quantos filhos tem?
Tenho dois filhos

Onde passa as férias?
(Risos) ... Tenho uma mãe com condição de saúde que inspira cuidados e, infelizmente, por mais que os possamos ter, nesses vários países do mundo, aproveito todas as oportunidades e todos os tempos livres para visitar e estar com ela, uma vez que está impossibilitada de vir para Angola, pelo menos para já. Sempre que tenho o tempo livre é com ela que estou.

Onde nasceu?
Em Luanda, na maternidade Lucrécia Paim.

Qual idade tem?
Tenho 36 anos, completo 37 dia 18 de Maio

A província que mais gosta?
Eu gosto de Angola. Cada província tem o seu encanto e seria injusto escolher uma. Gosto do meu país! Já tive oportunidade de estudar fora, até bolsa de estudo me ofereceram, tinha 12 anos na altura. Quem como se tivesse quase a ser massinada, porque não gostava de lá estar, com todo respeito para com o país, pois criaram me razoavelmente bem. Tive acesso a um ensino bom, fiquei por um ano, foi muito bom para o meu percurso, mas só queria estar cá. Os amigos gozavam com-igo, "tás doente, isso, cá tem isso", mas eu dizia: "eu gosto das pessoas, da atmosfera e gosto de saber que alguém dia, de alguma forma, vou ajudar a resolver estes desafios que vocês estão a falar". Tinha 12 anos na altura.

Pratica algum tipo de de desporto?
(Risos) ... Sim! O ideal seria praticar com regularidade, mas não consigo, sou apreciadora de Yoga e Pilates.

Sabe cozinhar?
Sim e muito bem, modéstia à parte. Mas serviços e os bens públicos a serem fornecidos em quantidade e qualidade que os angolanos precisam merecem. O segundo é contribuir para a reforma do crescimento. Não é uma missão que eu possa fazer sozinha, natu-ralmente; cada departamento ministerial tem a sua respon-sabilidade, mas naquilo que for responsabilidade do Ministério das Finanças, quero fazer o melhor possível para que pos-samos ver Angola a sair de anos consecutivos de crescimento negativo e finalmente entrar em terreno positivo.

Prato preferido?
Eu gosto de comida, tudo que leve banana-pão. Sou apaixonada por banana-pão, feijão, um bom peixe grelhado. Em suma, gosto de comida.

Sabe dançar?
Gosto muito de dançar. Vou contar-lhe uma história: quando fui secretária de Estado, ligaram-me vários amigos para dar os parabéns. Mas dois deles, com quem tenho relação muito íntima, a primeira coisa que me disseram foi: "Vera, assim estás terminantemente proibida de fazer o que costumas a fazer. A partir de hoje, acabou, és figura pública, já não podes fazer aquilo" ... Porque sou do estilo chego numa festa fico no muto da roda e não saio até ao fim... Desde que fui proibida, estou a cumprir à risca a recomendação e comunico-me. Até o Xuduro, de que gosto tanto, já não danço; não sei os "toques" novos...

Eu gosto de Angola. Cada província tem o seu encanto e seria injusto escolher uma.

Um dia-a-dia alucinante

Como é que é o dia-a-dia de uma ministra das Finanças? Consegue conciliar a activi-dade de mãe, esposa e gover-nante?
É alucinante, literalmente, porque é muita pressão; são muitas reu-niões, emails, muitos documentos, muitas expectativas, depois ainda tem a família para gerir, marido e filhos. Há dias em que me apeo-teco chorar... Há dias muus mas, também, há dias recompensa-dores, como tudo na vida. Deus tem-me capacitado.

Quais são os grandes desafios que pensa cumprir, uma vez que está à frente de num dos mais importantes departa-mentos ministeriais?
Consolidação fiscal, por meio da optimização da arrecadação de receitas fiscais, alargamento da base tributária, pela via de termos a certeza de que a des-pesa que estamos a executar atinge os angolanos de forma efectiva. Estou sempre a falar da "qualidade da despesa" e acho que é a palavra que mais repeti desde que tomei posse. Mas não é à toa. Acredito que, se conseguirmos que a despesa seja executada com qualidade e isse assegurarmos que não há vazamentos no circuito de exe-cução da despesa, teremos os serviços e os bens públicos a serem fornecidos em quantidade e qualidade que os angolanos precisam e merecem. O segundo é contribuir para a reforma do crescimento. Não é uma missão que eu possa fazer sozinha, natu-ralmente; cada departamento ministerial tem a sua respon-sabilidade, mas naquilo que for responsabilidade do Ministério das Finanças, quero fazer o melhor possível para que pos-samos ver Angola a sair de anos consecutivos de crescimento negativo e finalmente entrar em terreno positivo.

Que palavra deixa para as as mulheres? E temos a come-morar mais um dia 8 de Março?
Quem ão aceitem rótulos de que tipo for, seja da raça, género, padrão de beleza, forma de vestir, de pensar, de crenças. Olhem para si mesmas, vejam aquilo em que acreditam, ter a certeza que aquilo em que acreditam não viola a qualquer lei, nem ofende o limite dos outros; ofendam e batam-se por isso até ao fim.

Edna Dala

LUISA DAMIÃO, VICE-PRESIDENTE DO MPLA

"Sou uma mulher de desafios e sem medo dos obstáculos"

Assume-se como uma mulher destemida e de desafios. Luísa Damião, a primeira figura feminina a ocupar o cargo de vice-presidente do maior partido político do país, o MPLA, diz ser uma mulher de desafios e que, quando abraça uma responsabilidade, procura desempenhá-la da melhor forma, para não defraudar quem lha confiou. Em entrevista ao Jornal de Angola, para marcar o Dia Internacional da Mulher, Luísa Damião sublinhou que dorme e acorda a pensar no trabalho: "Para que o resultado seja profícuo e responda às orientações do líder e do partido".

É a primeira mulher a ocupar o cargo de vice-presidente no MPLA. Quais são os grandes desafios ?
O grande desafio, neste momento, é continuarmos a reforçar as reformas políticas, económicas e sociais, consubstanciadas na mobi-lização dos militantes, sim-patizantes e amigos do MPLA, para se alcançarem as grandes metas eleitorais, bem como a inclusão social de todos os angolanos. O MPLA é um partido que se quer cada vez mais dinâmico, moderno e de inclusão, que quer contar com a sabedoria de todos. Consideramos que todos os nossos militantes têm valên-cias e ideias que podem con-tribuir para um partido mais forte e dinâmico, que possa corresponder, cada vez mais, às aspirações do povo.

Enquanto mulher?
Quando assumi o desafio que me foi colocado, não olhei para mim como uma mulher, mas como militante que deve estar preparada para servir os seu partido. Portanto, não me coloco na condição de mulher, mas de militante a quem foi dada essa respon-sabilidade, de coadjuvar o presidente e ajudar a cum-prir com os propósitos do partido. Depois, temos, tam-bém, o factor novidade, de ser a primeira vez que se con-fia essa tarefa a uma mulher, o que gera uma enorme expectativa. As pessoas estão expectantes para ver o que esta mulher vai realizar. Aqui, tenho que ser ousar a estratégia do presidente no mesmo par-tido , em apostar nas mulhe-res. Trata-se de um cargo de eleição, para o qual concor-reram duas mulheres. Este é o momento oportuno para dar mos o nosso melhor e contribuirmos para cumprir com as orientações do MPLA e do seu líder, a fim de cor-responder às expectativas da população.

O que tem sido mais difícil nas suas funções, tendo em conta o facto de o partido ter a res-ponsabilidade da governação?
Não gosto de ver as coisas neste prisma, como muito difícil. Não começo a olhar logo pelas difi-culdades. Sou uma pessoa muito positi-vista e uma mulher de desa-fios, que gosta de trabalhar em equipa, e que facilita o per-curso. Trabalho com uma equipa unida e coesa, que tem objectivos bem definidos a cumprir. Se trabalh armos em conjunto e tivermos uma acção de grupo sempre iremos caminhar os juntos para o mesmo objectivo, não será difícil levar a cabo essa tarefa. Dia-logamos, trocamos ideias e vemos o que é melhor para o partido, em função das orientações que existem.

Como tem sido o retorno dessa liderança, pelos que a rodeiam?
No nosso partido, a vida é mais facilitada, porque tra-balhamos com orienta-ções. Se cada um, no seu lugar, fizer bem o seu papel, no fim do dia, quando fizer-mos o balanço, vamos ver que cumprimos o nosso papel. Todos juntos e unidos.

Já em algum momento , pen-sou que não conseguiria cum-prir com as suas funções?
Nunca pensei, a vida é de muitos desafios e; que gosta de trabalhar em equipa. Por isso, não vejo dificuldades aí aonde elas não existem. Quando digo "assumir bem", estou a referir-me ao cum-primento de todos os preceitos e regulamentos o que existem no nosso partido. Se me foi confiada essa tarefa, o mínimo é fazê-lo bem e não defraudar a confiança que me foi depo-sitada pelo presidente do nosso partido.

Acredita que a nossa sociedade está preparada para ter uma mulher na liderança do país?
O nosso país foi colonizado durante 500 anos, temos ainda alguns resquícios de machismo. Mas esta ser feito um trabalho, cada vez maior, de se reconhecer o papel das mulheres na sociedade. A mulher, ela própria, tem que ser capaz de se assumir e exercer um cargo impor-tante no sector dos petróleos ela é engenheira Albina Assis. Naquela altura, o MPLA já prestava especial atenção à mulher e lhe dava uma gran-des responsabilidades. Por-que, no rmalmente, as mulheres são relegadas para posições mais secundárias. Neste momento, as mulheres devem estar preparadas o suficiente para dar o seu melhor contributo nos sec-tores político, económico e social. Temos mulheres muito bem representadas no poder Legislativo, Exe-cutivo e Judicial, o que prova, primeiro a mulher que temos a marchar a dar o seu con-tributo ao desenvolvimento do país.

Estaremos ou não em condições de ter uma mulher no poder?
Ou seja, como Chefe de Estado?
Em África, já tivemos mulhe-res na liderança de Estados. Refiro- me a nomes como Ellen Johnson, na Libéria, Joyce Banda, Malawi, e outras. Não creio que em Angola possa ser diferente. Quer dizer, também é possível.

É contra ou a favor da poli-tica de quotas para inclusão de mulheres em cargos de direcção?
Eu sou a favor das quotas sempre e quando ela estiver aliada a competência e meri-tocracia. Digamos que é uma discriminação positiva, mas necessária.
O objectivo das quotas é colo-car mais mulheres nos órgãos de decisão, sobretudo nos pas-ses em que não existe a Lei da Paridade do Género. Não deve-mos perder de vista que a par-ticipação equilibrada de homens e mulheres nos órgãos de tomada de decisão política e económica é um requisito da democracia e um factor decisivo para o desenvolvi-mento sustentável dos Estados. Entendo que o empodera-mento, a igualdade de género e os direitos das mulheres são essenciais não apenas para as mulheres, mas também para toda a sociedade.

Para o MPLA, o que significa política no feminino?
Para o MPLA, a política no feminino faz parte de uma estratégia de colocar as mulheres a participarem tam-bém na vida política do país e a estarem representadas nos princípais órgãos de deci-são, o que passa pela própria preparação das mulheres. Desde a sua fundação, as mulheres sempre estiveram no centro das atenções do MPLA. No primeiro Comité Directivo, já havia mulheres representadas. E verdade que eram poucas, mas tinhamos. E o número, com o passar dos anos, foi subindo. Um partido com a maturidade que tem o MPLA e atento as grandes questões da família tem que prestar atenção e dar oportunidades a mulhe-res, tendo em conta que elas constituem 52% da população no país. Portanto é que o MPLA defende uma política de emancipação, o fortalec-imento cada vez mais das mulheres na vida política, económica e social, para que elas possam ajudar a encon-trar soluções para muitos dos problemas que nos afligem.

Sente que as mulheres têm forma diferente de fazer política?
Sim! As mulheres fazem-na de forma diferente, por terem mais sensibilidade sobre os assuntos e por viverem deter-minadas situações. Nas socie-dades tradicionais africanas, por exemplo, onde o soba tem o principal papel, quando há necessidade de se tomarem decisões, de consulta a sua mulher, porque ela convive directamente com a comu-nidade, conhece os seus prin-cipais problemas e vive directamente com as crianças. Nunca devemos descurar o papel das mulheres na nossa sociedade. O escritor e his-toriador francês René Remond diz que o respeito pelas mulheres não é somente uma obrigação moral, mas um imperativo económico. E África não tem outra opção, senão dar à maioria das mulheres muitas de instrução e educação, para que elas possam participar na desen-volvimento dos seus países. Sem a participação das

O nosso país foi colonizado durante 500 anos, temos ainda alguns resquícios de machismo.

mulheres, não existe uma verdadeira democracia nas sociedades. Deste modo, resume-se a importância que têm na sociedade.

Os programas do Governo ajudam, por exemplo, a impul-sionar a figura da mulher?
Penso que sim. Nos docu-mentos reitores do MPLA, damos um destaque essencial às mulheres. As estruturas do partido definitivamente deve existir pelo menos uma par-ticipação de 40% de mulheres nas várias estruturas do nosso partido, conferindo-lhes, deste modo, mais responsa-bilidades. O partido, respon-sável pela governação, está a cumprir com os instrumen-tos internacionais, de que somos subscritores. Angola é membro das Nações Unidas, que instou os países-mem-bros a alcançarem, até 2030, a paridade no género.

Neste sentido, que passos con-cretos já foram dados?
Estamos a dar passos seguros para cumprirmos com o dese-derato pre conizado pelas Nações Unidas. Sendo mem-bro e subscritor destes ins-trumentos internacionais, devemos fazer esse trabalho para cu mprir a meta. O Governo conta, até agora, com 39% de mulheres, um teste-munho claro de que estamos a realizar um trabalho sólido.

Acredita que o empoderamento da mulher e a política no femi-nino sejam dois conceitos dife-rentes, apesar de representarem o mesmo género?
O empoderamento da mulher é uma consequência da pol-tica no feminino. Uma tem como meta criar condições para que a mulher seja cada vez mais independente eco-nómica e financeiramente e a outra é o principal vector que contribui para uma m ai or igualdade e entre homens e mulheres na esfera social. Se olhamos para uma moeda, facilmente notamos que é uma coisa única, mas com dois lados de extrema importância. O compromisso comum consiste nos pre-ceitos de igualdade de género. São estes dois ele-mentos que fortalecem o papel da mulher na luta con-tra os males que ainda enfrenta, como o analfabe-tismo, a desigualdade, a vio-lência doméstica, a instabilidade nas famílias e a defesa dos valores cívicos, éticos e morais. Todavia, pre-cisamos de continuar a envi-dar esforços no sentido de todos apoiarmos o Executivo liderado pelo Presidente João Lourenço.

Os programas do Governo aju-dam, por exemplo, a impul-sionar a figura da mulher?
Penso que sim. Nos docu-mentos reitores do MPLA, damos um destaque essencial às mulheres. As estruturas do partido definitivamente deve existir pelo menos uma par-ticipação de 40% de mulheres nas várias estruturas do nosso partido, conferindo-lhes, deste modo, mais responsa-bilidades. O partido, respon-sável pela governação, está a cumprir com os instrumen-tos internacionais, de que somos subscritores. Angola é membro das Nações Unidas, que instou os países-mem-bros a alcançarem, até 2030, a paridade no género.

Neste sentido, que passos con-cretos já foram dados?
Estamos a dar passos seguros para cumprirmos com o dese-derato pre conizado pelas Nações Unidas. Sendo mem-bro e subscritor destes ins-trumentos internacionais, devemos fazer esse trabalho para cu mprir a meta. O Governo conta, até agora, com 39% de mulheres, um teste-munho claro de que estamos a realizar um trabalho sólido.

Acredita que o empoderamento da mulher e a política no femi-nino sejam dois conceitos dife-rentes, apesar de representarem o mesmo género?
O empoderamento da mulher é uma consequência da pol-tica no feminino. Uma tem como meta criar condições para que a mulher seja cada vez mais independente eco-nómica e financeiramente e a outra é o principal vector que contribui para uma m ai or igualdade e entre homens e mulheres na esfera social. Se olhamos para uma moeda, facilmente notamos que é uma coisa única, mas com dois lados de extrema importância. O compromisso comum consiste nos pre-ceitos de igualdade de género. São estes dois ele-mentos que fortalecem o papel da mulher na luta con-tra os males que ainda enfrenta, como o analfabe-tismo, a desigualdade, a vio-lência doméstica, a instabilidade nas famílias e a defesa dos valores cívicos, éticos e morais. Todavia, pre-cisamos de continuar a envi-dar esforços no sentido de todos apoiarmos o Executivo liderado pelo Presidente João Lourenço.

A mulher tem que se preparar no campo profissional e académico, para dar respostas a essas oportunidades.

Avice - presidente fel jorna-lista. Que avaliação faz do desempenho das mulheres jornalistas hoje?
Tradicionalmente, o jornalismo assumia-se como um universo mais masculinizado, mas tal como noutras esferas, as mulhe-res romperam as barreiras e constatamos, com satisfação, a presença crescente de jorna-listas em qualidade e quantidade nos órgãos de comunicação social. Elas têm estado a dar o seu contributo no exercício de um jornalismo mais isento, plural e responsável, pa-ticado com rigor e objec-tividade. Encontramos mulheres que abraçam o jornalismo de investi-gação, pensando na educação do cidadão e no interesse público. Que continuem a pra-ticar um jornalismo de excelência, baseado em investigações apuradas e na busca incessante do valor notícia. Temos muitas jornalistas que nos orgulham, pois pau-tam-se pelo cumprimento dos parâmetros do exercício da pro-fissão, assim como dos direitos, deveres e responsabilidades profissionais.

Onde há mais pressão? No jornalismo ou enquanto res-ponsável política?
Nos dois casos existem momen-tos de pressão. Temos é que agir com muita serenidade, responsabilidade, disciplina, rigor, profissionalismo e resi-liência. O político deve corres-ponder aos anseios, aspirações e às expectativas do cidadão. O jornalista tem responsabi-lidade social e um papel impor-tante na educação do cidadão.

Ao nível da OMA, que aspec-tos foram melhorados, para intensificar o desempenho da organização?
A OMA melhorou todos os dias. Passados 58 anos, a Organização deu lições de sí mesma de antes. Registamos que a OMA tem vários programas inovadores, que contribuem para processo de alfabetização, fortalecimento da cultura jurídica das mulheres e conta ainda com uma grande experiência na criação de cen-tros de aconselhamento jurí-dicos, onde as mulheres podem ser orientadas da melhor forma para resolverem as suas preo-cupações no seio familiar, com vista a garantir a harmonização das famílias. A OMA tem pro-gramas dedicados à educação para a saúde da mulher nas comunidades, onde estas podem aprender mais sobre a educação, a saúde e valores nutricionais. A organização tem estado a se modernizar todos os dias e a responder com os propósitos aos ideais políticos do partido.

Quem são as grandes per-sonalidades que mais admira?
Admiro muito a queriana Wan-gari Muta Maathai, vencedora de um Nobel, pelo trabalho que tem desempenhado em prol do meio ambiente. Maa-thai já pensava nas gerações futuras; e a mulher que me inspira muito. Nelson Mandela, pela sua capacidade de per-doar e reconciliar-se com os seus; Deng Xiaoping, da China, empreendeu duas grandes refor-mas no seu país; o Presidente da República, João Lourenço, porque comungo algumas ideias que ele tem, relativa-mente à moralização da sociedade. A minha admiração pelo Pre-sidente João Lou-renço estende-se ainda por ele conflar muito nas mulheres e nos jovens. Se não tivesse confiança nas mulheres, não teria apostado nas duas candidatas a vice-presidente. Rejuvenesceu o seu comité central; é uma pes-soa que está a pensar no futuro, um facto muito importante, que inspira várias pessoas.

Mulheres romperam as barreiras e dão um grande contributo para um jornalismo mais isento e plural

Temos é que agir com muita serenidade, responsabilidade, disciplina, rigor, profissionalismo e resiliência.

"Trabalho a toda hora e momento"

O trabalho, para mim, é a toda hora e momento, sobre-tudo quando temos uma tarefa específica. Queremos que essa tarefa seja bem cumprida; pensamos nela dia e noite e não apenas quando chegamos no local de trabalho.

O que faz, primeiro, quando chega ao gabinete?
Despachar os documentos. Todos os dias, entram milhares e milhares de documentos e tenho que despachá-los. E depois, olhar para o nosso plano de trabalho. Temos que fazer planos de trabalho qua-drimestrais, que devem ser executados e afinados; temos de limar todas arestas para termos bons resultados.

Quando não está no gabi-nete, o que faz?
Gosto de conversar e ler. Neste momento, estou a ler um livro que me inspira muito: "A minha história", de Michelle Obama. Gosto também de dançar e estar com a minha família, com os meus netos e cozinhar, até porque sou uma cozinheira de mão cheia. Sempre que tenho tempo, gosto de cozinhar.

Sobre a moralização da sociedade, o que tem a dizer?
É um trabalho profundo, que temos que fazer paramora-lizar a nossa sociedade. Os angolanos perceberam que cada um de nós deve dar o seu contributo à sociedade. Se todos trabalharmos no sentido de banir as más práticas, pode-mos ter uma sociedade melhor.

Que mensagem deixa às mulheres, neste 8 de Março?
Apelo as mulheres a inves-tirem na formação política, profissional e académica, para responderem aos gran-des desafios do futuro. As mulheres devem dar o seu contributo nestes grandes desafios que temos, porque são o centro da família. Quanto mais elas contribui-rem na sociedade, estarão também a resolver os proble-mas das suas famí-lias. Que as mulheres tenham cada vez mais protagonismo e sejam sempre solidárias com as demais. Solidariedade não é dar o que nos sobra, mas partilhar o pouco que temos com o próximo.
As mulheres devem con-tinuar a aprofundar a sua par-ticipação na vida política, económica e social, para que possam estar cada vez mais bem representadas nos órgãos de decisão e assim orgulhar e servir de exemplo às com-panheiras que ainda não che-garam ainda lá, mas estão a caminho.

Revista Mulher Angolana | Domingo 8 de Março de 2020 | Jornal de Angola | 7

mulheres, não existe uma verdadeira democracia nas sociedades. Deste modo, resume-se a importância que têm na sociedade.

Os programas do Governo ajudam, por exemplo, a impul-sionar a figura da mulher?
Penso que sim. Nos docu-mentos reitores do MPLA, damos um destaque essencial às mulheres. As estruturas do partido definitivamente deve existir pelo menos uma par-ticipação de 40% de mulheres nas várias estruturas do nosso partido, conferindo-lhes, deste modo, mais responsa-bilidades. O partido, respon-sável pela governação, está a cumprir com os instrumen-tos internacionais, de que somos subscritores. Angola é membro das Nações Unidas, que instou os países-mem-bros a alcançarem, até 2030, a paridade no género.

Neste sentido, que passos con-cretos já foram dados?
Estamos a dar passos seguros para cumprirmos com o dese-derato pre conizado pelas Nações Unidas. Sendo mem-bro e subscritor destes ins-trumentos internacionais, devemos fazer esse trabalho para cu mprir a meta. O Governo conta, até agora, com 39% de mulheres, um teste-munho claro de que estamos a realizar um trabalho sólido.

Acredita que o empoderamento da mulher e a política no femi-nino sejam dois conceitos dife-rentes, apesar de representarem o mesmo género?
O empoderamento da mulher é uma consequência da pol-tica no feminino. Uma tem como meta criar condições para que a mulher seja cada vez mais independente eco-nómica e financeiramente e a outra é o principal vector que contribui para uma m ai or igualdade e entre homens e mulheres na esfera social. Se olhamos para uma moeda, facilmente notamos que é uma coisa única, mas com dois lados de extrema importância. O compromisso comum consiste nos pre-ceitos de igualdade de género. São estes dois ele-mentos que fortalecem o papel da mulher na luta con-tra os males que ainda enfrenta, como o analfabe-tismo, a desigualdade, a vio-lência doméstica, a instabilidade nas famílias e a defesa dos valores cívicos, éticos e morais. Todavia, pre-cisamos de continuar a envi-dar esforços no sentido de todos apoiarmos o Executivo liderado pelo Presidente João Lourenço.

A mulher tem que se preparar no campo profissional e académico, para dar respostas a essas oportunidades.

Avice - presidente fel jorna-lista. Que avaliação faz do desempenho das mulheres jornalistas hoje?
Tradicionalmente, o jornalismo assumia-se como um universo mais masculinizado, mas tal como noutras esferas, as mulhe-res romperam as barreiras e constatamos, com satisfação, a presença crescente de jorna-listas em qualidade e quantidade nos órgãos de comunicação social. Elas têm estado a dar o seu contributo no exercício de um jornalismo mais isento, plural e responsável, pa-ticado com rigor e objec-tividade. Encontramos mulheres que abraçam o jornalismo de investi-gação, pensando na educação do cidadão e no interesse público. Que continuem a pra-ticar um jornalismo de excelência, baseado em investigações apuradas e na busca incessante do valor notícia. Temos muitas jornalistas que nos orgulham, pois pau-tam-se pelo cumprimento dos parâmetros do exercício da pro-fissão, assim como dos direitos, deveres e responsabilidades profissionais.

Onde há mais pressão? No jornalismo ou enquanto res-ponsável política?
Nos dois casos existem momen-tos de pressão. Temos é que agir com muita serenidade, responsabilidade, disciplina, rigor, profissionalismo e resi-liência. O político deve corres-ponder aos anseios, aspirações e às expectativas do cidadão. O jornalista tem responsabi-lidade social e um papel impor-tante na educação do cidadão.

Ao nível da OMA, que aspec-tos foram melhorados, para intensificar o desempenho da organização?
A OMA melhorou todos os dias. Passados 58 anos, a Organização deu lições de sí mesma de antes. Registamos que a OMA tem vários programas inovadores, que contribuem para processo de alfabetização, fortalecimento da cultura jurídica das mulheres e conta ainda com uma grande experiência na criação de cen-tros de aconselhamento jurí-dicos, onde as mulheres podem ser orientadas da melhor forma para resolverem as suas preo-cupações no seio familiar, com vista a garantir a harmonização das famílias. A OMA tem pro-gramas dedicados à educação para a saúde da mulher nas comunidades, onde estas podem aprender mais sobre a educação, a saúde e valores nutricionais. A organização tem estado a se modernizar todos os dias e a responder com os propósitos aos ideais políticos do partido.

Quem são as grandes per-sonalidades que mais admira?
Admiro muito a queriana Wan-gari Muta Maathai, vencedora de um Nobel, pelo trabalho que tem desempenhado em prol do meio ambiente. Maa-thai já pensava nas gerações futuras; e a mulher que me inspira muito. Nelson Mandela, pela sua capacidade de per-doar e reconciliar-se com os seus; Deng Xiaoping, da China, empreendeu duas grandes refor-mas no seu país; o Presidente da República, João Lourenço, porque comungo algumas ideias que ele tem, relativa-mente à moralização da sociedade. A minha admiração pelo Pre-sidente João Lou-renço estende-se ainda por ele conflar muito nas mulheres e nos jovens. Se não tivesse confiança nas mulheres, não teria apostado nas duas candidatas a vice-presidente. Rejuvenesceu o seu comité central; é uma pes-soa que está a pensar no futuro, um facto muito importante, que inspira várias pessoas.

Mulheres romperam as barreiras e dão um grande contributo para um jornalismo mais isento e plural

Temos é que agir com muita serenidade, responsabilidade, disciplina, rigor, profissionalismo e resiliência.

"Trabalho a toda hora e momento"

O trabalho, para mim, é a toda hora e momento, sobre-tudo quando temos uma tarefa específica. Queremos que essa tarefa seja bem cumprida; pensamos nela dia e noite e não apenas quando chegamos no local de trabalho.

O que faz, primeiro, quando chega ao gabinete?
Despachar os documentos. Todos os dias, entram milhares e milhares de documentos e tenho que despachá-los. E depois, olhar para o nosso plano de trabalho. Temos que fazer planos de trabalho qua-drimestrais, que devem ser executados e afinados; temos de limar todas arestas para termos bons resultados.

Quando não está no gabi-nete, o que faz?
Gosto de conversar e ler. Neste momento, estou a ler um livro que me inspira muito: "A minha história", de Michelle Obama. Gosto também de dançar e estar com a minha família, com os meus netos e cozinhar, até porque sou uma cozinheira de mão cheia. Sempre que tenho tempo, gosto de cozinhar.

Sobre a moralização da sociedade, o que tem a dizer?
É um trabalho profundo, que temos que fazer paramora-lizar a nossa sociedade. Os angolanos perceberam que cada um de nós deve dar o seu contributo à sociedade. Se todos trabalharmos no sentido de banir as más práticas, pode-mos ter uma sociedade melhor.

Que mensagem deixa às mulheres, neste 8 de Março?
Apelo as mulheres a inves-tirem na formação política, profissional e académica, para responderem aos gran-des desafios do futuro. As mulheres devem dar o seu contributo nestes grandes desafios que temos, porque são o centro da família. Quanto mais elas contribui-rem na sociedade, estarão também a resolver os proble-mas das suas famí-lias. Que as mulheres tenham cada vez mais protagonismo e sejam sempre solidárias com as demais. Solidariedade não é dar o que nos sobra, mas partilhar o pouco que temos com o próximo.
As mulheres devem con-tinuar a aprofundar a sua par-ticipação na vida política, económica e social, para que possam estar cada vez mais bem representadas nos órgãos de decisão e assim orgulhar e servir de exemplo às com-panheiras que ainda não che-garam ainda lá, mas estão a caminho.

mulheres, não existe uma verdadeira democracia nas sociedades. Deste modo, resume-se a importância que têm na sociedade.

Os programas do Governo ajudam, por exemplo, a impulsionar a figura da mulher?
Penso que sim. Nos documentos reitores do MPLA, damos um destaque essencial às mulheres. As estruturas do partido definiram que deve existir pelo menos uma participação de 40% de mulheres nas várias estruturas do nosso partido, conferindo-lhes, deste modo, mais responsabilidades. O partido, responsável pela governação, está acumprir com os instrumentos internacionais, de que somos subscritores. Angola é membro das Nações Unidas, que instou os países-membros a alcançarem, até 2030, a paridade no género.

Neste sentido, que passos concretos já foram dados?
Estamos a dar passos seguros para cumprirmos como desiderato preconizado pelas Nações Unidas. Sendo membro e subscritor destes instrumentos internacionais, devemos fazer esse trabalho para cumprir a meta. O Governo conta, até agora, com 39% de mulheres, um testemunho claro de que estamos a realizar um trabalho sólido.

Acredita que o empoderamento da mulher e a política no feminino sejam dois conceitos diferentes, apesar de representarem a mesma génese?
O empoderamento da mulher é uma consequência da política no feminino. Uma tem como meta criar condições para que a mulher seja cada vez mais independente económica e financeiramente e a outra é o principal vector que contribui para uma maior igualdade entre homens e mulheres na esfera social. Se dissermos para uma moeda, facilmente notamos que é uma coisa única, mas com dois lados de extrema importância. O compromisso comum consiste nos preceitos de igualdade de género. São estes dois elementos que fortalecem o papel da mulher na luta contra os males que ainda enfrenta, como o analfabetismo, a desigualdade, a violência doméstica, a instabilidade nas famílias e a defesa dos valores cívicos, éticos e morais. Todavia, preconizamos de continuar a envidar esforços no sentido de todos apoiarmos o Executivo liderado pelo Presidente João Lourenço.

Dentro do programa político do MPLA existem aspectos específicos para o desempenho político da mulher?
Temos, no pro-

> **A mulher tem que se preparar no campo profissional e académico, para dar respostas a essas oportunidades.**

grama, uma política que assegura a efectiva emancipação da mulher, com destaque para uma participação maior na esfera política, económica e social. Existe essa política para dar maiores oportunidades às mulheres, para resolvermos os problemas que temos na sociedade. A mulher tem que preparar no campo profissional e académico, para dar respostas a essas oportunidades.

Como avalia esses programas?
Positivamente. Se tivermos em conta que as mulheres estão representadas em diversas esferas da sociedade e do poder legislativo, Executivo e judicial, que passam por políticas que existem para dar oportunidade às mulheres neste sentido. Existe uma lei que regula a participação das mulheres na vida política, que exige que os partidos políticos coloquem na sua lista pelo menos 30% de mulheres. O que é que acontece? Os homens até colocam esse 30% para cumprir com a lei, mas não ocupam nos lugares elegíveis. Por isso, vemos, tirando o partido no poder, que os partidos na oposição contam com uma representação feminina que diminuta. É preciso continuarmos a trabalhar no sentido de dar essa oportunidade às mulheres.

A vice-presidente foi jornalista. Que avaliação faz do desempenho das mulheres jornalistas hoje?
Tradicionalmente, o jornalismo assumiu-se como um universo mais masculinizado, mas tal como noutras esferas, as mulheres romperam as barreiras e constatamos, com satisfação, a presença crescente de jornalistas em qualidade e quantidade nos órgãos de comunicação social. Elas têm estado a dar o seu contributo no exercício de um jornalismo mais isento, plural e responsável, praticado corrigindo objectividade. Encontramos mulheres que abraçam o jornalismo de investigação, pensando na educação do cidadão e no interesse público. Que continuem a praticar um jornalismo de excelência, baseado em investigações apuradas e na busca incessante do valor notícia. Temos muitas jornalistas que nos orgulham, pois pautam-se pelo cumprimento dos parâmetros de exercício da profissão, assim como dos direitos, deveres e responsabilidades profissionais.

Onde há mais pressão? No jornalismo ou enquanto responsável política?
Nos dois casos existem momentos de pressão. Temos é que agir com muita serenidade, responsabilidade, disciplina, rigor, profissionalismo e resiliência. O político deve corresponder aos anseios, aspirações e às expectativas do cidadão. O jornalista tem responsabilidade social e um papel importante na educação do cidadão.

Ao nível da OMA, que aspectos foram melhorados, para intensificar e desempenho da organização?
A OMA melhora todos os dias. Passados 50 anos, a Organização de hoje não é a mesma de antes. Registamos que a OMA tem vários programas inovadores, que contribuem para o processo de afabetização, fortalecimento da cultura jurídica das mulheres e conta ainda com um magrande experiência na criação de centros de aconselhamento jurídicos, onde as mulheres podem ser orientadas da melhor forma para resolverem as suas preocupações no seio familiar, com vista a garantir a harmonização das famílias. A OMA tem programas dedicados à educação para a saúde da mulher nas comunidades, onde estas podem aprender mais sobre a educação, a saúde e valores nutricionais. A organização tem estado a se modernizar todos os dias e a responder com os propósitos aos ideais políticos do partido.

Quem são as grandes personalidades que mais admira?
Admiro muito a queniana Wangari Meta Maathai, vencedora de um Nobel, pelo trabalho que tem desempenhado em prol do meio ambiente. Maathai já pensava nas gerações futuras; é uma mulher que me inspira muito. Nelson Mandela, pela sua capacidade de perdoar e reconciliar-se com os seus; Deng Xiaoping, da China, empreendeu grandes reformas no seu país; o Presidente da República, João Lourenço, porque comungo algumas ideias que ele tem, relativamente à moralização da sociedade. A minha admiração pelo Presidente João Lourenço estende-se ainda por ele confiar muito nas mulheres e nos jovens. Se não tivesse confiança nas mulheres, não teria apostado nas duas candidatas a vice-presidente. Rejuvenesceu o seu comité central; é uma pessoa que está a preparar o futuro, um facto muito importante, que inspira várias pessoas.

> **Temos é que agir com muita serenidade, responsabilidade, disciplina, rigor, profissionalismo e resiliência.**

"Trabalho a toda hora e momento"

O trabalho, para mim, é a todahora e momento, sobretudo quando temos uma tarefa específica. Queremos que essa tarefa seja bem cumprida; pensamos nela dia e noite e não apenas quando chegamos no local de trabalho.

Como concilia as duas realidades, trabalho e família?
Concilio bem e, felizmente, tenho uma família que me apoia bastante. Quando encontramos na família este apoio necessário e encorajamento directo para continuar com a minha missão, não há qualquer dificuldade.

O que faz, primeiro, quando chega ao gabinete?
Despachar os documentos. Todos os dias, entram milhares e milhares de documentos e tenho que despachá-los. E depois, olhar para o nosso plano de trabalho. Temos que fazer planos de trabalho quadrimestrais, que devem ser executados e alinhados; temos de limar todas as arestas para os termos bons resultados.

Quando não está no gabinete, o que faz?
Gosto de conversar e ler. Neste momento, estou a ler um livro que me inspira muito: "A minha história", de Michelle Obama. Gosto também de dançar e estar com a minha família, com os meus netos e cozinhar, até porque sou uma cozinheira não chela. Sempre que tenho tempo, gosto de cozinhar.

Sobre a mobilização da sociedade, o que tem a dizer?
É um trabalho profundo, que temos que fazer para mobilizar a nossa sociedade. Os angolanos precisam que cada um de nós deve dar o seu contributo à sociedade. Se todos trabalharmos no sentido de boas práticas, podemos ser uma sociedade melhor.

Que mensagem deixa às mulheres, neste 8 de Março?
Apelo as mulheres a investirem na formação política, profissional e académica, para responderem aos grandes desafios que temos, porque são o centro da família. Quanto mais elas contribuírem na sociedade, estarão também a resolver os problemas das suas famílias. Que as mulheres tenham cada vez mais pró-activismo e sejam sempre solidárias com as demais. Solidariedade não é dar o que nos sobra, mas partilhar o pouco que temos com o próximo.

As mulheres devem continuar a aprofundar a sua participação na vida política, económica e social, para que possam estar cada vez mais bem representadas nos órgãos de decisão e assim orgulhar e servir de exemplo às companheiras que ainda não chegaram a essa posição.

garam al. É necessário uma participação maciça das mulheres nos processos eleitorais, não apenas como eleitoras, mas como candidatas. Que tenham uma participação significativa nas autarquias, porque elas vivem nas comunidades, conhecem os problemas, da mesma forma que os identificam, são capazes de encontrar soluções.

Especial Mulher Angolana | Domingo 8 de Março de 2020 | Jornal de Angola | 7

mulheres, não existe uma verdadeira democracia nas sociedades. Deste modo, resume-se a importância que têm na sociedade.

Os programas do Governo ajudam, por exemplo, a impulsionar a figura da mulher? Penso que sim. Nos documentos reitores do MPLA, damos um destaque essencial às mulheres. As estruturas do partido definiram que deve existir pelo menos uma participação de 40% de mulheres nas várias estruturas do nosso partido, conferindo-lhes, deste modo, mais responsabilidades. O partido, responsável pela governação, está acumprir com os instrumentos internacionais, de que somos subscritores. Angola é membro das Nações Unidas, que instou os países-membros a alcançarem, até 2030, a paridade no género.

Neste sentido, que passos concretos já foram dados? Estamos a dar passos seguros para cumprirmos como desiderato preconizado pelas Nações Unidas. Sendo membro e subscritor destes instrumentos internacionais, devemos fazer esse trabalho para cumprir a meta. O Governo conta, até agora, com 39% de mulheres, um testemunho claro de que estamos a realizar um trabalho sólido.

Acredita que o empoderamento da mulher e a política no feminino sejam dois conceitos diferentes, apesar de representarem a mesma génese? O empoderamento da mulher é uma consequência da política no feminino. Uma tem como meta criar condições para que a mulher seja cada vez mais independente económica e financeiramente e a outra é o principal vector que contribui para uma maior igualdade entre homens e mulheres na esfera social. Se dissermos para uma moeda, facilmente notamos que é uma coisa única, mas com dois lados de extrema importância. O compromisso comum consiste nos preceitos de igualdade de género. São estes dois elementos que fortalecem o papel da mulher na luta contra os males que ainda enfrenta, como o analfabetismo, a desigualdade, a violência doméstica, a instabilidade nas famílias e a defesa dos valores cívicos, éticos e morais. Todavia, preconizamos de continuar a envidar esforços no sentido de todos apoiarmos o Executivo liderado pelo Presidente João Lourenço.

Dentro do programa político do MPLA existem aspectos específicos para o desempenho político da mulher? Temos, no pro-

> A mulher tem que se preparar no campo profissional e académico, para dar respostas a essas oportunidades.

grama, uma política que assegura a efectiva emancipação da mulher, com destaque para uma participação maior na esfera política, económica e social. Existe essa política para dar maiores oportunidades às mulheres, para resolvermos os problemas que temos na sociedade. A mulher tem que preparar no campo profissional e académico, para dar respostas a essas oportunidades.

Como avalia esses programas? Positivamente. Se tivermos em conta que as mulheres estão representadas em diversas esferas da sociedade e do poder legislativo, Executivo e judicial, que passam por políticas que existem para dar oportunidade às mulheres neste sentido. Existe uma lei que regula a participação das mulheres na vida política, que exige que os partidos políticos coloquem na sua lista pelo menos 30% de mulheres. O que é que acontece? Os homens até colocam esse 30% para cumprir com a lei, mas não ocupam nos lugares elegíveis. Por isso, vemos, tirando o partido no poder, que os partidos na oposição contam com uma representação feminina que diminuta. É preciso continuarmos a trabalhar no sentido de dar essa oportunidade às mulheres.

A vice-presidente foi jornalista. Que avaliação faz do desempenho das mulheres jornalistas hoje? Tradicionalmente, o jornalismo assumiu-se como um universo mais masculinizado, mas tal como noutras esferas, as mulheres romperam as barreiras e constatamos, com satisfação, a presença crescente de jornalistas em qualidade e quantidade nos órgãos de comunicação social. Elas têm estado a dar o seu contributo no exercício de um jornalismo mais isento, plural e responsável, praticado corrigindo objectividade. Encontramos mulheres que abraçam o jornalismo de investigação, pensando na educação do cidadão e no interesse público. Que continuem a praticar um jornalismo de excelência, baseado em investigações apuradas e na busca incessante do valor notícia. Temos muitas jornalistas que nos orgulham, pois pautam-se pelo cumprimento dos parâmetros de exercício da profissão, assim como dos direitos, deveres e responsabilidades profissionais.

Onde há mais pressão? No jornalismo ou enquanto responsável política? Nos dois casos existem momentos de pressão. Temos é que agir com muita serenidade, responsabilidade, disciplina, rigor, profissionalismo e resiliência. O político deve corresponder aos anseios, aspirações e às expectativas do cidadão. O jornalista tem responsabilidade social e um papel importante na educação do cidadão.

Ao nível da OMA, que aspectos foram melhorados, para intensificar e desempenho da organização? A OMA melhora todos os dias. Passados 50 anos, a Organização de hoje não é a mesma de antes. Registamos que a OMA tem vários programas inovadores, que contribuem para o processo de afabetização, fortalecimento da cultura jurídica das mulheres e conta ainda com um magrande experiência na criação de centros de aconselhamento jurídicos, onde as mulheres podem ser orientadas da melhor forma para resolverem as suas preocupações no seio familiar, com vista a garantir a harmonização das famílias. A OMA tem programas dedicados à educação para a saúde da mulher nas comunidades, onde estas podem aprender mais sobre a educação, a saúde e valores nutricionais. A organização tem estado a se modernizar todos os dias e a responder com os propósitos aos ideais políticos do partido.

Quem são as grandes personalidades que mais admira? Admiro muito a queniana Wangari Meta Maathai, vencedora de um Nobel, pelo trabalho que tem desempenhado em prol do meio ambiente. Maathai já pensava nas gerações futuras; é uma mulher que me inspira muito. Nelson Mandela, pela sua capacidade de perdoar e reconciliar-se com os seus; Deng Xiaoping, da China, empreendeu grandes reformas no seu país; o Presidente da República, João Lourenço, porque comungo algumas ideias que ele tem, relativamente à moralização da sociedade. A minha admiração pelo Presidente João Lourenço estende-se ainda por ele confiar muito nas mulheres e nos jovens. Se não tivesse confiança nas mulheres, não teria apostado nas duas candidatas a vice-presidente. Rejuvenesceu o seu comité central; é uma pessoa que está a preparar o futuro, um facto muito importante, que inspira várias pessoas.

> Temos é que agir com muita serenidade, responsabilidade, disciplina, rigor, profissionalismo e resiliência.

"Trabalho a toda hora e momento"

O trabalho, para mim, é a todahora e momento, sobretudo quando temos uma tarefa específica. Queremos que essa tarefa seja bem cumprida; pensamos nela dia e noite e não apenas quando chegamos no local de trabalho.

Como concilia as duas realidades, trabalho e família?
Concilio bem e, felizmente, tenho uma família que me apoia bastante. Quando encontramos na família este apoio necessário e encorajamento directo para continuar com a minha missão, não há qualquer dificuldade.

O que faz, primeiro, quando chega ao gabinete?
Despachar os documentos. Todos os dias, entram milhares e milhares de documentos e tenho que despachá-los. E depois, olhar para o nosso plano de trabalho. Temos que fazer planos de trabalho quadrimestrais, que devem ser executados e alinhados; temos de limar todas as arestas para os termos bons resultados.

Quando não está no gabinete, o que faz?
Gosto de conversar e ler. Neste momento, estou a ler um livro que me inspira muito: "A minha história", de Michelle Obama. Gosto também de dançar e estar com a minha família, com os meus netos e cozinhar, até porque sou uma cozinheira não chela. Sempre que tenho tempo, gosto de cozinhar.

Sobre a mobilização da sociedade, o que tem a dizer?
É um trabalho profundo, que temos que fazer para mobilizar a nossa sociedade. Os angolanos precisam que cada um de nós deve dar o seu contributo à sociedade. Se todos trabalharmos no sentido de boas práticas, podemos ser uma sociedade melhor.

Que mensagem deixa às mulheres, neste 8 de Março?
Apelo as mulheres a investirem na formação política, profissional e académica, para responderem aos grandes desafios que temos, porque são o centro da família. Quanto mais elas contribuírem na sociedade, estarão também a resolver os problemas das suas famílias. Que as mulheres tenham cada vez mais pró-activismo e sejam sempre solidárias com as demais. Solidariedade não é dar o que nos sobra, mas partilhar o pouco que temos com o próximo.

As mulheres devem continuar a aprofundar a sua participação na vida política, económica e social, para que possam estar cada vez mais bem representadas nos órgãos de decisão e assim orgulhar e servir de exemplo às companheiras que ainda não chegaram a essa posição.

garam al. É necessário uma participação maciça das mulheres nos processos eleitorais, não apenas como eleitoras, mas como candidatas. Que tenham uma participação significativa nas autarquias, porque elas vivem nas comunidades, conhecem os problemas, da mesma forma que os identificam, são capazes de encontrar soluções.

PAULO MULADI | EDIÇÕES NOVEMBRO

ARLETE CHIMBINDA, 1ª VICE-PRESIDENTE DA UNITA

"A reivindicação dos direitos da mulher deve ser um acto de consciência"

Arlete Chimbinda, vice-presidente do partido do Galo Negro, destacou que, na sociedade tradicional angolana, o homem é quem tem a primazia e as mulheres herdaram esta parte da cultura africana-Bantu. Chimbinda não concorda com a política de fixação de quotas, para facilitar o acesso das mulheres aos cargos de decisão e direcção, porém reconhece ser necessária.

> A responsável política considerou a representatividade das mulheres nos cargos de decisão e direcção extremamente baixa.

Edna Daki

É necessário que as mulheres tenham a percepção da sua importância e que as reivindicações dos seus direitos não sejam meras palavras, mas, acima de tudo, um acto de consciência, defendeu a Vice-presidente da UNITA, Arlete Chimbinda, em entrevista ao *Jornal de Angola*, no âmbito do Dia Internacional da Mulher, que hoje se assinala.

Para a "primeiro dois" na hierarquia do maior partido da oposição, as mulheres têm de evoluir e reunir a capacidade de assumir os papéis de responsabilidade a que têm direito. Arlete Chimbinda sublinhou ser "preciso que as mentes se transformem, para que as oportunidades sejam iguais de sede tenra idade, pois só deste modo as mulheres estarão em condições de contribuir para o desenvolvimento do país.

A também docente universitária apontou o actual momento político como o grande "boom" para mais abertura às mulheres. Durante muito tempo, lembrou, as vozes femininas foram silenciadas, sobretudo não lhes era nunca tivessem participado em nada positivo; como se não tivessem sequer uma opinião construtiva para o desenvolvimento do país.

"Quando digo que foram silenciadas, não é porque houve algum decreto que as tenha remetido ao silêncio ou coisa parecida, mas, sim, a política", explica.

A vice-presidente do partido do Galo Negro destacou que, na sociedade tradicional angolana, o homem é quem tem a primazia e as mulheres herdaram esta parte da cultura africana-Bantu.

"Com certeza, aqueles que dirigiram o país durante muito tempo comportaram-se com base nos nossos valores culturais e, comisso, as mulheres ficaram paradas. É impescindível a tomada de consciência de que se deve dar às mulheres um lugar de destaque na sociedade, resolução e execução de políticas nacionais", disse.

Fixação de quotas
Arlete Chimbinda discorda da política de fixação de quotas para facilitar o acesso das mulheres aos cargos de decisão e direcção. Reconhece, porém, a necessidade da sua implementação.

"Vivemos numa sociedade em que os homens não abrem mão", entãoessas quotas são necessárias para que os homens saibam que têm essa obrigação", explicou. Infelizmente, acrescentou, "há resistência por esse processo de quotas. O machismo ainda impera, de certa forma, a ideia de vozes os homens não têm consciência disso, não lhes dá a mínima deles, mas porque a sociedade assim os educou".

A título de exemplo, a docente recordou que até em escolas vê-se que há mais facilidades para os rapazes do que para as meninas e aqueles têm mais facilidade de emprego e promoção.

"Graças a Deus, agora já não há aquela descriminação em que os rapazes iam para a escola e as meninas ficavam a tomar conta da casa, lavar os pratos, entre outras obrigações", lembrou, aliviada.

Chimbinda referiu existir ainda uma série de problemas a vencer, para que as mulheres tenham as mesmas oportunidades que os homens, para que se formem e tenham a capacidade para poderem reivindicar o lugar que lhes é devido.

Elas nos órgãos de decisão
"Num país onde as mulheres constituem a maioria, elas deveriam assumir lugares em maior número nos órgãos de decisão", defendeu a primeira vice-presidente da UNITA. Reconhece, contudo, tratar-se de um processo, mas, acrescenta, "é bom que este processo não pare por aí, que estes números continuem a crescer, para que as mulheres possam, em pé de igualdade, contribuir para o desenvolvimento do país e estejam onde merecem estar".

A responsável política considerou a representatividade das mulheres nos cargos de decisão e direcção extremamente baixa. Arlete Chimbinda realçou que Angola está a dar alguns passos, tímidos, a todos os níveis, quer no Governo, quer nos partidos políticos e nos órgãos de soberania ou até no sector judicial.

"Talvez, com o tempo, se as mulheres estiverem dispostas e preparadas, poderão atingir níveis desejáveis", acrescentou.

Um marco para as mulheres

A militante da UNITA apontou o 8 de Março como o grande marco na luta das mulheres pelos seus direitos.

"As vezes, somos mal entendidas: quando falamos desta luta das mulheres, dizem que somos feministas, porque as pessoas consideram o feminismo como uma luta que as mulheres fazem contra os homens. É bom que haja uma compreensão neste sentido, porque não é uma luta que as mulheres encetam contra os homens e não há necessidade sequer de se fazer uma luta contra os homens. É uma luta diária e pacatamente que as mulheres fazem para garantir os seus próprios direitos que ainda não foram adquiridos", esclareceu.

A primeira vice-presidente da UNITA aidiantou que a data lembra a luta que as mulheres, infelizmente, ainda têm de continuar a fazer para que os seus direitos sejam respeitados e possam ocupar o espaço que merecem na sociedade.

"Essa luta é multifacetada e as pessoas não podem exigir lugares de chefia sem ter o mesmo capacidade para isso. É preciso que as mulheres se gúindem e sejam dignas pela atitude e responsabilidade, porque o desenvolvimento do país é uma tarefa de homens e mulheres", referiu.

Arlete Chimbinda chama a atenção das mulheres para a grande responsabilidade que têm na educação das famílias, a célula de base de qualquer sociedade. "Se as mulheres estiverem bem formadas e preparadas, vão transmitir bons valores aos seus filhos e estes, por suavez, serão bons cidadãos para o país, quando setornarem adultos", apeiou.

PAULO MULADI | EDIÇÕES NOVEMBRO

Edna Daki

Como é que a UNITA encara a política no feminino?
A política é política, quer seja desempenhada por homens, quer por mulheres. É um cantinho ou plataforma que se encontrou para dar oportunidade às mulheres de se exprimirem. Na política, exercida por homens ou mulheres, não tem de haver uma diferenciação.

As políticas da UNITA no feminino estão mais viradas para o trabalho sobre as mulheres ou para o aumento de mulheres militantes?
O que se pretende não é apenas aumentar o número de mulheres militantes, mas também o número de militantes no geral, quer sejam homens, quer mulheres. O outro aspecto é esta projecção que se deve dar às mulheres, incluí-las mais nos postos de decisão. A preocupação da actual direcção do partido é fazer com que as mulheres militantes possam, cada vez mais, assumir postos de direcção e se reconheçam mulheres pessoas com capacidade e competência suficientes para assumirem postos de responsabilidade a nível nacional.

A UNITA realiza eleições com múltiplas candidaturas. Por que razão até agora nunca tiveram candidaturas femininas?
Não há nada que impeça as mulheres de se candidatarem, até porque as estruturas da UNITA não estabelecem que as mulheres fiquem de parte. Pelo contrário, as próprias mulheres estejam à altura e não é apenas problema da UNITA. Também é a primeira vez que o MPLA conta com uma mulher no cargo de vice-presidente. Um processo que vai evoluindo. O primeiro a fazer-se-na política em Angola foram os homens. Se recuarmos no tempo, no nacionalismo angolano, foram sempre os homens que comandaram a luta em Angola, tivemos um único partido político liderado por uma mulher, a saudosa Analia Pereira. Talvez brevemente, quem sabe, há-de aparecer, no seio das mulheres, quem se sinta capaz e queira assumir este posto.

Acredita que até ao momento não haveu mulheres capazes de ocupar esse posto?
Pelo menos, ninguém se pronunciou. Pode ser que haja mulheres que se achem capazes, mas não se pronunciaram. Enquanto não se pronunciarem... esperamos.

Que planos a UNITA tempara a inclusão da mulher zungueira?
A LIMA tem alguns programas para que as mulheres zungueiras possam evoluir e tenham uma inclusão cada vezmaior na sociedade. Esses programas encontram, depois, alguns obstáculos, porque estamos num país que tem um Governo e essas questões devem ser resolvidas pelo Governo. Neste caso, a LIMA, como organização feminina de um partido político, tem o seu contributo a dar. Mas, por enquanto, o Governo não tem a LIMA como parceira, o que dificulta um pouco. Quando atingirmos a fase em que o Governo vê as organizações femininas dos partidos como parceiras, nessa altura, teremos dado um passo significativo para que organizações como a LIMA possam, realmente, ajudar o Governo para a evolução e a emancipação da mulher.

Como avalia a representatividade da mulher nos órgãos de decisão, tanto a nível do Executivo, Parlamento, tribunais, empresas públicas, entre outros?
Ainda é baixa! A percentagem de mulheres nos lugares de decisão ainda é uma percentagem extremamente baixa, infelizmente. Basta ver os números de quantas ministras existem, directoras nacionais e governadoras. Existem alguns mulheres a desempenhar cargos em postos de chefia na Assembleia Nacional, mas ainda é muito pouco.

> Até à realização do XIII congresso extraordinário do partido não se falava sobre isso e não fazia a mínima ideia de que engenheiro Adalberto Costa Júnior tivesse intenções de indicar uma mulher. Muito menos ela.

CADA PASSO A SEU TEMPO

"Nunca pensei na vice-presidência"

A vice-presidente da UNITA reafirma que não há nada que impeça as mulheres de se candidatarem à presidência do partido, até porque os estatutos não estabelecem que elas fiquem de parte. Mas diz ser "preciso que as próprias mulheres estejam à altura" e que esse "não é apenas problema da UNITA. Também é a primeira vez que o MPLA conta com uma mulher no cargo de vice-presidente. É um processo que vai evoluindo", compara.

É a primeira mulher a ocupar o cargo de vice-presidente na UNITA. A decisão foi tomada porque o MPLA fez o mesmo um ano antes?
Até à realização do XIII Congresso da UNITA não se falava sobre isso. Não tinha a menor ideia de que o engenheiro Adalberto Costa Júnior tivesse intenções de indicar uma mulher e muito menos que essa mulher fosse eu. Quando começou a corrida eleitoral, ele solicitou-me para ser mandatária da sua campanha e eu aceitei, mas, na altura, reduzia-se a isso: era apenas mandatária do candidato. Quando vencem as eleições, indicou-me para ser a vice-presidente, mas eu quis recuar, ele convenceu-me e eu aceitei.

Porque é que queria recuar?
Porque o trabalho político implica grandes responsabilidades e às vezes é preciso que as pessoas estejam minimamente preparadas para assumir uma determinada função. Uma função de vice-presidente não se assume de ânimo leve, se calhar não fazia parte das minhas ambições. Sempre tive responsabilidades no partido - que sempre aceitei com muito gosto e empenho -, mas não ambicionava esse posto ao de presidente ou vice-presidente. Nunca pensei nisso. Por isso, hesitei. Mas presidente soube convencer-me.

De que formas foi convencida?
Explicou-me sobre o projecto que efectiva, as pretensões de projectar as mulheres para ocuparem o seu lugar de destaque a nível da direcção e reconheceu que eu era a pessoa indicada para exercer essas funções.

Estaria em condições de ocupar o cargo mais alto a nível do partido? Se houvesse essa oportunidade?
Vamos devagar. Cada coisa no seu devido tempo. Assumi, agora, o cargo de vice-presidente do partido e o nosso mandato é de quatro anos. Daqui para lá, haverá evoluções, obviamente. Pode ser que o meu pensamento evolua para lá e pode ser que não.

Arlete Chimbinda destaca que quando Adalberto Costa Júnior a indicou para o cargo de vice-presidente chegou a pensar em recuar

EMPREENDER À ANGOLANA

Empresárias vencem obstáculos e incentivam outras mulheres

Empreender tornou-se praticamente uma necessidade em Angola. Depois da redução drástica do poder de compra, as famílias sentiram na pele os efeitos da crise económica e dos níveis altos de inflação. Para as mulheres, mesmo antes da crise financeira, empreender sempre pareceu um caminho muito difícil.

Vânia Indício

Para falar sobre o lado empresarial das mulheres angolanas e das barreiras que tiveram de ultrapassar para alcançar o sucesso, o *Jornal de Angola* conversou com quatro mulheres, que podem servir de inspiração a outras, para que singrem no mesmo ramo.

Elizabeth dos Santos

Gestora da Kikovo, uma fazenda de ovos, é uma mulher com sucesso no ramo empresarial. Começou na actividade ao deus-ele-volve em 2012. No início da implementação, isto em 1992, a fazenda passou pela gestão de brasileiros, angolanos, entre outros. Mas apenas sob a gerência da actual proprietária é que negócio atingiu os níveis actuais.

Sem grande conhecimento, sendo que foi o seu primeiro emprego, a advogada pós-graduada em Direito Empresarial, percebeu que tinha *potencial* para empreender desde tenra idade. Actualmente, a fazenda garante 560 postos de trabalho, dos quais 540 são ocupados por angolanos, e tem um volume de negócio que chegou a atingir 24 milhões de dólares. A Fazenda Kikovo reúne em condições técnicas para a produção diária de um milhão de ovos.

> Elisabeth diz sentir a falta de mais mulheres jovens que a inspirem.

O lado persistente de Elisabeth Santos e a característica de mulher forte e determinada fizeram que, ao longo do seu percurso, não se sentisse discriminada por ser mulher. "Sabia, de antemão, que, por ser mulher, teria algumas limitações no agronegócio. Por ser uma área mais forte e musculada, mas tive de me superar".

Elisabeth diz sentir a falta de mais mulheres jovens que a inspirem. Mas tem a admiração da Indústria, Bernarda Martins, e a chanceler alemã, Angela Merkel, como modelos pelo lado imponente que têm e que intimida muitos homens. Ao negócio de produção avícola da fazenda que gere juntam-se outros, como corte de frango fresco (Vicuchi) e ração (Nutrimix).

Para as mulheres que querem empreender, Elizabeth aconselha que comecem por pensar que não sabem nada e alargem-se às pessoas que possam ensinar-lhes alguma coisa. Para, posteriormente, se definirem enquanto profissionais, sem nunca deixarem de ser mulher.

A empresária é mãe de três filhos, gosta de cozinhar nos tempos livres e prefere receber as pessoas em casa a estar na rua.

Hermenegilda Silvestre

Ela considera-se determinada por natureza. Gilda, como é chamada, construiu uma carreira à força. A "Gil", marca de transformação de produtos de campo em conservas 100 por cento naturais, nasceu quando a empresária percebeu que havia muito excedente do campo a estragar-se. "Daí pensei: porque não transformar os produtos que estejam a crescer dos, mas não podres, em conservas", desvenda.

Recentemente, o Presidente da República, João Lourenço, condecorou-a, pela ousadia de apostar num segmento até ao momento pouco explorado no país. A empresa nasceu em tempo de crise (2017) e conta com 57 produtos, desde geleias, compotas e molhos, tudo feito com frutas e hortícolas. Os preços variam de 800 a 2700 mil Kwanzas.

Os seus produtos tiveram boa aceitação no mercado angolano, inclusive recebe encomendas de grandes supermercados. Mas a empresária lamenta a falta de potes de produção local, o que tem dificultado o crescimento da empresa. Ainda assim, Gilda jura que os seus produtos serem exportados para o Brasil, Portugal e Inglaterra.

A empresária, que é gestora de formação, já foi burlada e descriminada por ser "mulher e bonita", mas a sua persistência levou-a ao sucesso no agro negócio.

"Sempre soube onde queria chegar. As pessoas confundem persistência com teimosia. Mas, dentro de mim, sabia onde eu queria chegar. Nunca desisto e ouço aquelas que se dedica a transformar todos os não em sim", confessa.

Para a empresária, amaior dificuldade de uma mulher que quer empreender é a falta de iniciativa. Daí que aconselha a mulher que quer ser empreendedora de sucesso a ser resiliente e ter a capacidade de se reinventar.

Gilda considera-se uma empreendedora nata. Já teve um salão de cabeleireiro, foi decoradora, vendeu muitos outros produtos, como gelados e roupas. Da mãe, Filomena, herdou o lado visionário e o espírito empresarial. Apesar do sucesso, a progen hora continua a ser a maior influência na sua vida.

VASCO QUIMBO | EDIÇÃO MOVIMAGENS

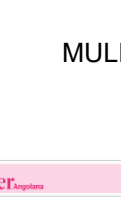
Nayma Izata

"Primamos pelo conforto e elegância". É assim que a jovem angolana apresenta os seus sapatos de marca Nayma Izata, por sinal o seu nome. A ideia de seguir este ramo surgiu em 2014, quando procurava por um segmento relacionado com a moda, que faltava no mercado.

"Sempre fui ligada à moda e achava que em Angola havia uma lacuna na indústria do calçado", lembra.

Nayma Konciou-seem Engenharia, mas muito cedo descobriu que trabalhar como engenheira não era algo para ela. Decidiu ser dona de um negócio. Hoje, a sua marca fabrica sapatos e chinelas, cujos preços variam de 45 a 65 mil Kwanzas. A última colecção, 300 pares de calçado, foi vendida em apenas dois dias.

A empresária não tem memória de episódios de discriminação por ser mulher, pois o seu lado forte, dinâmico e decidido convence sempre as pessoas com quem se relaciona, sejam mulheres ou homens.



Iracema Matias

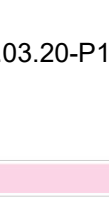
Ela sempre fez parte do mundo da moda. Em 2018, criou a "Regardez Moi", uma marca de roupa que "já é um orgulho em Angola", garante Iracema Matias. Ela descobriu que tinha potencial empreendedor quando decidiu parar de trabalhar para outrem, para onegócio da comida. Agora tem um Brunch - Café que até ao momento emprega 25 pessoas.

Actualmente, tem uma loja, mas a empresária começou em 2008, com uma boutique onde vendia roupas importadas. Já formada em Fashion/designer, em 2017, surge a vontade de começar a fabricar as suas próprias roupas.

"Comecei a fabricar e a vender algumas peças na boutique. O meu espanto foi que comecei a vender mais o que fabricava do que o que importava. "Foi aí que decidi parar com a importação. Abri o meu ateliê de corte e costura e a loja de pronto a vestir", contou.

"Hoje, o ateliê faz muito sucesso e até vende roupas no estrangeiro. "Tenho estado a participar em muitos eventos de moda internacionais e nacionais, nos quais já recebemos vários prémios", frisou.

Do ponto de vista de conquistas, Iracema é categórica: "Somos aquilo que decidimos ser. Somos o fruto da semente que plantamos. Acredite no seu potencial, não desistas dos seus sonhos", incentivou.



EVA SANTOS, DO PROJECTO "LIDERANÇA FEMININA EM ANGOLA"

Psicóloga Social é pela confiança no empoderamento da mulher

Em entrevista ao *Jornal de Angola*, a activista Eva Santos, fundadora do projecto "Liderança Feminina em Angola", afirma que, apesar de reconhecer o espaço já conquistado pelas mulheres, entende que estas devem estar dispostas a aprender e a desenvolver as suas competências.

PERFIL

EVA ROSA SANTOS

Licenciada em Psicologia Social e das Organizações, pelo Instituto Universitário de Lisboa

Especialista

Gestão de Empresas e fundadora do Projecto "Liderança no Feminino em Angola"

Percurso profissional de mais de 20 anos

Desempenhou funções de Liderança em empresas nacionais e internacionais

Actualmente

Directora de Recursos Humanos.
É formadora, mentora e coach.

Colunista do Jornal Expansão

Escreve artigos de opinião sobre liderança e RH.
É mãe, filha, mulher e considera-se defensora da igualdade do género

Apaixonada pelo Mundo

Vânia Indício

A activista Eva Santos é fundadora do projecto "Liderança Feminina em Angola". Formalmente, a actividade começou no dia 09 de Fevereiro de 2019, com a " Missão de Valoriza a Mulher Lider".

Assente em três Valores, íntegridade, confiança e empoderamento, o projecto tem como objectivo capacitar as mulheres através de iniciativas e programas dirigidos para de senvolver e expandir o seu potencial ao máximo.

Em entrevista ao *Jornal de Angola*, a activista afirmou que, apesar de reconhecero espaço já conquistado pelas mulheres, entende que estas devem estar dispostas a aprender e a desenvolver as suas competências.

"Apoio o Estado angolano a proporcionar à mulher a possibilidade de ter e aceder às mesmas oportunidades, nos dependentemente da área de actividade. A competência deve ser o elemento fulcral", defendeu.

De acordo com Eva Santos, o sucesso o insucesso não fazem parte da carreira de todos. No entanto, a mulher, para ter mais sucesso do que o homem, "ser-lhe-á exigido que trabalhe mais, que coloque de lado a sua vida pessoal e familiar. A ser assim, o problema não é da mulher, mas da organização da sociedade".

Eva Santos argumentou que é necessário o compromisso real dos governos e das grandes empresas em assumir uma reorganização social e dentro das organizações , para acomodar esta realidade , afim de que se alcance, paulatinamente, a igualdade de género.

Pela experiência que tem à frente do projecto, a activista afirmou que hoje as mulheres querem somente bem-estar, satide, amor, equilíbrio familiar, realização pessoal, profissional e, acima de tudo, felicidade. De acordo com a interlocutora, a forma como nos posicionamos, como agimos, como lutamos é que faz toda a diferença.

> Não é justo. Quando as oportunidades não são iguais, colocamos a mulher em pé de desigualdade.

"Há quem passe uma vida inteira a lamentar-se, há quem caia, levante-se e volte a tentar, a tentar e a tentar novamente. É você o que faz para encontrar e manter a sua felicidade?", questionou.

Eva Santos entende que, quando se fala de empoderamento feminino e não se mostra o que é, a mensagem fica mais pobre, se as mulheres não estiverem dispostas a aprender e a auto - desenvolverem as suas competências.

"O que é de facto o empoderamento feminino? É querer ser melhor que os homens? Ou é proporcionar à mulher a possibilidade de terem as mesmas oportunidades, independentemente da área de actividade. A competência deve ser o elemento fulcral", defendeu.

De acordo com Eva Santos, o sucesso o insucesso não fazem parte da carreira de todos. No entanto, a mulher, para ter mais sucesso do que o homem, "ser-lhe-á exigido que trabalhe mais, que coloque de lado a sua vida pessoal e familiar. A ser assim, o problema não é da mulher, mas da organização da sociedade".

Eva Santos argumentou que é necessário o compromisso real dos governos e das grandes empresas em assumir uma reorganização social e dentro das organizações , para acomodar esta realidade , afim de que se alcance, paulatinamente, a igualdade de género.

Pela experiência que tem à frente do projecto, a activista afirmou que hoje as mulheres querem somente bem-estar, satide, amor, equilíbrio familiar, realização pessoal, profissional e, acima de tudo, felicidade. De acordo com a interlocutora, a forma como nos posicionamos, como agimos, como lutamos é que faz toda a diferença.

"Há quem passe uma vida inteira a lamentar-se, há quem caia, levante-se e volte a tentar, a tentar e a tentar novamente. É você o que faz para encontrar e manter a sua felicidade?", questionou.

"Apoio o Estado angolano a proporcionar à mulher a possibilidade de ter e aceder às mesmas oportunidades, independentemente da área de actividade. A competência deve ser o elemento fulcral", defendeu.

De acordo com Eva Santos, o sucesso o insucesso não fazem parte da carreira de todos. No entanto, a mulher, para ter mais sucesso do que o homem, "ser-lhe-á exigido que trabalhe mais, que coloque de lado a sua vida pessoal e familiar. A ser assim, o problema não é da mulher, mas da organização da sociedade".

Eva Santos argumentou que é necessário o compromisso real dos governos e das grandes empresas em assumir uma reorganização social e dentro das organizações , para acomodar esta realidade , afim de que se alcance, paulatinamente, a igualdade de género.

Pela experiência que tem à frente do projecto, a activista afirmou que hoje as mulheres querem somente bem-estar, satide, amor, equilíbrio familiar, realização pessoal, profissional e, acima de tudo, felicidade. De acordo com a interlocutora, a forma como nos posicionamos, como agimos, como lutamos é que faz toda a diferença.

"Há quem passe uma vida inteira a lamentar-se, há quem caia, levante-se e volte a tentar, a tentar e a tentar novamente. É você o que faz para encontrar e manter a sua felicidade?", questionou.

"O que é de facto o empoderamento feminino? É querer ser melhor que os homens? Ou é proporcionar à mulher a possibilidade de terem as mesmas oportunidades, independentemente da área de actividade. A competência deve ser o elemento fulcral", defendeu.

De acordo com Eva Santos, o sucesso o insucesso não fazem parte da carreira de todos nós", desmistificando a ideia de que "as mulheres líderes carregam o eterno conflito de que o seu sucesso profissional implica prejuízo na vida pessoal".

A activista afirma que, para ter mais sucesso do que o homem, à mulher é exigido que trabalhe mais, que se dedique mais, que coloque de lado a sua vida pessoal e familiar.

"E agora eu pergunto-não é justo que, depois se exija o mesmo ao homem? Quantas injustiças vemos diariamente na nossa realidade?". Aproveitou para apelar os homens, em geral, a abraçarem a causa da igualdade no género.

"É necessário ter mais apoio, mais compromisso familiar que permita a mulher ter mesmo nas diferentes vertentes da sua vida".

A mulher angolana

Ao caracterizar a mulher angolana e as classificar seu papel na sociedade, Eva Santos defendeu que o sexo feminino tem natureza resiliente.

"E fecada, batalhadora, guerreira, mas também uma mulher sofrida. A mulher angolana procura obter mais conhecimento e é, naturalmente, empreendedora e muito maternal".

Eva Santos lamenta o facto de existir grande quantidade de meninas que deixam a escola para cuidar de irmãos e outras que estão mais preocupadas em constituir família, sem sequer terem terminado o ensino médio". Por tudo isto, considera muito importante continuar a falar da Mulher e da equidade do género.

"Mas o mais importante não é falar apenas no Dia Internacional da Mulher ou no dia da Mulher Africana... ou em qualquer outra efeméride. É importante que esteja nas nossas agendas e, mais do quefalar, agir, actuar e valorizar a Mulher", concluiu.

Desigualdade

Segundo Eva Santos, a disparidade de géneros persiste no mercado de trabalho. Por um lado, estudos apontam para a fragilidade da existência de mulheres em funções de topo.

"Este é ainda um meio muito masculino e é um tema global, não apenas de Angola. Porém, outros estudos já comprovaram que, se tivermos mais mulheres em funções de liderança, as empresas têm um maior retorno no investimento", afirmou e prevê um longo caminho a percorrer para que se consiga encontrar a equidade do género, objectivo defendido pela ONU.

Apesar dos entraves, a activista reconheceu que a confiança aumentou, alcançada nos últimos anos, levou as angolanas a ganhar mais voz e a lutar pelos mesmos direitos que os homens sempre tiveram.

"Tudo isso é fruto da confiança de que podem falar, acreditar e lutar pelas suas próprias. Confiança de que podem partilhar mais sobre si e sobre as suas experiências", re feriu

Quanto ao medo de falhar, acrescentou que provavelmente ainda lá está presente. "Mas a autoconfiança da mulher faz toda a diferença. Tudo isso são ganhos da educação, formação profissional e emancipação", acredita.

GÉNIO FORTE

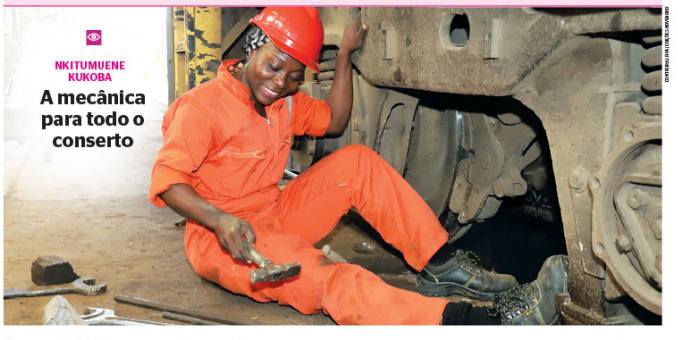
São mecânicas, maquinistas, engraxadoras, lotadoras, alpinistas... quebradoras de tabus

Elas abraçaram tarefas que, pensava-se, só os homens podiam executar. Passado o receio inicial, hoje, sentem-se como "peixes dentro da água". Conquistaram o seu espaço.

Nitza Massango

Angelina Maria é engraxadora. Nkitumuene Ruth Kukoba é mecânica. Cássia Costa é pilote e Laurinda Praia, maquinista. Estas mulheres, como muitas outras no mundo, quebraram barreiras, ao apostarem em profissões ou ofícios que, ano atrás, pareciam inadequados e desleigantes para a mulher, pela sua natureza. Apenas os homens eram tidos como capazes de os executar.

Em Angola, em particular na província de Luanda, afinal, existem mulheres que apostam em trabalhar como taxistas em empresas privadas de táxis ou nos "azul e branco", vulgo candongueiros. Também temos mulheres lotadoras, pescadoras e até uma alpinista - escala edifícios de mais de 20 andares, para limpa-los. Mas há muitas outras tarefas, profissões e ofícios para as quais as senhoras também arregaçam mangas e as executam na perfeição.



NKITUMUENE KUKOBA

A mecânica para todo o conserto

Nkitumuene Kukoba é mecânica há mais de 11 anos. Já consertou armamento pesado, como canhões. Hoje, monta, repara e faz manutenção de locomotivas nos Caminhos - de-Ferro de Luanda (CFL) e já trabalhou com transportes ligeiros de passageiros. Em casa, os carros não ficam avariados. Ela trabalha com ferramentas que chegam a pesar mais de oito quilos.

Numa quinta-feira, fomos ao encontro da jovem mecânica que nos recebeu com o rosto suado e oleoso, mas com um sorriso nos lábios. Tinha o cabelo apanhado num lenço e um capacete amarelo sobre a cabeça. O macacão, de cor laranja, estava sujo, com vestígio de óleo; as botas empoeiradas e portava uma chave 75 na mão. O modo como se apresentava denunciou logo quem era. A mulher conserta camiões, carros e locomotivas.

Chamamos-lhe Ruth e ela disse: "Nkitumuene, Ruth é o meu sobrenome". Naquele dia, trocava os cepos (calços) gastos da locomotiva 111, avariada e estacionada nas oficinas, no Cazenga. Sentou-se no chão, com a cabeça inclinada debaixo da locomotiva, tinha a chave 75 na mão e um martelo. Além de trocar os cepos, disse-nos que iria recuperar a locomotiva, consertar a parte eléctrica e o motor, para que voltasse a funcionar.

Para Nkitumuene, o mais difícil no seu trabalho é a avaria na parte motora da locomotiva. Mas nada que não possa ultrapassar. "Acredito que onde eu pego fica sempre certo. Já venho de uma longa caminhada de reparações e manutenção com sucesso", referiu.

Na execução do seu trabalho, é curioso notar que ela nunca usa luvas, mas as suas mãos estão lisinhas, livre de qualquer marca, calos ou algo parecido. Contou que o segredo está em esfrega-las com gasóleo e cera e lava-las com água e detergente.

O Senho de criança

Entre marteladas aqui e ennedas ali, até trocar os cepos, a mecânica continuava a conversar connosco. Segredou que, desde pequena, o sonho foi ser bombeira, motorista ou mecânica. O desejo era tanto, que os primeiros passos dados na mecânica foi com os vizinhos, no Rocha Pinto, seu bairro. Mais tarde, fez os cursos médios de Mecânica e de Manutenção Industrial, na Escola 17 de Dezembro. Durante sete anos, trabalhou nas Oficinas Gerais de Reparação, no Departamento de Armamento e Técnicas.

> A família antes duvidava e reclamava do seu trabalho. Mas todos estão conformados.

"Já fiz trabalhos perigosos. Reparei canhões, armas pesadas, nas Oficinas Gerais de Reparação (OGR). Depois, passei para área de transportes ligeiros, onde fiquei três anos e hoje estou aqui com os comboios", contou, aludindo que o desafio é consertar navios e aviões.

Na área de reparação e montagem de locomotivas, Nkitumuene e Kukoba é a única mulher. Mas existem outras três mecânicas na área de reparação e manutenção de material rebocável (carruagens e vagões). Quando começou a trabalhar nas Oficinas dos Caminhos de Ferro de Luanda (CFL) percebeu que os colegas duvidavam da sua capacidade. Disseram-lhe coisas absurdas, do género "ela não vai aguentar; muitas já tentaram". Mas, quase sete anos depois, Nkitumuene provou-lhes o contrário.

Desde o início, conta a mecânica, não foi difícil lidar com uma locomotiva, pois já tinha passado pelo consertode armas de fogo pesadas e de carros ligeiros. A diferença é que nos transportes ligeiros vê-se tudo em escala menor, ao contrário das máquinas grandes. "Se virem uma cambota do motor da locomotiva e compararem-na com a de um carro, vão-se surpreender. A diferença é enorme", referiu.

Nkitumuene disse que é preciso saber e sempre prestar atenção no que se faz, porque pode-se comer o risco de retirar uma peça e depois ficar sem saber onde voltar a colocar.

"Já imaginaste se sobra alguma peça, depois de acabares o trabalho?", questionou.

Para a mecânica, ferramentas como as chaves são indispensáveis para o seu trabalho, porque nunca se repara algo sem elas nas mãos. O macaco, as botas e o capacete são indispensáveis.

Há mais de 14 anos como mecânica, Nkitumuene nunca teve acidentes graves, senão alguns ligeiros como apertos, pancadas com chaves e outros, sorte que atribui a Deus. Aprender a ser mãos limpas para ela significa que não houve biscuto, ou seja, trabalho.

Esposa e mãe

É natural do Uíge. O seu primeiro nome, Nkitumuene, significa "o que vimos". Tem marido e dois filhos: um de 14 e outro de 10 anos.

A sua família antes duvidava e reclamava do seu trabalho. Mas todos estão conformados, tanto que um dos filhos anseia seguir as pegadas da mãe.

Nkitumuene considera-se uma mulher normal. Além de trabalhar, cuida dos filhos, cozinha os bons pratos típicos da terra e ainda consegue arranjar um tempinho para revisar os cadernos dos seus meninos.

"É um pouco difícil conciliar o trabalho com as tarefas de casa e a família", reconhece. Ao invés de cumprir com as oitos horas de descanso, afirma, acorda por volta das 4h30 da manhã, limpa a casa, deixa a merenda para os filhos e sai às 7h30 para regressar às 15h.

"Confesso que, depois de um dia de trabalho, chego a casa rebentada e com os braços doridos, que é a parte do meu corpo que mais sofre, por causa da força que imprimo no trabalho. Mas depois de um banho, de me sentar ou deitar, consigo relaxar", concluiu.

Testemunho

O director adjunto das Oficinas do CFL, Álvaro de Carvalho, disse que a mecânica é uma mulher de trabalho. Tem mais de 14 anos de serviço e, durante todo esse tempo, sempre se comportou de forma irrepreensível.

"Houve sempre aquele receio. Mas, felizmente, elas estiveram curiosas, queriam dominar a tecnologia e expuham-se a todo o risco possível. Por isso, nós, homens, ficámos mais motivados e elas foram avançando", contou.

Acrescentou que quando estas mulheres pegam em algo para consertar não deixam a desejar, porque estão muito por dentro do que se faz, o que significa que podem enfrentar qualquer tipo de trabalho, se for necessário.

"Felizmente, elas são uma mais-valia para o CFL. Elas sentem-se seguras. Confesso que trabalhar com mulheres é mais alegre ", declarou.

ANGELINA MARIA

Uma engraxadora ousada

Nitza Massango

São três mulheres da mesma família: mãe e filhas. Estão na rua para engraxar sapatos. Angelina Maria, jovem de 21 anos, garante que superou críticas, murmúrios e insultos que ouvia, quando decidiu sentar-se debaixo da pedonal da Belavista, em Viana, para engraxar sapatos. Apesar de ser gozada muitas vezes, não desistiu. Pegou numa caixa, dois bancos, escova, pomadas, água e pão-se a engraxar os sapatos de quem confiasse na graxa dada por uma mulher.

> Angelina Maria aprendeu a engraxar com a mãe, que, por sua vez, aprendeu o ofício na igreja.

Angelina Maria aprendeu a engraxar com amãe, que, por sua vez, aprendeu o ofício na igreja. No dia da reportagem, a mãe estava ausente. Airmã já não engraxa, porque encontrou outro emprego.

Há sete meses que Angelina Maria engraxa sapatos debaixo daquela pedonal. Como estava sem emprego, resolveu aprender o ofício e ajudar nas despesas de casa. A jovem lembra que, no primeiro dia, apenas um cliente sentou-se no seu banco. Mas porque queria testá-la. Estava atrapalhada, falhava em quase tudo, tanto que o senhor acabou por lhe dar mais dicas.

"Eu estava nervosa e fazia tudo mal. O senhor olhou para mim e pediu-me para ficar calma e que eu havia de ensinar-me como se fazia. No final deu tudo certo e até hoje é meu cliente, além de outros cinco fixos que tenho", contou.

Angelina comprou a caixade engraxadora a 1000 Kwanzas, os assentos a 500 e a pomada a 300. Usa três escovas para cada cor de sapatos, que, geralmente, são pretos, castanhos e brancos. Também utiliza água e detergente para lavagem de certo tipo de calçado, como ténis, sapatilhas...

A engraxadora começa a trabalhar por volta das 9h até às 17 horas. Factura 1 800 ou 1.500 Kwanzas por dia. Por cada graxa, cobra 150 Kwanzas. Quando chega à ponte, garante, primeiro a limpeza do espaço, estende uma lona no chão, instala a caixa, os assentos e arruma as escovas. Fica tudo organizado. Quando o cliente se senta, o primeiro passo que dá é tirar a poeira dos sapatos com uma escova, depois passar a anelina, que é um líquido preto, e a seguir a pomada correspondente. Usa luvas para não sujar as unhas. Antes, sem elas, Angelina ficava com as mãos queimadas.

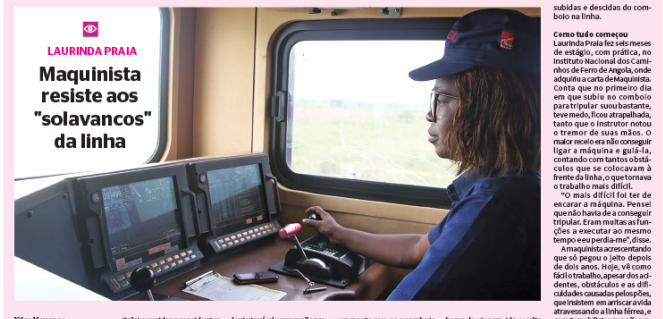
"É fácil. Eu só preciso da caixa, das escovas e pomadas para fazer um bom trabalho. Primeiro, tiro a poeira dos sapatos e depois uso uma das pomadas. Se for um preto, ponho anelina", disse, apontando que muitas vezes já foi chamada de "maluca" por estar a engraxar sapatos na rua. Não sente vergonha, porque encara o ofício como um trabalho digno, por via do qual ganha dinheiro honestamente. Angelina Maria está sem estudar, vive com a mãe no bairro Papa Simão, em Viana. Com este trabalho considera-se uma mulher batalhadora.

O nosso carro de reportagem levou quase uma hora a girar as pedonais da Deolinda Rodrigues, à procura da mulher que engraxa sapatos em Viana. Depois de perguntar a muitas pessoas que admiravam e duvidavam da existência de uma mulher no ramo, fizemos o retorno, no sentido de Luanda, e lá estava ela. Eram quase 11 horas de uma manhã de terça-feira do mês de Fevereiro. Estava na pedonal aérea da Bela-Vista, a escovar os sapatos de um rapaz.

"Já está ela", disse o Cunha, o nosso motorista. Atenta ao trabalho, Angelina Maria nem deu conta do primeiro flash saído da máquina da nossa fotógrafa, Maria Augusta.

LAURINDA PRAIA

Maquinista resiste aos "solavancos" da linha



Nitza Massango

Laurinda Praia é outra mulher de "punho forte". Apesar dos inúmeros acidentes que teve no comando de comboios, ela soma e segue. Trabalha há 12 anos como maquinista dos Caminhos-de-Ferro de Luanda. Num choque com um camião, ela foi atirada de em lado para outro dentro da locomotiva. Ela não usa cinto de segurança. Caiu mal e acordou no hospital, com uma pena partida. Ficou sete meses em casa, com a perna numa tala. Infelizmente, como acontece com outros maquinistas dos CFL, a sua consciência pesa por mortes (três) ocorridas por acidentes na linha férrea.

Por dia, a maquinista conduz quatros comboios, Ida e volta, da Estação do Bungo até Catete. Um dia foi surpreendida com pedras no vidro, uma acção de populares, revoltados por causa das mortes na linha férrea. Entre as sete maquinistas com quem iniciou na profissão, é a única que resistiu aos solavancos e continua a trabalhar as máquinas, apesar de considerar a profissão de "muito arriscos". Ela também faz viagens longas, até Malange, por exemplo.

Laurinda contou que uma nova maquinista teve um acidente terrível e agora não pretende voltar a conduzir comboios. Há dois anos, ela colidiu contra um camião que carregava tambores de asfalto. A jovem passou por uma cirurgia, foi-lhe retirado um órgão e a saúde já não é a mesma. Agora trabalha na área administrativa. A locomotiva ficou inoperante.

Por ser mulher e maquinista, a Laurinda já chamaram "matadora"; ouviu ainda várias outras ofensas, insultos por causa da profissão que escolheu. Mas também já recebeu elogios e mensagens de encorajamento.

"Os cidadãos têm sempre em mente que, se o comboio colheu alguém na linha, a culpa é sempre do maquinista. Mas a máquina difícilmente sai da linha férrea para ir ao encontro de alguém", justificou.

Durante as viagens, Laurinda fica na locomotiva com mais dois colegas, o condutor e o revisor. Antes de subir e de buzinar para anunciar a partida, é trabalho dela averiguar os níveis de combustível, óleo, água e areia da máquina.

Passageiros abordo, máquina ligada, última buzina e avançam do Bungo até Catete, começou em 7h 30 de uma quinta-feira de Fevereiro. Foram quase 12 horas de viagem, Ida e volta, ao lado de Laurinda. Durante o percurso ela não tirava os olhos e o dedo do botão vermelho, o chamado "botão do homem morto", que deve ser pressionado sempre, para alertar que a maquinista está presente. De outra forma, ela sente-se abandonada e o comboio pára.

Outro botão usado repetidamente é o da buzina, quando se aproxima de uma estação ou de uma passagem de nível, para alertar os peões que estão atravessam a linha. Contavam-se os segundos que ela relaxava. Também aumentava e reduzia constantemente a velocidade, consoante as subidas e descidas do comboio na linha.

Como tudo começou

Laurinda Praia fez seis meses de estágio, com prática, no Instituto Nacional dos Caminhos de Ferro de Angola, onde adquiriu a carta de maquinista. Conta que no primeiro dia em que subiu no comboio para tripular sua o bastante, teve medo, ficou atrapalhada, tanto que o instrutor notou o tremor de suas mãos. O maior receio não conseguir ligar a máquina e guiá-la, contando com os tantos obstáculos que se colocavam à frente da linha, o que tornava o trabalho mais difícil.

"O mais difícil foi ter de encarar a máquina. Pensei que não havia de a conseguir tripular. Eram muitas as funções a executar ao mesmo tempo e eu perdia-me", disse.

Amaquinista acrescentando que só pegou o jeito depois de dois anos. Hoje, vê como fácil o trabalho, apesar dos acidentes, obstáculos e as difíceis dades causadas pelos pões, que insistem em arriscar a vida atravessando a linha férrea, e os automobilistas que não respeitam as passagens de nível.

Difícil mente a sua família aprovinha o combio como sua tripular. Normalmente, chega a casa às 16, depois do trabalho que começa às 6 horas. Vive no Sequele, é casada e tem duas filhas. Quando conceptualizar, estava casada há 9 meses. Anseio do marido foi de espanto, quando soube que ela havia mesmo de dirigir um combolo.

Laurinda Praia considera-se uma guerreira por causa do trabalho, que diz ser muito difícil e pouco valorizado.

"O trabalho de maquinista em si exige muito de nós", concluiu.

LICENCIADA EM TURISMO VIBRA COM A AVIAÇÃO

Cássia Costa, jovem piloto voa há 11 anos

Nilza Massango

Com 33 anos, Cássia Costa voou mais alto, no que é outra demonstração de que as mulheres podem quase ou mesmo tudo. Ela é piloto há 11 anos, uma profissão que cada vez mais mulheres angolanas abraçam, vencendo, assim, tabus e frases do tipo "o lugar da mulher é na cozinha".

Até ao momento, é a primeira e única mulher nos comandos de uma aeronave de voos executivos adstrita à frota da Presidência da República de Angola. Sobre ser piloto, conta que a influência veio do pai, também piloto de uma empresa de serviço aéreo nacional.

"Eu era pequena, mas percebeo como isso ficou comigo e como foi crescendo a vontade de voar ao longo dos anos", disse, acrescentando que, em viagens de família, gostava de ver o movimento dos aeroportos, recheados de tripulações preparadas e bem arrumadas. Até hoje, gosta muito de viajar e sente o mesmo cheiro de quando era criança.

Cássia Costa lembrou que a primeira vez a pilotar um avião foi na escola, no Rio de Janeiro. Foi lá onde tudo começou, razão pela qual aquela cidade está no seu coração. No comercial, começou a voar em 2009, numa companhia angolana que voa dentro do país. Depois da qualificação, foi para um programa de instrução em Cabo Ledo, durante sete dias. A jovem contou que foi especial, porque a instrução terminou no dia do seu aniversário, 27 de Março. "Foi o meu voo de largada, comemorei mesmo!", referiu.

Depois da instrução no Twin Otter, Cássia começou a fazer voos de missão, os chamados destacamentos no interior do país, com outros comandantes da frota que considera muito experientes. O primeiro destacamento foi dentro da província do Cuando Cubango, voando regularmente no interior da província para Nancova, Dirico, Cuangar, Mavinga e Cuito Cuanavale.

Resistências

Numa dessas missões, Cássia lembra que um passageiro recusou-se a subir no avião, quando percebeu que seria ela a comandá-lo. Para ela, na altura, aquela cena foi muito desconfortável, inicialmente, mas que depois aprendeu a gerir. Da outra vez foi ela quem resolveu descer do avião, por causa de um passageiro que reclamava, não se calava e ninguém fazia nada.

"Desci do avião e recusei-me a fazer o voo com o passageiro a bordo. Foi uma repercussão grande na empresa, porém era o momento de firmar a minha posição e ganhar o respeito, de forma a que o género não fosse impedimento para a valorização da minha capacidade técnica. Hoje, dada a realidade do local onde trabalho, recebo muito incentivo para continuar a voar", afirmou. Cássia Costa contou que, na semana passada, a enfrentou um voo intenso, um passageiro perguntou-lhe se ela ia comandar a aeronave naquele dia, por ser o mês de Março.

Toda a família da Cássia é um grande suporte para o seu desenvolvimento como pessoa e como profissional. "É muito bom ver como meus amigos e familiares vibram comigo por cada conquista e cada momento que partilho". Depois de anos e com a evolução global das sociedades, ela diz que tem sido cada vez mais agradável ver as reacções de orgulho e satisfação por parte dos passageiros, o que inicialmente foi difícil.

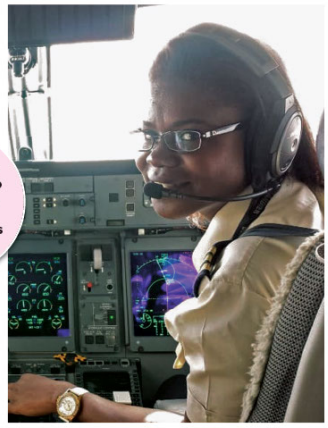
> **Se colocarmos amor em tudo o que fizermos, podemos assumir lugares de liderança**

Depois do Twin Otter, em aviação comercial, Cássia ingressou na frota presidencial, onde começou a voar o Dessh-Q-400, e actualmente é co-piloto do jacto Falcon900B, voando para vários destinos internacionais.

A jovem mulher já pensou em desistir uma vez, quando se tornou mãe. Nesta altura, disse que teve de enfrentar e viver o medo de falhar enquanto mãe, pela incerteza dos momentos que não estaria presente. Mas voar, para ela, é sempre uma espécie de cura nova e muito apaixonante. Nunca tinha considerado parar de voar, até viver a experiência da maternidade. Por isso, "poder conciliar o voo e a família é possível", concluiu, possível".

Mensagem

"Para as mulheres que tiverem a oportunidade de ler este conteúdo, a minha mensagem é que possamos abraçar com naturalidade a nossa feminilidade, sem deixar que o desejo de afirmação nos roube a sensibilidade de enaltecer os atributos característicos do género. Se colocarmos amor em tudo o que fizermos, podemos assumir lugares de liderança e demonstrar força nos desafios que enfrentamos, sem esquecer que nascemos mulheres. Feliz Março para todas nós".



Antes de levantar voo

Cássia explica que este turma equipa que trabalha por detrás da realização de um voo. A maior parte do trabalho é feita pelo Departamento de Operações de Voo, que coordena todos os serviços anexos, começando pela verificação da disponibilidade das tripulações. O procedimento das operações é receber a notificação do serviço e contactar a tripulação com os dados do voo: o dia, hora, destino e duração. Este é o momento em que se fica a saber se vão ou não passar a noite em casa, com as famílias, ou se têm de preparar as malas para uma ou mais noites fora.

No dia do voo, Cássia diz que o trabalho começa no momento em que se assina a folha de apresentação nas operações.

"Assinamos a presença e recebemos o briefing (instruções). Neste momento, um oficial de operações de voo apresenta-nos o "package" (pacote) contendo toda a documentação necessária, como a meteorologia nos aeroportos de origem, destino e alternante. Recebemos, igualmente, informação com os cálculos de performance, autorizações de sobrevoo e aterragem", disse.

Terminado o briefing, atripulação vai para o avião e Cássia começa a fazer os checks (verificações), pelo exterior, com o objectivo de verificar as condições gerais da fuselagem, ver alguma coisa fora do comum. Caso encontre algo, encaminha aos colegas da manutenção para verificarem, situação que normalmente fica resolvida.

Ao entrar para o avião, Cássia tem o hábito de verificar as condições gerais da cabine e ver com a profissional de cabine se está tudo certo, pois ela tem a responsabilidade de verificar todos os equipamentos de segurança.

A melhor parte

Para Cássia, a melhor parte começa ao entrar para o cockpit (cabine de voo). A primeira coisa que faz é ajustar o assento. Se o avião estiver energizado, começa a preparação, verificando a quantidade de combustível a bordo, ao mesmo tempo que vai ajustando os instrumentos, equipamentos de rádio e navegação para o voo.

"É cultura de comunicar com a torre para confirmar os dados meteorológicos do aeródromo e plano de voo para o destino. Com a rotina, vem também a rapidez e a dinâmica na execução das tarefas. É fantástico!", exclamou.

Na cabine, ela fica com o comandante da aeronave e, para abreviar, quando este achar conveniente, listam-se os briefings de partida e de segurança e ele mesmo pede o before Start checklist (averificação que antecede a partida). Nesta altura, Cássia conta que estão preparados para a chegada dos passageiros.

Durante o tempo de voo, faz-se um trabalho de monitorização dos instrumentos para a navegação e comunicações. Cássia disse que existem várias frequências de navegação e rádio ao longo da rota, que devem ser ajustadas durante o voo, pois ajudam a manter o "situational awarness".

"É muito importante saber a todo o momento onde estamos e respeitar os pontos de relatório, para dar a conhecer ao controle da área de jutisdição sobrevoada. Eu gosto imenso deste trabalho, porque tudo acontece em sequência, de forma muito organizada", explicou. O que não pode esquecer ou faltar para uma viagem é a documentação, pois é determinante que todos os tripulantes bordo estejam a nave tenham as suas licenças de voo e médica actualizadas.

Formação

Cássia Costa estudou até à quinta classe em Angola, dando continuidade em Lisboa, Portugal, onde fez o liceu e o primeiro ano da faculdade de Turismo e Gestão Hoteleira, em 2006. Em 2007 começou a estudar na escola de aviação. O teórico prático foi no princípio de 2008 e, contando com o tempo de preparação, em Novembro próximo completa 12 anos a pilotar.

Conta que, quando surgiu a oportunidade para estudar aviação, apostou com tudo e foi para o Brasil, uma viagem, segundo ela, rumo à realização de um sonho que mudou a sua vida em todas as áreas.

"Durante quase dois anos, fui desafiada a crescer e a viver uma realidade que mudou a minha história por completo. Em 2014, retomei os estudos e terminei a graduação em Turismo, que havia começado em Lisboa", contou.

A piloto tem uma avaliação de projectos a desenvolver na área da aviação, que está a aperar pela melhoria do quadro económico-financeiro do país. Ela está certa de que estará mais próxima da realização dos seus objectivos a ponto de conseguir fazer o link com o Turismo, área em que se licenciou.

Aindando teve a oportunidade de pilotar com a família a bordo, mas conta que está cada vez mais perto de realizar este sonho. Além de pilotar, estar com a sua família é o mais importante; passar tempo de qualidade com marido, filhas, amigos e irmãos, sempre que puder.

De momento, ela trabalha numa associação que tem como principal objectivo unir mulheres na área da aviação e desenvolver estratégias para o crescimento do sector em Angola. Gosta de ler e ajuda o marido nos seus treinamentos e assentos relacionados à obra de Deus.

NO MÊS DA MULHER, O MELHOR PRESENTE É RESPEITO

Em Março comemoramos o Mês da Mulher: o Dia da Mulher Angolana homenageia a sua coragem e espírito guerreiro e o Dia Internacional da Mulher vem chamar a atenção para a importância de lutar pelos direitos das mulheres. Junte-se a esta celebração e lembre-se, que o verdadeiro presente é o respeito, a igualdade e a dignidade.

GLOBO

(500.0322)

AGOSTINHO MARCELO | EDIÇÃO MOVIMENTO

ADALGIZA MUALUBAMBO

Incontinência urinária e outros males vão dar à fisioterapeuta pélvica

Não passava de uma menina, quando, na brincadeira, começou a dar os primeiros passos para a Medicina, profissão que exerce hoje. Durante anos, Adalgiza Mualubambo, especialista em fisioterapia pélvica, encontrou na irmã mais nova, Sayonara, a sua primeira paciente.

Edna Cazuvito

Simples, simpática e determinada, qualidades de um doce de pessoa, a médica, primogénita dos três filhos do casal José e Maria Mualubambo, fala com firmeza da sua especialidade e mostra-se satisfeita por conseguir devolver o sorriso a pacientes levados ao seu consultório por problemas que afectam a sexualidade e a auto-estima.

Esposa e mãe dedicada à família e a lar, Adalgiza dispensa a ajuda de uma secretária do lar. Deu exemplo de que é possível conciliar o lado profissional com a condição de dona de casa, desde que se faça tudo com amor.

Por trás do rosto de menina e do sorriso aberto, que oferece a quem dele se aproxima, esconde-se a primeira e até agora única fisioterapeuta pélvica angolana. Constantemente confundida com uma "mitida", a médica prova por A+B, aos pacientes, ser a pessoa certa quando o assunto é incontinência urinária, ejaculação precoce, disfunção eréctil ou relaxamento da musculatura vaginal, no pós-parto, entre outras patologias que afectam homens e mulheres.

Formada em fisioterapia no país, pela Universidade Privada de Angola (UPRA), Adalgiza Muahlambo especializou-se no Instituto Inpitar, em Curitiba, São Paulo, Brasil.

A escolha do ramo de Medicina que exerce deveu-se a um episódio que a marcou no início de carreira: a equipa de médicos com que trabalhava atendeu uma gestante, com muitas dores, e precisava da ajuda de um especialista.

"Não sabíamos como fazer o tratamento. Foi quando percebi que precisávamos mesmo dessa especialidade no país. Tínhamos pacientes, mas não tínhamos especialistas", revelou.

Casada com Francisco Manuel Amaro, mãe da pequena Wizana, de quatro anos, a médica divide-se entre as tarefas de dona de casa, mãe, esposa e profissional da Saúde. Na lida do lar, crítica aos jovens que interpretam mal a emancipação da mulher, prejudicando, na maioria das vezes, a convivência com o cônjuge.

"Temos de nos focar no objectivo da relação. Uma pessoa, quando sai da casa da mãe, como a Bíblia diz, "deixará o homem pai e mãe e unir-se-á à sua esposa e ambos serão uma só carne", qual é o objectivo dessa relação? É crescer, manter coesa, forte e firme. É necessário a mulher saber gerir a equipa de médicos com que deslumbrar as cortinas. E cuidar do marido, principalmente. Notar sempre o que chateia, o que deixa feliz o marido, o que se pode melhorar na nossa casa, como é que posso ajudar a minha filha, o que a deixa chateada, o que a deixa feliz. Isso é necessário", disse.

Filha de um engenheiro de Telecomunicações e Electrónica e de uma professora, crescem com governanta em casa. Mas cedo aprendeu, com a mãe, a não ficar de braços cruzados.

"Ela fazia questão de trabalhar. E, quando estivéssemos de férias, nós é que cuidávamos da casa, da roupa e da comida. A minha mãe é cozinheira de mãos cheias e eu também, embora não chegue aos pés dela". Chora ao lembrar da morte do pai e da fortaleza que encontrou na postura firme, sábia e carinhosa da mãe.

Nos dias de maior fadiga, conta com a ajuda do marido, que descreve como muito compreensivo e paciente. Apesar da dificuldade que enfrenta no dia-a-dia, não abremão do papel de mulher.

"A mulher africana foi educada para cuidar da casa e do lar. Muitas estão a entender mal o termo emancipação. Não nos devemos esquecer das nossas tarefas. Trabalhamos, somos doutores, mas quando chegamos a casa temos de deixar essa capa e vestir a de dona de casa. Às vezes, quando estou um bocadinho cansada, o meu marido deixa-me descansar e ajuda-me com as coisas em casa. Mas quem faz a maior parte sou eu".

Em 2012, aos 29 anos, teve a maior perda da sua vida. A morte do pai, por doença, deixou na médica uma ferida aberta. Amigo, conselheiro e protector, tal como descreveu, o progenitor da Dra. Giza, como é tratada pelos familiares, ensinou-a e aos irmãos mais novos, Sayonara e Pedro Mualubambo, a importância da união, do amor, da amizade e do carinho no seio familiar. Até hoje, é dessa maneira que a médica, a mãe e os irmãos convivem entre si.

"Deus tirou-me o pai muito cedo. Era o meu melhor amigo. Ninguém está preparado para perder um pai. Era o nosso ponto-seguro, o nosso pilar. A minha mãe é uma bênção. Esteve sempre al. Esta mulher muito guerreira e batalhadora. Se não fosse a minha mãe...", desabafou a médica aos prantos.

Depois de tirsanos de formação no Brasil, estabeleceu-se no país, com uma especialidade nova e completamente desconhecida pelos pacientes, não foi fácil. De acordo com a especialista, as pessoas precisavam, mas não aceitavam ser consultadas.

"Somos ainda um país com um ligeiro tabu em relação a essa especialidade, porque mexe com uma região muito íntima. Difícil as pessoas procurar por um ginecologista, um urologista. Há mulheres que não vão ao médico, por questões religiosas ou tradicional, e homens que não procuram por um urologista. Imagina um fisioterapeuta pélvico! Só procuram quando mexe com o emocional ou com a sua relação amorosa, muitas vezes, quando vêm procurar ajuda, chegam num estado um pouco avançado da doença", disse a médica.

Actualmente, embora o seu trabalho já seja conhecido, depara-se com muitos homens portadores de disfunção eréctil ou ejaculação precoce, que não assumem logo o problema.

"É difícil um homem chegar e assumir que tem uma disfunção e precisa de ajuda. Geralmente, só fazquando o relacionamento em casa, com a esposa, não está bem e ele precisa de mudar de atitude, para salvar a relação, ou porque a mulher o traz, porque o ouviu falar da médica".

Recebe centenas de mensagens via Facebook e muitos telefonemas de homens, que a ouvem falar em programas de rádio e acreditam poder resolver os seus problemas de saúde, via telefone ou a partir das redes sociais.

"Eu evito, porque não posso avalá-los por telefone. Não vão directo ao assunto, têm vergonha de assumir que estão com ejaculação precoce, por exemplo, e precisam de ajuda. Muitos pacientes entram para a minha página no Facebook; Adalgisa Mualubambo Fisioterapeuta Pélvica, que eram chegar, fazer consultas por telefone. Aconselho-os a procurar por mim no consultório para eu poder fazer-lhes a terapia".

A fisioterapeuta revelou que está muito próxima de realizar o sonho de ter o próprio consultório pélvico e revela que em breve vai fazer outros filhos. No seu entender, já não vai a tempo de ter o sete filhos que idealizou, mas ainda pode chegar a quatro.

Apaixonada por plantas, a médica tem mais de 130 espécimes. Diz saber cuidar de todas e perceber quando alguma coisa não vai bem.

"Gosto de poder chegar a casa, mexer nas plantas, conversar com elas, cumprimentá-las. Procuro saber como estão, se passaram bem o dia, se falta alguma coisa, se estão tristes. É preciso ter alguma coisa que nos faça parar e nos tornar crianças. No meu caso, são as plantas".

> **Deus tirou-me o pai muito cedo. Era o meu melhor amigo. Ninguém está preparado para perder um pai.**

AGOSTINHO MARCELO | EDIÇÃO MOVIMENTO

Adalgiza Mualubambo responde

> **Somos ainda um país com um ligeiro tabu em relação a essa especialidade, porque mexe com uma região muito íntima.**

Como é o dia a dia de uma médica que é, também, esposa e mãe?

É agitado. O tempo é curto, acho que 24 horas não são suficientes. Mas temos de saber gerir o tempo, de modo a que haja tempo para tudo. Tempo para acordar e para se deitar, para dormir. De manhã, deixo a minha filha na escola, às 8h, e entro às 9h numa clínica em que trabalho. Estou no Centro Ortopédico de Viana das 12 às 17h. Depois daí é só cuidar da família.

Uma médica jovem tem tempo para divertir-se? consegue ter amigas?

Sim! Tenho uma amiga de infância; é minha irmã espiritual, afilhada da minha mãe, a irmã Lorena, a Solange Filemon e a Indira Canga. São as minha "bros". Divirto-me muito, gosto de passear na ilha de Luanda, ver o mar, dar uma voltinha, parar o carro, descer para ficar nas pedras a conversar com o marido. Gosto de viajar pelo país, estar em contacto com a natureza e conhecer as outras províncias.

Has suas viagens pelo país e que mais salta à vista?

Temos pontos turísticos muito bonitos. Gosto da paisagem, de apreciar o que é belo na natureza, ver as plantas, rios, mares. Se eu pudesse mudar algo, mudava a questão da higiene. Nós podemos fazer diferente, criar políticas de limpeza, tornar o nosso país mais limpo, mais agradável, mais cheiroso.

> **Estou no Centro Ortopédico de Viana das 12 às 17h. Depois daí é só cuidar da família.**

O que sonha para Angola?

O nosso país precisa de ser mais e melhor explorado. Temos muito para dar. O índice de desemprego é muito grande. O que me deixa triste é a miséria que o país vive. Devia-se fazer mais pela população. Criar mais escolas, mais hospitais, distribuir mais merendas escolares. Muitas vezes, as crianças não assistem às aulas até ao fim e não estudam em condições, porque estão com fome. Saco vazio não pára em pé e as crianças têm de comer para poderem aprender e reter alguma coisa.

Qual foi a sua experiência mais marcante?

Foi ser mãe. Momento único e bom. Foi uma gravidez de risco, nada fácil, tive de ficar em casa, de repouso, deitada, não podia fazer muitos movimentos. A pessoa aprende a respeitar a mãe. O médico diz-me que estava tudo bem, mas eu sentia umas dores estranhas. Hoje, poder olhar para a Wizana faz-me ver que foi uma experiência boa, um presente divino.

PERFIL

ADALIZA JURELMA SARDINHA MUALUBAMBO
Nascida aos 4 de Fevereiro de 1983

Filiação
José Pedro Mualubambo e Maria Manuel Celeste Sardinha Mualubambo

Hobby:
Cinema, cozinhar e plantas

Sonhos:
Montar um consultório. Estou muito próximo de realizá-lo

Estado civil
casada com Francisco Manuel Amaro

Uma Filha
Wizana Rafaela, de 8 anos

Dois irmãos
Sayonara e Pedro

Comida predilecta
Gosto de cozinhar bagre com muamba de ginguba e óleo de palma. O meu pai gostava muito, com fungo misto. Também faço muito bem o macosso ou catatu

MATERNIDADE LUCRÉCIA PAIM

Partos realizados com maior segurança

A mortalidade materno-infantil registou, nos últimos dois anos, uma redução em mais de 50 por cento na Maternidade Lucrécia Paim. Estes indicadores resultam de investimentos realizados pelo Governo e parceiros nacionais e internacionais. Fez-se a reabilitação dos edifícios, ampliação dos serviços e apostou-se num atendimento mais humanizado, para melhor assistência médica e medicamentosa às mulheres.

CONTEÚDOS PIM | EDIÇÕES NOVEMBRO

Gracieve Mayer

A angústia de ter o seu bebé numa das maiores maternidades públicas do país, a Lucrécia Paim, era permanente, à medida que se aproximava o fim da gestação. Nas sentadas familiares, no trabalho e, às vezes, nos dias de consultas, ouvia histórias sobre maus tratos que enfermeiras e médicos em serviço davam às parturientes. Narrações de mulheres que não tiveram a sorte de ser bem atendidas naquela unidade hospitalar. Teresa Sebastião, 22 anos, insegura por causa destes relatos, pensou em trocar de maternidade, embora durante toda a gestação estivesse a fazer as consultadas naquela instituição.

"Ser acompanhada durante a gravidez é uma coisa, dar a luz é outra", manifestou a jovem estudante universitária, que chegou a preparar 50 mil Kwanzas, sendo 20 mil para pagar uma enfermeira, para que lhe desse maior atenção, e 30 mil para o material hospitalar (soros, seringas, agulhas, luvas, gases, etc.)

As insónias eram quase rotineiras - traço que caracterizava todo o final de uma gravidez, pois a ânsia de dar a luz e o desconforto do tamanho da barriga tinham o sono a qualquer gestante. Na madrugada do dia 6 do mês passado, as dores de parto chegaram. Era necessário procurar uma maternidade. A aflição e a dor não deram azo a vacilações. Vamos à Lucrécia Paim e ponto! Chegou ao Bancode Urgência e minutos depois era atendida na sala de triagem, para efectuar o toque, foco, pulsação, medição de pressão etc. Já estava em trabalho de parto. Na sala, as parteiras mergulham no seu ofício para consumar o parto. Nasceu um rapaz com 2 quilos e 100 gramas, de seu nome Israel Gabriel.

Depois foi encaminhada para a sala de observação. Cada paciente estava acomodada numa cama. Tudo organizado e enfermeiras preocupadas com pacientes. Quarto limpos, água canalizada, casas de banho bem higienizadas. Foi assim que Teresa Sebastião descreveu ao sair da maternidade, no dia 7 de Fevereiro. Sorridente, a mulher e mãe de primeira viagem revela que as condições da maternidade de Lucrécia Paim são boas.

"O hospital oferece hoje mais segurança para um parto tranquilo. Em termos de infra-estruturas, as condições melhoraram muito, pois nos quartos já não se vê duas mulheres a ocuparem a mesma cama. Os serviços estão mais humanizados", considera.

A mãe de Teresa, que sempre esteve por perto durante o seu processo, mas não se quis identificar, confirmou as mudanças que se operaram na maternidade.

"Eu estava com muito receio de a minha filha dar a luz aqui, nesta maternidade, porque já estive aqui várias vezes e o tratamento não era bom, as condições eram péssimas", rematou.

A doméstica, Felícia de Carvalho (nome fictício), 33 anos e mãe de cinco filhos, reconhece igualmente melhorias na infra-estrutura da maternidade Lucrécia Paim, na acomodação no acesso aos medicamentos. Mas, referiu que o atendimento ainda deixa "muito a desejar". Conta que o seu bebé nasceu no dia 19 de Dezembro de 2019 e que o grupo de enfermeiras escalado naquele dia era impaciente.

"O atendimento não foi bom, porque me disseram coisas feias. Mas avisei a equipa médica e elas foram chamadas à razão", disse.

> Ser acompanhada durante a gravidez é uma coisa, dar a luz é outra

CONTEÚDOS PIM | EDIÇÕES NOVEMBRO

A directora-geral da maternidade Lucrécia Paim, Manuela Mendes, reconhece que existem casos pontuais de enfermeiras que se esquecem do atendimento, mas considera-os serem muito raros, hoje. Revela que a situação tem estado a trabalhar para um atendimento mais humanizado.

"Noventa e nove por cento das actuais queixas já não estão relacionadas com o atendimento, nem com as condições dos hospitais, mas sim com o tempo de espera", disse.

O hospital instalou em cada um dos sete andares urnas ou Guichés do Utente, onde são feitas reclamações por escrito, sobre o comportamento inadequado de funcionários da instituição, desde os porteiros até aos membros da direcção. Afirmou que a ideia é garantir um atendimento humanizado e especializado à mulher e ao recém-nascido, por meio de serviços preventivos e curativos, feito por equipas de profissionais capazes de proporcionar segurança e confiança às pacientes acomodadas em confortáveis quartos, com direito a casa de banho e ar condicionado.

Além de doações que tem recebido de organizações nacionais e internacionais, a Lucrécia Paim firmou acordos com a Sociedade Portuguesa de Neonatologia e a Fundação Calouste Gulbenkian, para a formação de quadros nacionais em áreas como a de neonatologia.

Pacientes e acompanhantes

A maternidade Lucrécia Paim criou condições para as acompanhantes das mulheres que vão dar à luz ou realizar uma cirurgia de foro ginecológico. Em cada quarto, foi instalada uma poltrona para as acompanhantes acomodarem-se convenientemente, nos entido de ajudar nas necessidades do seu familiar (a paciente).

De acordo com a directora-geral, esta medida visa, portumlado, reduzir o foco de pessoas que pernoitavam à frente da maternidade, sem condições e, muito menos, segurança, e por outro, enquadra-se no processo de humanização da saúde, orientado pelo Executivo e pela OMS.

O hospital não garante alimentação às acompanhantes, mas o movimento de entrar e sair, com identificação apropriada, enquanto a paciente estiver sob cuidados da maternidade. Os pais também já podem assistir aos partos dos filhos. Para isso, o interessado deve escrever, com antecedência, para o hospital e manifestar o seu interesse. "Cumo as as condições para que, no dia do parto, o pai assista ao nascimento do filho, pela via normal ou cesariana".

Por outro lado, o cenário de uma cama para duas mulheres já não é visível na Maternidade Lucrécia Paim. A direcção aumentou o número de leitos, de 600 para 800, transformando os anteriores gabinetes de médicos em quartos. Além disso, ao longo dos corredores dos seteandares foram colocadas camas, para que, em caso de lotação, aspacientes sejam acomodadas de maneira confortável e não no chão, como anteriormente. A direcção do hospital instalou também aparelhos de ar condicionado em todos os compartimentos. O sistema de abastecimento de água positivel e de energia eléctrica funcion a 24/24 horas. As pacientes podem usufruir agora de água quente e fria para a higienização pessoal. Foi igualmente reforçada a segurança das portas e janelas, de modo a impedir a tentativa de suicídio de mulheres que sofram de alguma perturbação mental.

Em vez de gradearmos, fizemos uma redução na abertura da janela, evitando assim a passagem de pacientes", esclarece.

Há uma empresa que presta serviço diário de limpeza e desinfestação no edifício, para evitar insectos na instituição. "Tinhamos muitas queixas das pacientes de que havia mosquitos, baratas e ratos. Hoje, temos uma maternidade limpa, organizada, oferecendo segurança a qualquer mulher que aqui vem", explica a directora da maternidade Lucrécia Paim.

A nova gestão criou, também, políticas para desencoraiar o comércio intra-hospitalar. Foramabertos alguns quiosques no recinto do hospital, onde os familiares das pacientes podem comprar, principalmente, fraldas, com maior segurança.

"O comércio dentro do hospital é proibido. Havia informações de que cataiogadoras e o pessoal de limpeza vendiam fraldas e outros bens dentro da unidade hospitalar", justifica Manuela Mendes.

Com uma estrutura totalmente remodelada, serviço de urgência, laboratórios e oito blocos operatórios bem equipados, a Maternidade Lucrécia Paim tem uma capacidade para realizar 40 partos por dia (normais e cesarianas). Mas efectua o dobro daquilo que é recomendado. A média diária é de cerca de 100 partos, dos quais 30 são cesarianas, acima do que é recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

"Isso é inconcebível! Uma enfermeira no seu turno pode realizar 10 a 15 partos por dia," exclama a directora-geral. Acrescenta que o acompanhamento de um parto tem de observar alguns procedimentos, nomeadamente: ouvir a frequência fetal, de meia em meia hora, ver o número de contrações das parturientes, de meia em meia hora, medir a pressão arterial da paciente, medir o pulso, de hora em hora, toque vaginal, para ver se a paciente está pronta para dar à luz, de duas em duas horas. Para a realidade angolana, acentua, cada enfermeira poderia realizar no mínimo três/quatro partos.

Pelos afazeres que têm as mulheres que trabalham na Lucrécia Paim, Manuela Mendes considera-as "verdadeiras heroínas. Por isso, elas têm de ser acarinhadas", rematou.

Obstetra e professora universitária, a directora-geral defendeu a construção de mais maternidades nas periferias de Luanda e no país. Também diz ser necessário o recrutamento de mais médicos e enfermeiros.

"Temos de arranjar mais locais com blocos operatórios, capazes de resolver eventuais problemas que podem ocorrer durante o parto. Temos de lutar para a descentralização do parto", solicitou Manuela Mendes.

MANUELA MENDES, DIRECTORA-GERAL

"Temos de descentralizar o parto"

CONTEÚDOS PIM | EDIÇÕES NOVEMBRO

> Isso é inconcebível! Uma enfermeira no seu turno pode realizar 10 a 15 partos por dia

CONTEÚDOS PIM | EDIÇÕES NOVEMBRO

CONTEÚDOS PIM | EDIÇÕES NOVEMBRO

Mais e melhores serviços

Além dos serviços de assistência médica na área de obstetrícia e ginecologia, a maternidade Lucrécia Paim dispõe de um bloco operatório, destinado a atender casos de fístula obstétrica. Em 2018, 180 mulheres foram operadas deste mal. A fístula obstétrica é uma ruptura no canal vaginal que causa incontinência e leva à exclusão social de milhares de mulheres. As suas principais causas são partos prolongados e obstruídos, especialmente em zonas onde é restrito o acesso aos cuidados obstétricos.

Um outro serviço de que Lucrécia Paim dispõe é o de Pediatria. São atendidas crianças que nascem na maternidade. Uma equipa de médicas pediátricas e enfermeiras faz o acompanhamento dos bebés com as respectivas vacinas até completar um ano. A maternidade inaugurou, também no ano passado, um Banco de Leite Humano, que tem a atenção de 25 especialistas, nomeadamente, enfermeiras, fisioterapeutas, informáticos, nutricionistas e vigilantes.

O Banco de Leite arrancou com 56 dadoras regulares e atentes, numa primeira fase, os recém-nascidos cujas mães estão comdificuldade de produzir o leite ou tenham complicações decorrentes do parto. O leite doado é testado em laboratório com tecnologia brasileira. O produto é colocado em quarentena, por um período de 72 horas. Durante o processamento, é feito todo o controlo de qualidade até chegar à pasteurização. Já em conservação, o leite é armazenado em arcas e consumido até um período de seis meses.

> "Temos de arranjar mais locais com blocos operatórios, capazes de resolver eventuais problemas que podem ocorrer durante o parto. Temos de lutar para a descentralização do parto", solicitou Manuela Mendes.

A maternidade oferece também serviços de registo de nascimento. Logo após o nascimento do bebé, alguns pais dirigem-se à sala, para efectuar o registo dos filhos.

"Outros ainda mostram resistência, alegando que preferem deixar a criança crescer mais para certificar se é mesmo seu filho ou não", conta a directora.

A Telemedicina também é outra novidade no hospital. É um recurso utilizando-o para a troca de informações médicas e análise de resultados de diferentes exames com outras unidades hospitalares de Luanda e depois, naresolução de casos complexos que a partir de um ecrã podem ser solucionados.

CONTEÚDOS PIM | EDIÇÕES NOVEMBRO

A Lucrécia Paim é um Hospital Escola. Todos os profissionais ligados à saúde materna são formados aqui.

CONTEÚDOS PIM | EDIÇÕES NOVEMBRO

Menos mortalidade materna

CONTEÚDOS PIM | EDIÇÕES NOVEMBRO

A mortalidade materna no Lucrécia Paim registou uma redução de mais de 50 por cento e a 30 por cento a neo-natal, afirmou a directora-geral, Manuela Mendes. Sem avançar números, a gestora disse que o Executivo tem investido "muito" na melhoria da assistência médico-medicamentosa nas maternidades, com vista a reduzir as elevadas taxas de mortalidade. A hipertensão (pré-eclampsia e eclampsia) continua a ser a principal causa de mortalidade materna.

"Há uma taxa muito elevada de hipertensão entre a população angolana. E isto afecta também as mulheres grávidas", explica.

Para a directora, é uma situação que deve ser prevenida, caso as mulheres façam com regularidade as consultas de obstetrícia e cumpram com os conselhos dados pelos profissionais.

"Quando vão às consultas, se o profissional notar que os níveis de pressão da gestante têm a tendência de aumentar, geralmente recomenda-lhe um novo estilo de vida, como, por exemplo, evitar comidas com muito sal, não ficar longas horas a trabalhar, repousar, diminuir o stress diário, bem como tomar os comprimidos receitados com regularidade."

Com esse controlo, afirma, devia registar-sea redução de mortes por hipertensão. "A realidade não é esta, porque as gestantes, principalmente as que possuem pouco nível de instrução, por causa de vários factores sociais e culturais, acabam por não observar a recomendação médica. No fim da gestação, chegam ao banco de urgência com níveis tensionais muito elevados e com convulsões, resultando em mortes na maioria dos casos," sublinha a directora.

Outra causa de morte são as hemorragias pós-parto. Segundo Manuela Mendes, as pacientes não cumprem as ingestas alimentares durante a gravidez e nem tomam os suplementos que lhes são recomendados, provocando anemias durante a gestação.

"Muitas mulheres grávidas, principalmente na periferia, não têm o que comer. Essas preocupam-nos bastante, porque, durante o parto, perdem sangue e isso resulta em complicações que às vezes levam à morte".

A terceira causa de morte é a infecção decorrente dos abortos clandestinos. De acordo com a directora, as mulheres, principalmente jovens em idade de procriação, continuam a fazer abortos clandestinos e sem o mínimo de segurança.

"Quando chegam à maternidade, por causa das complicações que tiveram, apresentam níveis de infecções muito elevados. A solução primária tem sido a retirada do útero. Noutros casos, as mulheres acabam mesmo por falecer", alerta.

A malária é a quarta causa da mortalidade materna na maternidade Lucrécia Paim. Os indicadores de malária nas grávidas são altos, porque as mulheres grávidas vão procurar assistência hospitalar tardiamente.

"Estamos numa unidade comindices altos de malária; a mulher grávida deve prevenir-se, usando o mosquiteiro, repelentes, evitar acumular água em recipientes, principalmente, forade casa", ressina a especialista.

A gravidez na adolescência é um outro grande problema. A médica obstetra disse que o organismo de uma adolescente não está preparado para suportar uma gravidez.

"Então, essas meninas dos 14 aos 17 anos chegam aqui com complicações sérias na gestação. Como resultado, muitas delas acabam mesmo por sucumbir, porque o orgasnismo não aguentou", lamenta Manuela Mendes.

Planeamento/ infertilidade

Adesão ao Programa de Planeamento Familiar, na Lucrécia Paim, ainda não atingiu os níveis desejados, segundo a directora daunidade. Em 2019, a maternidade registou seis mil consultas de planeamento familiar, enquanto em 2018 o número foi sete mile quinhentos.

"As mulheres devem frequentar o Planeamento Familiar, para obterem mais informações que lhes permitam decidir o número de filhos que querem ter e quando é que querem ter em condições mais seguras", disse.

A maternidade oferece gratuitamente vários métodos contraceptivos, nomeadamente, o anel vaginal, implante subcutâneo, injectáveis, pílulas e o DIU. Mesmo com essa gratuidade, refere, a adesão ainda é insignificante.

"Nós aconselhamos às mulheres que, pelo menos, engravidem de dois em dois ou de três em três anos, no sentido de separarem filhos mais saudáveis e terem partos mais seguros", aconselha

Enquanto isso, o aumento de casos de infertilidade conjugal começa a preocupar a direcção da Maternidade Lucrécia Paim. A infertilidade conjugal é definida como a ausência de gravidez, após 12 meses de relações sexuais regulares, sem uso de método anticoncepcional. De acordo com a gestora da maior maternidade do país, depois de um ano sem conseguir engravidar, o casal deve procurar assistência médica para uma avaliação adequada.

"Temos indicadores de casos cujo tratamento obtivemos resultados positivos. Os de maior complexidade aconselhamos os pacientes a procurarem por unidades hospitalares especializadas fora do país".

As causas da infertilidade variam de paciente para paciente, mas as infecções pélvicas, resultantes da promiscuidade sexual, figuram na lista da maternidade Lucrécia Paim como os principais motivos.

"O hospital registra muitos casos de infecções pélvicas que causam lesões às trompas, principalmente, em jovens com idade de procriação. Como consequência, há incapacidade de engravidar", esclarece Manuela Mendes.

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

JORNADA DIÁRIA DE UMA ZUNGUEIRA

A ambição de Angelina Guenje vai para lá da venda de sandes

Angelina Guenje, assim como milhares de mulheres angolanas, é a principal provedora do lar. Ganha o sustento da família na "zunga" e enfrenta muitas adversidades. Por essa razão, ela e todas as zungueiras são consideradas um símbolo de determinação.

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Victória Ferreira

As 5H00 da manhã começa a jornada diária de Angelina Guenje, ou simplesmente "Mãe Cassule". Viúva, 46 anos, ganha a vida na "zunga". Vende petiscos, calcorreando as ruas com um carrinho de mão. É mais uma mulher à procura do sustento da família.

Estatura baixa, sorriso discreto, muito atenciosa e preocupada com o próximo, Angelina, depois de cuidar dos afazeres domésticos, às 9 horas, sai à rua para fazer compras. A equipa de reportagem do *Jornal de Angola* teve a oportunidade de a acompanhar.

Natural do Uíge, residente no distrito urbano do Sambizanga, "Mãe Cassule" dirige-se aos mercados do Kikolo, Cacuaco e Golfo II, onde compra salsichas, pele de vaca, moelas, rabinhos e patas de frango. O conjunto de cames depois é transformado em vários petiscos que são vendidos com pão. O recheio convida os mais distintos clientes, pois a pessoas "comem antes com os olhos".

Ainda nas compras, umas vezes com o passo apressado, outras nem por isso, "Mãe Cassule" regressa a casa para preparar as iguarias. Às 15 horas, os petiscos são transferidos para uma bacia de alumínio grande e esta para o carro de mão, onde está um fogareiro adaptado, para manter a comida quente. São cerca de 20 quilos de comida. Apesar do peso, a zungueira carrega o carro a grande velocidade, atravessando o Neves, no São Paulo, até à zona dos Combatentes.

Nos passeios e na estrada, entre as pessoas, faz o trajecto. A Blusa branca, o avental, as bermudas azuis, os chinelos e a toca preta, embora simples, revelam cuidado com a aparência. Muito solicitada, Cassule vende os petiscos a outras vendedoras, lotadeiras, lavadores de carros, estivadores, motoqueiros, taxistas, seguranças e polícias.

De rosto sereno, o tempo e a vivacidade fi cktaram-lhe marcas. Porém, sem para cada cliente uma palavra de apreço e um sorriso. "Mãe Cassule" define o dia-a-dia como "muito complicado", face à alteração dos preços. Transmite-nos que, para semanter no negócio, é preciso ter firmeza e capacidade de se reinventar. Em jogo, está o sustento dos seus quatro filhos, de 27, 18, 16 e 14 anos. A vendedora de rua queixa-se da dificuldade que tem para lidar com as adversidades que há anos enfrenta nas ruas.

"Não vendo um lugar para vender, sou ambulante. Vendo nas ruas há muitos anos. Já comercializei de tudo um pouco e sempre tel os fiscais. Mas, para evitar problemas, trato-me de ambulante. Tenho a obrigação de levar o que comer para casa", justifica.

Sonhos e perspectivas

Angelina entende que o negócio que faz é uma actividade a retalho e pequena. Exige que os clientes colaborem para manter as suas limpas. Na ânsia de mudar de emprego, ao mesmo tempo que vendia nas artérias da cidade, "Mãe Cassule" estudava e concluiu o ensino médio, no curso Ciências Físicas e Biológicas, nasescola 22 de Novembro. "Tenho muitas ambições e luto para dar uma vida diferente aos meus filhos. A formação deles é a minha maior realização", disse, acrescentando que pretende fazer enfermagem.

Mas a formação dos filhos é prioridade. Lamenta que a filha primogénita, que já estava no 2º ano da universidade, no curso de Gestão, tenha parado por falta de recursos. Angelina paga a renda de casa, as propinas dos filhos que frequentam o ensino médio e do caçule, que está no 3º ciclo. Também compra o material didáctico e cobre todas as outras despesas da família.

"Quando perdi o meu marido, em 2014, pergunteI-me como iria sustentar sozinha as crianças. Mas tive fé e criei-os com coragem", recorda.

"Mãe Cassule" não abdica das responsabilidades. Apesar do tipo de venda que faz ser cansativo só permite que filho algum a ajude. Prefere ocupá-los com formação técnica, como cursos de informática, maquilhagem, decoração e culinária.

"Primo muito pela educação e instrução. Não quero que eles façam qualquer coisa por dinheiro", disse Angelina, que todos os dias sem de levar para casa, pelo menos, o dinheiro para o táxi dos filhos que vão à escola. Gastam 3000 Kwanzas diariamente. Para acrescentar um pouco às economias, joga kitiquila. "Ajudou-me muito, quando o negócio foi abaixo e consegui fazer outro investimento", garantiu.

A construção de uma casa condigna, num terreno que tem no Camama, é outra prioridade de Angelina.

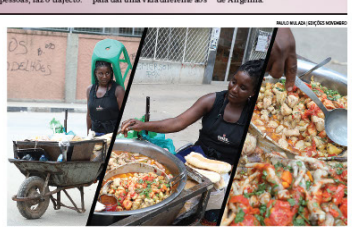
Vencida pelo cansaço

A medida que o tempo passa, o cansaço apodera-se de "Mãe Cassule". Decide fi car o carro de mão na paragem dos táxis que vão para o Ngoma e Cacuaco. Guenje manifesta vontade de deixar as ruas. "Estou a ficar mais velha. Não é minha vontade estar na rua, mas é o meu refúgio", disse, apreensiva.

As 23h15, "Mãe Cassule" começou a arrumar as coisas. A jornada estava a ser terminada. O medo assalta-a, pois o perigo está sempre à espreita: "rezo todos os dias para chegar bem a casa. Enfrento todo o tipo de perigo. Muitas vezes, tenho que a "falta de orientação" obrigou muitos jovens a envenedar por maus caminhos.

"O Governo tem de criar centros de educação de menores. É o futuro que se perde. Há mães que saem de manhã e não têm com quem deixá-los, por isso ficam nas ruas à própria sorte. Tudo para a mulher ganhar o pão do dia. E muitas vezes voltam para casa sem nada. É triste", relatou. "Mãe Cassule" já tem alguns locais de paragem obrigatória. Andou assente por uns dias e os clientes ficaram preocupados. Foram duas semanas, teve paludismo. Quem a conhece notou que estava mais magra do que o habitual.

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO



ARÃO MARTINS | EDIÇÕES NOVEMBRO

MULHERES "CARREGAM" O LAR ÀS COSTAS

O desafio de criar os filhos sem o pai

São, maioritariamente, as mulheres que, por qualquer razão do rompimento da relação conjugal, suportam os encargos e a responsabilidade paternal

Victória Ferreira

Joana Pedro José, 64 anos, recorda, com muita mágoa, as vicissitudes que passou para sustentar, sozinha, os seis filhos, hoje já adultos e com família constituída. O marido, com quem fez juras de amor, abandonou-a oito anos depois, assim como os filhos. A relação foi conturbada, marcada por constante violência. O pai deixou de dar o sustento à família, numa altura em que ela estava doente e, das seis crianças, três sequer estavam ainda registadas. "Mas preferi a separação. Não tinha paz, nem sossego". Conta.

Depois de falhar as várias tentativas para convencer o progenitor a registar as crianças, Joana só conseguiu ter regularizada a situação fazendo recurso à certidão de casamento religioso. Joana José recorda que viveu uma vida "dura e sem apoios". Chegou a recorrer ao Tribunal, mas, apesar de ter sido ouvida, nada ficou resolvido. " Doente, não sabia o que fazer. Cheguei a pesar 34 quilos, tinha na altura 28 anos. Ele (o ex marido) tentou tirar-me de casa e até vendê-la ".

Actualmente aposentada, Joana teve de trabalhar a dobrar. Incentivada por uma amiga, compadecida da situação, passou a fazer pequenos negócios, para, com o salário que auferia como funcionária pública, aumentar a renda familiar. Mesmo assim "mal chegava". Joana também enfrentava o dilema de não ter com quem deixar as crianças. Quando tivesse que se deslocar às províncias de Cabinda ou Benguela, para vender produtos como leite em pó, peixe seco e outros, "deixava as crianças sozinhas em casa, apenas sob a orientação de alguma vizinha. Naquele tempo, ainda se podia contar com os vizinhos", refere.

A mãe solteira sentia-se muito sobrecarregada, principalmente quando estivesse doente, com todas as necessidades: roupa, calçado, material escolar, tudo corria por sua conta. Joana ainda tentou estudar, para aumentar o nível académico, mas, por causa da pressão do dia-a-dia, ficou apenas pelo desejo.

Fuga à prestação é problema recorrente

Eugénia Piedade aponta a fuga ao registo, à prestação de alimentos e à autorização de viagem pelo pai como um grande problema para as mães que ficam à guarda dos filhos É uma luta constante, com muitos casos no tribunal, para que os pais paguem as pensões das crianças. As mulheres têm de andar atrás. São poucos os que o fazem sem pressão".

Djamila Ferreira, advogada estagiária, abona que a não prestação de alimentos viola, sobretudo, os direitos da família, nomeadamente, o direito a ter um tratamento digno e a coloca em situação vulnerável.

A prestação de alimentos está prevista no Código de Família. Os artigos 247 e seguintes estabelecem quem tem o dever ou está obrigada a prestar alimentos. "Numa primeira estância, são os pais dos menores. Caso os pais não existem, são os avós ou outros adultos, nesse caso, os tios e irmãos mais velhos. A legislação protege ainda a mulher grávida, que não deve ser abandonada pelo pai até ao 6º mês de idade da criança", explica.

Segundo a Djamila Ferreira, a não prestação de alimentos constitui uma violação dos direitos da família e, sobretudo, das pessoas que a constituem ,nomeadamente, a mãe e os filhos.

"... estamos a analisar uma situação de um pai que abandona a família, de um pai que não sustenta a própria família. Quando os filhos ou mulheres estão nessa situação devem recorrer e denunciar aos órgãos competentes, na esquadra próxima, num tribunal provincial ou numa sala de família", instruiu.

A não prestação de alimentos ou o abandono familiar é crime e está previsto no Código Penal e na Lei Contra a Violência Doméstica.

"Quem pratica o abandono familiar pode ser condenado a uma pena de até dois anos de prisão", adverte Djamila Ferreira, que apela as pessoas que estão nessa situação a não recearem represálias no seio familiar, principalmente do companheiro, por acharem uma ofensa dirigir-se às instituições de justiça para obrigar o pai a responsabilizar-se pelo sustento dos filhos.

A advogada estagiária chama a atenção aos membros das famílias que tendem a desencorajar as mulheres a não denunciar actos de abandono familiar. Citando o artigo 5º da Declaração dos Direitos Humanos, disse que "não prestar alimentos, deixar a família em situação ou estado de abandono, podemos entender como uma forma de tratamento cruel, desumano e degradante.

Situação afecta estado psico-emocional

Uma mãe que tem a responsabilidade dos filhos sem o apoio do parceiro está propensa a desenvolver um quadro depressivo, podendo ser insegura, ansiosa, agressiva e com baixa auto-estima.

"Torna-se uma mulher triste, sente-se usada e humilhada, uma vez que ela depositou toda a confiança no companheiro", avalia a psicóloga Eugénia de Almeida Piedade. Ela defende que a mãe precisa de estabilidade psico-emocional.

De acordo com a especialista, muitas mulheres ultrapassam a questão do abandono com a satisfação de ter um filho. "Deve explicar à criança as razões e mostrar a importância que ela tem na sua vida. Ao perceber que a mãe sofre por causa do pai, o filho também sofre e cresce com baixa auto-estima, o que tem uma grande relação com agressividade ou violência", descreve.

A psicóloga Clínica e de Saúde avisa que a mãe com baixa auto-estima não cuida com afecto e ensina os filhos a serem agressivos ou passivos. " Quem educa é a mãe. O pai tem a função de passar segurança aos filhos. Quando há fuga à paternidade, as crianças perdem esta segurança. Por outro lado, pode comprometer o exercício das suas funções. Por exemplo, mau relacionamento com os colegas ou mesmo no caso do atendimento ao público, tendo um comportamento agressivo ou passivo, ou seja, não responde", ensina.

Educação da população

Segundo Eugénia Almeida Piedade, que é também formadora comportamental, mais do que o resgate dos valores morais, o importante é a educação da população.

"Temos de educar a família a respeitar e deve ser ela a questionar e a exigir o cumprimento das responsabilidades para com a assistência aos filhos. Os mais novos da família observam e podem absorver ou ser influenciados por este comportamento. Por outro lado, há que educar as mulheres para serem equilibradas", disse

Eugénia Almeida, também discente da disciplina de Psicoterapia Sexual e Familiar, observa que as situações que afectam as mães, fazem que as filhas cresçam com a ideia de que não adianta amar ou recelam ter a mesma sorte da mãe, podendo desenvolver um sentimento materialista.

Para a especialista, tem de se começar a trabalhar com as crianças na tomada de decisão para uma educação sexual saudável e responsável para todos.

"Conhecer o seu corpo, incutir o respeito e as responsabilidades. As jovens e mulheres podem, deste modo, tomar consciência da importância do planeamento, para decidir, de acordo com a sua maturidade, como e quando ter um filho", argumenta.

Paternidade

O INAC (Instituto Nacional da Criança) registou um total de 1.841 denúncias de fuga à paternidade. 2.373 Crianças foram vítimas, em 2019. Este ano, de Janeiro a Fevereiro, Já foram registados mais 476 casos de fuga à paternidade: 507 crianças foram vítimas. Das denúncias registadas, os infractores são, na sua maioria, indivíduos das FAA e da Polícia Nacional.

Sem referência dos pais

Isabel Inácio disse que não percebe como um pai consegue pôr a cabeça na almofada e dormir tranquilamente, sabendo que o filho precisa de assistência. "Está sempre bem vestido e custeia as suas próprias necessidades, mas nunca tem para dar ao filho!?", interroga-se, revoltada.

De 38 anos, licenciada em Gestão do Ambiente, esta mãe solteira já trabalhou como empregada doméstica. Com o apoio da ex-patroa, conseguiu outro emprego, numa instituição privada. "Se metemos um filho no mundo, então temos de ser responsáveis e fazer de tudo que estiver ao alcance para lhe dar uma vida condigna", defende.

Com um filho de 11 anos, Isabel Inácio considera importante que, independentemente de os casais já não terem uma vida comum, devem estar presente na vida dos filhos, para que eles tenham um crescimento saudável.

"Os filhos precisam de referência do pai, principalmente, na fase da adolescência. Às vezes, é preciso uma voz de comando, rígida, uma conversa e, sobretudo, apoio moral", asseverou. Isabel Amaral manifesta que nunca pensou em levar o pai do filho a Tribunal, porque acreditou que a situação podia ser resolvida de forma amigável, "uma vez que ele alegava não ter emprego, mas que podia contribuir sempre que tivesse um provento. É cansativo e aborrecido andar atrás de alguém que sabe que tem um filho que precisa de comer e tem outras necessidades."

A prestação de alimentos é dever dos pais e direitos dos filhos. Mas muitas mulheres têm de recorrer à justiça para exigir este benefício para os filhos que ambos geraram. Regra geral, são os pais, homens, que falham. Alguns alegam desemprego e falta de rendimentos suficientes e outros simplesmente não querem dar nada.

Falta vida própria

Ao contrário de Joana José, que já tem os filhos adultos, Carminda Fernandes, 32 anos, cujos filhos são menores, ainda tem muita luta pela frente. Sem um tecto para morar, é obrigada a viver em casa da mãe. "Não tenho vida própria". Confessou que vive um pesadelo.

A sua fisionomia não lhe dá a idade que tem; parece muito mais velha. As preocupações estão a consumi-la. A falta de colaboração e comparticipação do ex- marido na educação dos filhos, de 10 e 4 anos, afecta sobremaneira a vida destes. "Apenas este ano, o menino de 10 anos vai estudar a 2ª classe, porque o pai andava fugido", denuncia.

Por não ter conseguido uma vaga em escola pública, Carminda matriculou o menino mais crescido numa escola privada. "Sei que não vai ser fácil, mas tive de arriscar, para o menino não voltar a perder mais um ano lectivo. No próximo ano, vou tentar transferi-lo para uma escola pública. Sem apoio para sustentar as crianças, Carminda Fernandes vende chinelos, sabonete e artigos de maquilhagem. "Se eu não vendo nada, há vezes que não comemos". Expressa.

Carminda garantiu-nos que pressionou várias vezes o ex-companheiro a apoiá-la na educação das crianças, mas este, em tom jocoso, disse-lhe que devia considerar os filhos como um presente dado por ele. A partir daí, decidiu enfrentar tudo sozinha.

"Nunca mais lhe pedi nada; também não entreguei as crianças, como algumas pessoas aconselharam, nem dei a outra pessoa para criá-las. Como mãe, não as posso abandonar, senão também sofro", disse num tom maternal.

Para Carminda, os pais têm de ter consciência das suas responsabilidades. Tal como as mães se esforçam, também deviam procurar contribuir nas despesas, "nem que for apenas um lápis ou um quilo de arroz. É melhor do que não dar absolutamente nada", critica.

Carminda já pensou ir ao Tribunal, mas alega não saber exactamente como proceder. Neste momento, o pai dos meninos encontra-se desaparecido. Quem lhe dá alento é o filho mais velho. "Agradeço por ter um filho obediente, que ajuda a cuidar do irmão mais novo. Isso me conforta", diz orgulhosa.

MULHER-08.03.20-P22.pdf

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Já não quero ter um homem. Nem ele (o namorado). Em tempos, tentou tocar-me, senti-me muito mal. Pensei naquele dia... já não quero nada com ele.

VIOLÊNCIA SEXUAL LEVADA AO EXTREMO

Honra de Inocência abusada por três predadores

A polícia promete continuar com as investigações para prender os presumíveis autores deste acto bárbaro

Rosalina Mateta

Corpo franzino e semblante triste deixam a descoberto o estado de espírito da jovem mulher que, que depois de muito falarmos ao telefone, está diante de mim. Procuro adivinhar o que lhe vai na mente e alma, mas logo desisto. Jamais conseguiria alcançar. Aos 29 anos, embora a aparência seja de uma rapariga de 20, sofreu o mais duro golpe de que uma mulher pode ser vítima: foi violada, rouba e ameaçada de morte.

Os autores do vil acto são desconhecidos. Ela sabe apenas que foram três indivíduos que se serviram dela como desejaram: "Eles maltrataram-me. Abusaram-me de todas as maneiras; precisei de assistência médica...", conta, cabisbaixa.

Na fatídica madrugada em que o acto hediondo ocorreu, Inocência (nome fictício) estava a escassos metros de uma casa de festas, algures em Viana, onde ela e o namorado passaram a noite a divertir-se. Quando o dia clareava, decidiram sair para comprar algo para comer.

"Mal tínhamos deixado da porta da casa, apareceram três homens que nos intimidaram com uma arma: 'não se mexam, não gritem, se não vão morrer...'.

Inocência pediu: "não nos façam mal. Estão aqui os nossos telefones, dinheiro e as minhas jóias". Os bandidos receberam-lhes tudo. Mas, não satisfeitos, levaram o casal para um lugar ermo. O namorado conseguiu escapar. A possibilidade dele chamar a Polícia ou qualquer outro reforço não impediu a violação sexual colectiva.

"Depois de tudo, eles fugiram. Não sei porquê é que não me mataram... fiquei desnorteada. Não sei como saí dali. Eu só queria morrer. Estava toda magoada e cheia de dores...", descreve.

Inocência levou alguns dias para se recompor. Depois, foi fazer queixa à Polícia. Posteriormente, foi ao hospital, na tentativa de fazer o teste de VIH-SIDA e a profilaxia para evitar um eventual contágio pela mesma doença ou outras transmissões sexuais.

"Na esquadra mandaram-me para o hospital Américo Boavida. Lá, a enfermeira leu e recebeu-me o papel. Disse-me para voltar no dia seguinte".

Desmoralizada, não voltou. Estava como quem tivesse jogado a toalha ao tapete. Tinha as ideias fixas nos seus algozes. Por isso, Inocência voltou à Polícia e deu mais pistas e detalhes; queria-os presos. Na esquadra, soube que devia ter ir ao hospital Esperança, localizado no quintal da mesma unidade hospital para onde já se tinha dirigido.

Muitos dias tinham passado. As 72 horas recomendadas para a profilaxia há muito tinham vencido. Recebeu aconselhamento, fez o teste de VIH-SIDA. Em razão do seu estado psicológico, começou logo a fazer terapia com um especialista.

"Foram muito importantes as conversas com o psicólogo. Eu pensava em matar-me. Mas continuo a fazer de tudo para que eles sejam apanhados".

Inocência tem pista consistentes. Mas queixa-se de que "está a faltar o apoio da Polícia". Ela dá pormenores.

Descrença nos homens

Quase três meses se passaram. Mas o episódio não sai da cabeça de Inocência. Por isso, revive-o todos os dias. Como mulher, perdeu a crença nos homens, incluindo no seu namorado.

"Já não quero ter um homem. Nem ele (o namorado). Em tempos, tentou tocar-me, senti-me muito mal. Pensei naquele dia... já não quero nada com ele. Não consigo", justifica.

A violação sexual e a brutalidade deixaram marcas profundas. Inocência só tem a mãe, já muito mais velha. Para poupá-la das crises de hipertensão, nunca contou o que se passou. Sofre calada. O Namorado, com quem podia desabafar, agora é um ente distante, praticamente tão desconhecido como os violadores; um hmem que agora raramente vê.

Trabalha, come, passeia, sorri, para algumas coisas, mas fala como alguém robotizado. É justo que sofra tanto, enquanto os malfeitores andem à solta, provavelmente, a vitimarem outras mulheres? A polícia prometeu, há uma semana, fazer novas investidas para encontrar os causadores da angústia de Inocência.

Médico aconselha vítimas

Como prevenção de doenças de transmissão sexual, o técnico de saúde Benedito Umba Ssanju, presidente da Associação "Sole Omwenho", aconselha as mulheres vítimas de violação sexual a dirigirem-se às unidades especializadas, em tempo útil, para que lhes seja dado o composto de medicamentos para o tratamento preventivo.

"Independentemente das marcas que qualquer violação sexual deixa, a primeira coisa a fazer é ir ao hospital, antes mesmo de apresentar queixa à Polícia. Deve-se fazer um conjunto de tratamentos médicos e medicamentosos que servem de barreira para impedir que a pessoa venha a contrair uma doença sexualmente transmissível, caso o agressor a tenha", adverte.

Especialista recomenda as vítimas recorrem aos hospitais

Habituado a lidar com casos como o acima narrado, Benedito nota que, em Luanda e no resto do país, existem factores concretos facilitadores das acções dos predadores sexuais. Aponta o fraco policiamento de proximidade, a falta de iluminação e de transportes públicos na periferia, os vidros fumados de viaturas e a configuração dos bairros onde a maioria da população vive

Pelo recrudescimento dos crimes sexuais, o activista Benedito Ssanju aconselha a criação de uma comissão multi-sectorial para trabalhar na educação das famílias, no apoio às vítimas, na sensibilização dos agressores que tenham sido condenados por violência sexual, afim de não reincidirem. Acrescenta a este grupo os usuários de drogas e de bebidas alcoólicas, bem como os assaltantes de habitações, que, nos últimos tempos, não se limitam a roubar, mas também a violar indiscriminadamente mulheres, jovens e até crianças.

A pratica dos assaltos a residências vem-se tornando tão recorrente, que o técnico de saúde considera que o "modus operandi" deva ser estudado pelos psicólogos, sociólogos e outros especialistas. Feita esta constatação, apela às autoridades competentes para que façam trabalhos no sentido de travar estes males.

Unidades recebem 10 casos por dia

O presidente da "Sole Omwenho", instituição que congrega técnicos de saúde e psicólogos que trabalham em hospitais públicos e privados, afirma que oito a 10 pessoas, vítimas de abusos sexuais, acorrem diariamente às unidades sanitárias.

Caso sejam contabilizadas as unidades que recebem esta média de pacientes, os dados podem ser preocupantes. Na visão de Benedito Ssanju, outros factores que propiciam as violações sexuais são desestruturação das famílias, falta de diálogo entre pais e filhos, globalização, falta de educação, assédio sexual, factores económicos, etc.

O técnico de saúde chama a igreja e a comunicação social a serem parceiros do Governo para a educação das pessoas.

"A imprensa deve divulgar que as vítimas devem fazer o tratamento dentro das 72 horas. A igreja podia ser um parceiro mais eficaz, mas está a ser relegada para o segundo plano", critica Benedito Ssanju.

À Polícia, o líder da "Sole Omwenho" pede que seja célere no atendimento das vítimas de abuso sexual que apresentam queixa, para que, no prazo clinicamente recomendado, possam fazer a profilaxia.

Recordou que muitas, se não a maior parte das violações sexuais, ocorrem no seio da família. Por está razão, muitos casos não são conhecidos.

"Nestas circunstâncias, há a tendência de culpabilizar a vítima, que, por depender do seu agressor ou por vergonha, não denuncia, nem procura uma unidade de saúde", lamenta e aconselha a cultura da denúncia, independentemente do autor da violação sexual.

"Deve-se fazer advocacia nas comunidades. Porque, geralmente, o agressor também está nela inserido", sugere Benedito Ssanju. Em Luanda, enumera as zonas de Belas, Sequele, Kilamba e Camama como as que representam maior perigosidade.

SANTOS PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

A polícia deve ser rápida no atendimento às vítimas de abusos sexuais

MULHER-08.03.20-P23.pdf

COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA ASSEMBLEIA NACIONAL

Agravamento das penas reúne consenso entre as mulheres

O grupo de Mulheres Parlamentares tem contribuído para a diminuição dos crimes de violência, com denúncias e trabalho com as instituições que se ocupam mais directamente da matéria, de acordo com a deputada Maria do Carmo do Nascimento.

JOÃO GOMES | EDIÇÕES NOVEMBRO

Maria do Nascimento

Adelina Inácio

Uma das propostas que reúne consenso de todas as mulheres, na Assembleia Nacional, é o agravamento das penas para os crimes de violência doméstica e, em particular, os abusos sexuais contra crianças.

A proposta sobre o agravamento das penas foi já apresentada pelo Grupo de Mulheres Parlamentares, que aguarda que seja também implementada a Declaração de Compromisso do Fórum sobre Violência Doméstica.

A Assembleia Nacional não aprovou ainda a proposta do Código do Processo Penal, diploma no qual as parlamentares esperam ver aumentadas as penas para os crimes de violência. O documento encontra-se em discussão nas Comissões especializadas do Parlamento.

A deputada Maria do Carmo Nascimento explicou que os crimes de toda forma de violência estão a ser tratados e debatidos no Código do Processo penal, em discussão na Assembleia Nacional.

Maria do Carmo Nascimento fez ainda saber que o Grupo de Mulheres Parlamentares tem contribuído para a diminuição dos crimes de violência, com denúncias e trabalhando com instituições que se ocupam mais directamente da matéria.

A presidente do Grupo de Mulheres Parlamentares disse, em declarações ao Jornal de Angola, que deve haver punição severa para este tipo de crime. A deputada entende que "as penas devem ser agravadas, para persuadir os seus actores a evitar estas práticas".

A Parlamentar sustenta que as questões de violência devem ser amplamente discutidas, de forma a se obter consensos. Para isso, anunciou um trabalho conjunto com as autoridades, com destaque para o Serviço de Investigação Criminal (SIC) e o Ministério do Interior, "para vermos como podemos minimizar este flagelo", disse.

A deputada garantiu que o Grupo de Mulheres Parlamentares vai trabalhar para por em prática a declaração de compromisso, que foi adoptada durante a realização do Fórum Sobre a Violência Doméstica no Parlamento.

Lembrou que a Lei Contra a Violência Doméstica garante protecção especial contra este fenómeno, que, em sua opinião, é cada vez mais recorrente na sociedade angolana.

SANTOS PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Uma das propostas das mulheres recai sobre a elaboração de um Manual de Procedimentos e Condutas contra a violência doméstica

Um problema desestruturante

A deputada Maria do Carmo do Nascimento reconhece que a violência doméstica, nas suas mais variadas formas, é um problema complexo, que contribui para a desestruturação e instabilidade emocional das famílias e, consequentemente, da sociedade.

Por isso, segundo Maria do Carmo do Nascimento, a sua eliminação exige políticas integradas, por meio de acções do poder público, conjuntas e unificadas, no sentido de buscar a implantação de mecanismos de prevenção e enfrentamento das várias formas de violência doméstica para o seu combate.

Neste compromisso, acrescentou, as mulheres pedem que seja elaborado um Plano Nacional Multidisciplinar de prevenção, a integrar nos programas curriculares do ensino, com matérias que visem prevenir e inibir o surgimento de crimes de violência doméstica.

As parlamentares, disse, pretendem ainda que seja elaborado um Plano Nacional Multissectorial de garantia da protecção das vítimas de violência doméstica. Esperam que os órgãos intervenientes na aplicação da Lei contra a Violência Doméstica identifiquem e implementem mecanismos para a criação de Centros Integrados de Atendimento e Acolhimento às vítimas e famílias, incluindo centros de tratamento dos agressores.

Maria do Carmo do Nascimento lembrou que Lei Contra a Violência Doméstica foi aprovada com a finalidade de torná-la mais eficaz, como instrumento de educação e prevenção, por um lado. e, por outro, para o reforço da punição em prol da eliminação dessa prática. As mulheres pedem o alargamento dos tipos de violência, incluindo o Feminicídio.

As mulheres, através de uma Declaração sobre Violência Domestica, aprovada no ano passado, no Parlamento, pedem que sejam adoptados mecanismos de mobilização e sensibilização dos cidadãos, em geral, visando assegurar um amplo conhecimento do quadro jurídico da violência doméstica.

Defendem a mobilização de meios financeiros, técnicos e infra-estruturas em toda a extensão do território nacional, para a criação de Tribunais Especiais de Execução Sumária, direccionados ao tratamento de questões ligadas à violência doméstica.

As mulheres pedem, igualmente, que sejam ainda garantidas acções de formação permanente e contínua de magistrados e demais Operadores do Sistema de Aplicação da Justiça, conferindo maior especialização e preparação para o tratamento dos processos ligados especificamente à violência doméstica.

Na declaração de compromissos, as parlamentares esperam que sejam criadas Unidades Especiais de Polícia para o tratamento de questões ligadas à violência doméstica, um Observatório Nacional de Controlo e Monitoria para os casos de violência doméstica.

Uma das propostas das mulheres recai sobre a elaboração de um Manual de Procedimentos e Condutas contra a violência doméstica, na Língua Portuguesa e em Línguas Nacionais, e sobre a promoção de pesquisa e investigação de costumes e práticas de violência doméstica em Angola.

MULHER-08.03.20-P24.pdf

Edna Cauxeiro

Orientado a vender uma mercadoria, o irmão de Aliana apoderou-se de grande quantidade do dinheiro dos lucros

ALIANA AUGUSTO, 38 ANOS, PRESIDIÁRIA

"O meu irmão de pai e mãe denunciou-me"

"Estou aqui há um ano e 2 meses. O meu irmão de pai e mãe, que eu pus à frente do negócio, denunciou-me", lamenta Aliana Augusto, na cadeia. A passadora de droga foi surpreendida pela polícia em casa, ao lado dos quatro filhos, hoje com 17, 12, nove e seis anos.

Aos 38 anos, Aliana de Sousa Augusto, solteira e mãe de 4 rebentos, arrepende-se amargamente do dia em que decidiu aceitar o convite de um amigo para ingressar no mundo do tráfico de drogas. O sonho de montar uma pastelaria e as dificuldades financeiras por que passava na altura levaram-na a aceitar a proposta de vender e distribuir libanga.

Para aumentar os lucros do "negócio", que era muito rentável e exigia pouco esforço, a passadora "empregou" o irmão mais novo, que, mais tarde, se revelou seu algoz. Orientado a vender uma mercadoria, o irmão de Aliana apoderou-se de grande quantidade do dinheiro dos lucros. A responsável pela remessa, tendo tomando conhecimento do sucedido, rompeu o contrato com o incumpridor, que, por sua vez, procurou pela Polícia e delatou a irmã.

Ano 2019. A passadora de droga é surpreendida pela polícia em casa, ao lado dos quatro filhos, hoje com 17, 12, nove e seis anos. Ciente dos riscos que corria com a venda de estupefacientes e do mal que estes causam à sociedade e aos consumidores, Aliana decide dizer a verdade e colaborar com a Polícia. Presa em flagrante, a nossa interlocutora levou os agentes à casa da mãe, onde armazenava, em quantidades que não revelou, os estupefacientes.

"Estou aqui há um ano e 2 meses. O meu irmão de pai e mãe, que eu pus à frente do negócio, denunciou-me. Os polícias disseram que o meu irmão é que tinha feito a denúncia. Então, não tinha como eu esconder mais. Senti-me muito mal pelo facto de ter sido o meu irmão de sangue a fazer-me isso", lamenta, com os olhos cobertos de lágrimas.

Separada do marido há 4 anos, Aliana deixou os filhos ao cuidado de uma prima, que aceitou tratar dos pequenos. Para esquecer-se de quanto tempo ainda lhe resta de pena a cumprir, a reclusa ocupa-se física e psicologicamente com tarefas como a arrumação do pátio, a limpeza, a organização de fichas dos visitantes ou a confecção de pães e bolos, habilidades que mantêm nela o sonho de, no futuro, ser dona de uma pastelaria.

Apesar de terem assistido à prisão da mãe, os filhos da reclusa não a discriminam. No ano passado, durante uma visita especial, que permite aos presos receber vários familiares num só dia, os miúdos deixaram-na muito feliz.

"Disseram-me que estão a torcer por mim. Isso me deixou feliz e mais aliviada. Graças a Deus, tenho o apoio dos meus filhos", exultou.

Órfã de pai e mãe, Aliana conta, a par dos filhos, apenas com a prima que ficou em casa dela com os filhos. Quase não recebe visitas e quando o faz nunca é de familiares.

"Ninguém da minha família vem, salvo algumas amigas, uma vez ou outra".

Condenada a quatro anos, vive com a esperança de, daqui a pouco tempo, caso tenha bom comportamento, vir a beneficiar de liberdade condicional, para recomeçar a sua vida de forma honesta, dando vazão ao sonho de abrir uma pastelaria.

Antes de ingressar no mundo das drogas, fazia viagens para a Namíbia, África do Sul e Congo, onde comprava roupas e outros acessórios de moda, para vender.

"Para mim, o dinheiro que ganhava com isso era insuficiente. Vendendo drogas, ganha-se muito, em pouco tempo, mas não compensa", revela, arrependida.

Confessa que, ao tomar a decisão que a levou "para trás das grades" teve receio e demorou a aceitar a proposta.

"Mas eles aliciaram-me e disseram que eu ia conseguir abrir a pastelaria rápido. Cedi. A minha vida já estava mesmo muito apertada. Hoje, quem me aliciou está solto", observou.

Aliana aconselhou as mulheres que estão no tráfico de drogas a arranjarem outro meio de subsistência, para não destruírem a sua vida e a das famílias.

"Isso não é bom. Ficamos distantes da nossa família. É o que mais me dói. Às vezes queremos fazer as coisas mais rápido e caímos nessas armadilhas, fazemos coisas erradas", lamentou.

NOÉMIA SOBRINHO

"As pessoas que cometeram o crime estão lá fora. Eu estou aqui"

Noémia sobrinho, jovem bonita e bem falante, comemora 23 anos daqui a dois dias. Tal como Aliana, foi condenada a 4 anos. Mas os motivos em nada se assemelham. O namoro com um jovem problemático, do qual resultou um filho de três anos, levou-a à prisão, há menos de doze meses, por burla e defraudação.

"Namorei com alguém que estava metido em burlas. Fui associada a isso, como cúmplice dele. Na verdade, era um negócio que ele fez para empregar pessoas no Serviço e Migração e Estrangeiros (SME). Não gosto muito de falar nisso, não me sinto confortável e fico com raiva, porque acho uma injustiça. As verdadeiras pessoas que cometeram o crime estão lá fora e eu estou aqui", deplora.

Foragido da Polícia, o "verdadeiro autor da burla", de acordo com Noémia, nunca deu a cara. Desapareceu com o dinheiro de pessoas a quem prometeu empregos, tendo dado antes instruções específicas à namorada, que mal sabia do esquema em que estava metida.

"Apresentou-me a alguém - inclusive no tribunal descobriu-se que eles tinham uma relação amorosa - e orientou-me a dizer que sou filha dessa pessoa. A senhora, de quem ele dizia ser sobrinho, chama-se Fátima. Eu tinha muita afinidade com ela: conversávamos muito nas redes sociais, mas sempre que eu marcasse encontro com ela, não aparecia. Eu tratava-a por mãe e ela chamava-me filha".

Conta a reclusa que dona Fátima era amante e cúmplice do seu namorado. Nenhum dos dois respondeu ao processo. Noémia foi notificada e manteve a mentira de ser filha de dona Fátima, que mal conhecia.

"Eu respondi ao processo sozinha. Por eu dizer que sou filha da dona Fátima fui logo associada no processo como cúmplice. Na audiência, os declarantes todos disseram que não me conheciam e nunca tiveram contacto físico comigo, nunca me entregaram valores".

Tanto Noémia quanto a família pensavam tratar-se de um processo simples. Por isso, não deram muita importância ao caso, nem contrataram um advogado. Ela nunca foi detida. Notificaram-na a primeira vez e foi à esquadra responder a algumas perguntas. Na segunda vez que foi à unidade policial, fizeram-lhe as mesmas perguntas.

"Perguntaram se conhecia a dona Fátima, pediram para mostrar a casa da dona Fátima, perguntaram se eu sabia que o que eles faziam era burla e disseram-me que o processo ia para a Procuradoria. Não tive contacto com o procurador; a minha família e eu pensávamos que fosse algo mínimo. Não sabíamos que eu ia acabar presa. Não demos muita importância e o processo foi parar no tribunal", conta.

Condenada a 4 anos, a jovem considera-se inocente e tem uma remota esperança de que o seu advogado consiga reverter a sua situação, na medida em que já recorreu ao Tribunal Supremo.

"Cheguei aqui no dia 30 de Abril do ano passado. O advogado recorreu novamente ao Tribunal Constitucional, que pediu ao Supremo para reavaliar o processo, porque tinha muitas irregularidades, e que me soltassem enquanto durasse a reavaliação. O Tribunal Supremo ordenou ao Tribunal Condenatório a soltura, mas o condenatório diz que isso é da competência do Supremo. E até hoje estou aqui, à espera de ser solta. Estou à espera há dez meses", relata.

A última vez que viu o filho foi em Dezembro. Estar longe do seu bebé deixa-a triste. Mas lida melhor com isso, actualmente, e já não sofre tanto como nos primeiros dias após a reclusão.

"O meu filho está com os meus pais. Estou aqui há 10 meses. Quando fui presa, o meu bebé tinha dois anos e quatro meses. No início, foi difícil e triste. Eu era muito apegada ao meu filho, brincava muito com ele. Quando ele veio, em Dezembro, estava estranho, desconfiado, parecia chateado. Senti-me mal com aquilo. Estou a perder a autoridade de mãe e o carinho dele", lamenta.

Recorda o namoro conturbado com o pai da criança. Em três meses, engravidou, apesar das brigas, ciúmes e ameaças constantes.

"Era muito ciumento e tinha comportamentos estranhos, parecia um psicopata. Dizia que eu o traía e que ia matar-me, depois matar-se. Eu ficava assustada com o comportamento dele. Ficámos juntos quase um ano".

Perdão dos pais

Noémia, que se culpa por ter decepcionado os pais, acredita que serviu apenas de "isca". Tira dessa experiência a "maior lição" da sua vida, na medida em que deixou de ser ingénua e de confiar demais nas pessoas.

Na altura em que o processo começou, estava a fazer a 12ª classe, na Escola Alda Lara. Os pais ficaram totalmente decepcionados, mas nunca a abandonaram. Pelo contrário, apoiam-na incondicionalmente.

"A minha família não merece passar por isso, vir cá constantemente, passar por dificuldades porque estou aqui. Não merecem isso. De certa forma, foi bom para mim, porque cresci e aprendi o que é o amor incondicional. Tenho uma excelente família e antes não a valorizava tanto", disse.

Acredita que os progenitores perderam a confiança em si em, pelo menos, 90 por cento e deseja reconquistá-los. Para isso, promete terminar a licenciatura em Arquitectura, logo que saia do encarceramento.

"Eu falhei com os meus pais, era um bocadinho rebelde. O meu pai dizia para eu não fazer determinadas coisas, mas eu fazia. O meu pai é do tipo que vela muito pela educação dos filhos e pelos nossos estudos. Esse ano, eu já estaria a terminar o ensino superior; é algo que o meu pai queria e eu não consegui fazer. Mas vou conseguir terminar. Espero que eles me perdoem por tudo o que fiz de errado", pede.

Chefe da Caserna

Nos primeiros dias de cadeia, Noémia Sobrinho não conseguia acreditar no que lhe estava a acontecer. Parecia um pesadelo. Para lidar com as dificuldades, passava o dia na cama. Dormia e pensava muito, olhava para as pessoas à volta e não se conseguia comunicar. O seu comportamento despertou a atenção da direcção da instituição, que a incumbiu de disciplinar as companheiras, quando fosse necessário.

"Fui forçada a lidar com as pessoas, porque me deram o cargo de chefe de disciplina da caserna, que é um quarto espaçoso onde ficamos todas", conta.

É da competência da chefe de disciplina da caserna manter a ordem e a tranquilidade no recinto e evitar brigas entre as reclusas. Para isso, embora seja das reclusas mais novas, usa de rigidez para conseguir realizar a tarefa que lhe foi confiada.

"Às vezes, sou um pouco mais rígida, porque há irregularidades. Elas trocam palavras, quase brigam e eu as ameaço. Digo que vou fazer uma informação, elas ficam assustadas, ouvem-me e respeitam-me. Gosto disso. Temos de aprender a lidar com os vários tipos de personalidades. Há aqui pessoas com personalidades muito difíceis. muito mesmo. Mas ameaço-as e elas baixam a guarda, embora sejam mais velhas que eu. Às vezes, é necessário impormo-nos, mostrar autoridade e alguma bravura", afirma.

A par dessa tarefa, trabalha semana sim, semana não, como "chamadora". Sempre que uma agente precisa de localizar reclusas, Noémia vai à procura destas e leva-as à agente. O mesmo acontece quando alguém recebe a visita de um advogado ou de outra pessoa.

A presidiária sonha abrir uma empresa de decoração para festas de criança, ter uma gráfica e um estúdio musical. Apaixonada pelo estilo Rap, Noémia Sobrinho canta para distrair-se e para desabafar. Tem três músicas gravadas e escreveu outras tantas, durante o tempo que está em regime de reclusão.

Os músicos Plutónio, Valete, Prodígio, Vanda Mãe Grande e da Eva Rap Diva são alguns das suas preferências.

Foragido da Polícia, o "verdadeiro autor da burla", de acordo com Noémia, nunca deu a cara.

MULHER-08.03.20-P25.pdf

FILOMENA CATITO, COMANDANTE DA CADEIA FEMININA DE VIANA

"Se tiver que chorar com elas, eu choro"

Nunca desejou ser a comandante da Cadeia Feminina de Viana. Quadro do Ministério do Interior desde o ano 2002, Filomena Catito, Filó para os mais chegados, trabalhou durante anos como psicóloga clínica, no Hospital Cadeia de São Paulo. O trabalho final do mestrado, feito na Pontifice Universidade Católica, em São Paulo, Brasil, habilitou-a, na visão do seu director, a cuidar das mulheres em situação de reclusão na Cadeia de Viana. Filomena Catito disse ao *Jornal de Angola* que usa a emoção e a razão para gerir o estabelecimento "Uso a lei e mostro o que deve ser cumprido. Mas, se tiver que chorar junto com elas, eu choro.

ALBERTO PIZARO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Edna Cauxeiro

Há quanto tempo dirige a Cadeia Feminina de Viana?
Há quatro anos. Este ano faço cinco.

Como é lidar diariamente com mulheres que estão em situação de reclusão?
Se eu disser que é fácil, estaria a mentir. Não se esqueça que estamos a lidar com mulheres, com um ser humano, que é uma coisa muito complexa e precisa de muito cuidado. Porque se vacilarmos não respeitamos o outro lado delas, as coisas não funcionam.

Qual é a sua formação académica?
Sou psicóloga.

Em muitas situações, tem de ser apaziguadora das suas colegas a si muitos problemas das reclusas?
Sim. Há reclusas, por exemplo, que nem querem falar com outras pessoas nem com a própria psicóloga. Só querem falar comigo. Nós, aqui, somos todas mulheres, começando pelas reclusas até a tropa toda. Temos apenas seis motoristas que fazem o trabalho de levá-las ao Tribunal e 500 funcionárias.

Quantas reclusas tem agora o estabelecimento que dirige?
Temos capacidade para 430 reclusas. No momento, são trezentas reclusas. Recebemos reclusas que vêm de todo o país. Temos mulheres detidas as províncias e várias estrangeiras.

Quais são os maiores crimes cometidos por estas mulheres?
Todas as estrangeiras que vieram para aqui estão envolvidas em tráfico de drogas.

São africanas ou também temos de outros continentes?
Não só são todas africanas, temos de tudo um pouco aqui.

Os familiares das reclusas apoiam-nas ou cabe ao estabelecimento que dirige cuidar das questões mais íntimas?
Se dissesse que os familiares não as apoiam estaria a mentir. Mas as senhoras que vêm de outras províncias estão sob a nossa custódia. Praticamente as adoptamos. A maioria está aqui por ter cometido um homicídio e os familiares não têm muitos recursos para vir visitá-las. Então vêm, geralmente, no Natal, época festiva, porque temos visitas especiais. Mas a maior parte dos custos é donosso estabelecimento e temos parceiros.

Costumam receber doações?
Sim, de várias associações, sobretudo das igrejas.

Quem fornece os produtos de higiene básicos para as senhoras?
Para além da Direcção Geral dos Serviços Penitenciários, recebemos da Igreja Universal, que é um grande parceiro nosso, das Igrejas Assembleia de Deus Pentecostal, temos várias madrinhas, que nos adoptaram, temos a Basel Angola, que é uma parceira nossa e fornece-nos material de higiene para as reclusas. Temos, também, uma senhora, dona Emília, que tem uma pastelaria e nos fornece diariamente pães. Nós também os fazemos, cá mesmo. Ela oferece-nos, também, bolos, uma vez por mês.

Aqui, na Cadeia de Viana, faz-se pão?
Sim, nós fazemos, porque elas tomam o pequeno-almoço todos os dias.

As reclusas que têm marido costumam ter direito a visitas conjugais?
Elas não têm direito a visitas conjugais.

Uma mulher encarcerada, sem direito a visitas conjugais, tem mudanças de temperamento?
Não, elas têm um comportamento normal. Nós não estamos à espera para regularizar algumas situações, para que isso entre em vigor.

São maioritariamente casadas?
A maioria vive maritalmente, outras estão aqui por homicídio. Mataram o marido. Isso é um bocadinho complicado. Aos que vêm das outras províncias, os esposos não vêm com elas. As de Luanda são muito poucas. Muitas já não têm problemas do género, porque já gozam do direito da Licença de Saída Prolongada, que é o benefício que a reclusa tem depois de completar um terço da pena. A maioria das reclusas aqui vive maritalmente das províncias ou outros países. As de Luanda são a minoria.

Que opinião tem sobre isso? Há menos crimes em Luanda?
A menver, as mulheres que cometem crimes em Luanda estão em regime ordinário, ou seja, estão no regime preventivo, em fase de instrução e muitas vezes saem sob Termo de Identidade e Residência, para responder em liberdade. Por isso é que temos poucas reclusas de Luanda.

Há reclusas, por exemplo, que nem querem falar com outras pessoas nem com a própria psicóloga.

As reclusas que têm marido costumam ter direito a visitas conjugais?
Que dificuldades enfrenta, na gestão da Cadeia de Viana?
Na gestão material, temos várias dificuldades. Mas, graças a Deus, a nossa direcção tem-nos apoiado. Nós recebemos uma verba e conseguimos gerir. Quando não recebemos material de higiene para as reclusas, por exemplo, nós, cadeia feminina, compramos. Temos uma secção de finanças que faz as compras para elas. A alimentação não é difícil - dade, porque a Direcção dos Serviços Penitenciários tem uma direcção de logística e Prolongada, que é o benefício que a reclusa tem depois de completar um terço da pena. A maioria das reclusas aqui vive maritalmente das províncias ou outros países. As de Luanda são a minoria.

Que opinião tem sobre isso? Há menos crimes em Luanda?
A menver, as mulheres que cometem crimes em Luanda estão em regime ordinário, ou seja, estão no regime preventivo, em fase de alturição e muitas vezes saem sob Termo de Identidade e Residência, para responder em liberdade. Por isso é que temos poucas reclusas de Luanda.

Que dificuldades enfrenta, na gestão da Cadeia de Viana?
Na gestão material, temos várias dificuldades. Mas, graças a Deus, a nossa direcção tem-nos apoiado. Nós recebemos uma verba e conseguimos gerir. Quando não recebemos material de higiene para as reclusas, por exemplo, nós, cadeia feminina, compramos. Temos uma secção de finanças que faz as compras para elas. A alimentação não é difícil - dade, porque a Direcção dos Serviços Penitenciários tem uma direcção de logística e Prolongada, que é o benefício que a reclusa tem depois de completar um terço da pena.

A alimentação das reclusas é boa?
Sim, elas têm as três refeições. Eu como o que elas comem. Aliás, elas me mimas confeccionam. É uma comida muito boa.

E quanto à sua gestão na área psicológica?
Quanto à minha gestão na assistência psicológica, consigo dominar isso por causa da minha formação. Já consigo ver, por exemplo, uma reclusa que está em fase de liberdade condicional, a passar do estado de ansiedade para a depressão. Elas estão à espera de uma resposta, que não vem. Consigo trabalhar com elas nesse sentido. E por elas confiarem em mim, sou uma espécie de bati.

É uma directora muito rigorosa?
Sempre a batalhar, Alda, no princípio de 2006, consegui construir a sua primeira casa, em Menongue, onde residiu portrês anos. "Mas quando chovesse, a casa ficava completamente inundada", descreve.

Das vendas do pescado, comprou um terreno no mercado da Paz, onde construiu um pequeno armazém e passou a viver. Mas a casa não tinha alicerces. Ceder. Muita mercadoria estragou. E procurar uma casa para arrendar". Alda Maria conta que teve de enfrentar vicissitudes, passar por intimeras dificuldades.

"Tive perdas. Muitas vezes, não tinha onde pôr o peixe e a mercadoria estragava. Já perdi um camião carregado de peixe; tive que começar do zero. Mas a minha persistência foi grande e a vida melhorou", narra.

Sim, era muito nova. foi muito difícil. Acho que vim parar aqui por causa do que pesquisei na minha dissertação de mestrado no Brasil. Falei da "Depressão e Sofrimento Emocional nas Mulheres Privadas de Liberdade na Cadeia Feminina, após a Separação dos Filhos". As crianças que nascem aqui ficam até aos três anos. Depois do meu regresso ao país, fui apresentar-me e havia a necessidade de mandar uma directora para aqui. O meu director fez a proposta e mandou-me para aqui. Eu queria ir para outro sítio.

Para onde queria ir?
Queria ir para a cadeia onde sempre trabalhei, o Hospital Prisão de São Paulo. Queria ser uma técnica, dar o meu melhor, mas ele disse-me que eu podia dar o meu melhor aqui.

Fale-me um pouco do seu percurso, incluindo a passagem pelo Hospital Cadeia de São Paulo.
Antes de entrar para o Ministério do Interior, fui professora na Ngola Kiluanji, onde dei aulas de Biologia, depois passei para o INE 22 de Novembro, onde dei Psicologia. Acabei a minha formação, entrei, em 2002, para a Direcção Geral do Ministério do Interior, onde fiquei uns quatro anos. Depois, fui para o Hospital Cadeia de São Paulo, porque vi que aprendi o trabalho na Direcção Geral, mas queria firmar - me como psicóloga e precisava entender aquele percurso de privação de liberdade. Trabalhei no São Paulo dezanos e fui para o exterior, para o Brasil, fazer o meu mestrado.

Onde estudou e qual é a sua área de investigação?
Estudei na Pontifice Universidade Católica, em São Paulo (PUC). O meu trabalho é em Psicologia Clínica, na vertente de Doenças Psicossomáticas. Exerço isso com as reclusas e nos finais de semana atendo num consultório. Mais tarde, quando estiver mais livre, se calhar, vou lecionar mesmo numa faculdade.

Quem é Filomena Catito fora da Cadeia de Viana? Emãe e esposa?
Sou mãe e sou esposa. Tenho dois filhos, a mais velha com 23 anos e o mais novo com 16. Sou casada, o meu marido é profissional de desporto, vive em Luanda e sou religiosa.

Como é que consegue conciliar a vida pessoal com a profissional?
No princípio, foi muito difícil; houve uma matéria nas redes sociais e nem jornal que afectou o meu filho. Os colegas no colégio leram e foram mostrar-lhe. O meu filho lia sempre coisas boas do pai, mas quando investigasse o nome da mãe vinham coisas não tão boas. No facebook, aparece logo uma matéria que não diz coisas boas. Não eram notícias verdadeiras e manchavam a minha imagem. Eu vivia o sofrimento dessas mulheres e, com per conto, principalmente, quando disse-me que faltava alguma coisa. Até sonhava com isso. Nós, cadeia feminina, tivemos de adoptar um outro sistema: a abertura de mais visitas especiais (quando os familiares vêm todos, até crianças, para visitar ostios parentes). Agora são três vezes ao ano.

As mulheres que entram para aqui gestantes e têm os bebés podem, nos primeiros anos de vida, crià-los cá?
Podem sim. Se a mãe quiser, os bebés ficam. Mas não trado é em Psicologia Clínica, na vertente de Doenças Psicossomáticas. Exerço isso com as reclusas e nos finais de semana atendo num consultório. Mais tarde, quando estiver mais livre, se calhar, vou lecionar mesmo numa faculdade.

Quem é Filomena Catito fora da Cadeia de Viana? Emãe e esposa?
Sou mãe e sou esposa. Tenho dois filhos, a mais velha com 23 anos e o mais novo com 16. Sou casada, o meu marido é profissional de desporto, vive em Luanda e sou religiosa.

Como é que consegue conciliar a vida pessoal com a profissional?
No princípio, foi muito difícil; houve uma matéria nas redes sociais e nem jornal que afectou o meu filho. Os colegas no colégio leram e foram mostrar-lhe. O meu filho lia sempre coisas boas do pai, mas quando investigasse o nome da mãe vinham coisas não tão boas. No facebook, aparece logo uma matéria que não diz coisas boas. Não eram notícias verdadeiras e manchavam a minha imagem. Eu

ALBERTO PIZARO | EDIÇÕES NOVEMBRO

No princípio, foi muito difícil; houve uma matéria nas redes sociais e nem jornal que afectou o meu filho.

ALBERTO PIZARO | EDIÇÕES NOVEMBRO

A morte dos pais

"Eu estava no Brasil a fazer mestrado. Morreu o meu pai e, depois de seis meses, a minha mãe. Gerir a morte de meu pai foi mais fácil, porque ele ficou doente, com Alzheimer. Eu, como estudei doenças psicossomáticas, tive, depois, de fazer uma especialidade nessas doenças degenerativas, quando o meu pai foi diagnosticado. Que- ri meu luto e atender as minhas irmãs".

passa, elas sente-se muito tristes. Nós fazemos um almoço especial para elas, mas numa época de reflexão. Se você conversar comuma reclusa e perguntar se é condemada a quanto tempo ela vai ter de ficar, por exemplo, "vou condenada a seis anos". Ela quase que ela vê vinte dias. Ela conta dia após dia. Isso é algo que mexe muito comigo. Tive de conversar com o meu marido e dizer- lhe que, além de psicóloga, dirijo uma unidade na qual tenho dois lados. Tenho a tropa, que também são mulheres que estão lá. E vou- me dividindo.

No princípio, não gostou de ter sido nomeada para este cargo. Como vê o seu trabalho actualmente?
De facto, não gostei, mas como somos militares, não temos escolha. Omilitar, primeiro, cumpre, depois, reivindica. No princípio, tive muitos medo de comandar uma unidade, tinha 39 anos, era psicólogo, eu mesma tinha de atender. Aqui, são três blocos, eu comando, culido da tropa e das reclusas. Eu mesma tive de fazer- me lembrar que estava em casa e não na cadeia feminina.

Como comandante não tem tendência de comandar dirigir, também, o marido?
Se ele me deixasse, acho que o comandaria. Ele é que não me dá muita confiança, nem muito espaço, porque eu tenho tendência para isso. Ele não me deixa, porque também lida com homens no desporto e consegue, muito bem, manusear esse meu lado.

Na infância, alguma vez se imaginou aqui?
Sempre quis ser militar, mas isso não era algo visto aos meus pais. O meu pai, por exemplo, queria que eu fosse médica. Primeiro para a Faculdade de Medicina, mas depois a faculdade fechou e eu fui para o ISCED. Como não queria mesmo ser médica, porque acreditoque não teria sucesso, quando nabrir, depois de três anos, continuei no ISCED a fazer o meu curso de Psicologia. As minha colegas voltaram para Medicina. Em 2002, tive o meu curso de Psicologia. Ao mesmo tempo, estava a trabalhar no Ministério do Interior.

MULHER-08.03.20-P26.pdf

MULHER-08.03.20-P27.pdf

A HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO DE ALDA MARIA DE SÁ

Dormiu em quarto de banho com os seis filhos e hoje tem hospedaria e 21 funcionários

O marido abandonou-a depois de ela ter sofrido um acidente que lhe inutilizou um braço. A mulher e aos filhos chegaram a faltar espaço onde dormir e a quem recorrer. Tiveram de passar a noite na rua. Como se fosse pouco, no percurso, um cancro testou-lhe a resistência.

Wesa Pascoal Menongue

Alda Maria de Sá define- se como mulher batalhadora. Tem 52 anos, nasceu em Luanda e reside em Menongue, província do Cuando Cubango, desde 2004, porque não queria viver para ver a vida. Passou por inúmeras dificuldades para sobreviver, depois de o marido a ter posto fora de casa, com seis filhos.

"Comecei a sentir o sabor amargo da vida em 2004, quando me separei do marido com quem vivi 12 anos, na província do Huambo. Ele decidiu colocar- me fora de casa com os meus seis filhos", conta.

Os conflitos no lar de Alda começaram no ano 2000, quando foi atropelada, no Huambo, e perdeu totalmente a mobilidade do braço esquerdo.

"O meu marido achou que eu já não era mulher para ele. Decidiu arranjar outra relação e pôs- me fora de casa com os seis filhos. Não tinha mais onde dormir, o que comer, nem a quem recorrer. Chegamos ao ponto de passar a noite na rua", descreveu.

Alda decide deixar o Huambo e vai para Menongue com os filhos. Sem terem onde dormir, foram abrigados num quarto de banho do edifício da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA), à época inutilizado. "Colocámos papelão na janela e um lençol na porta e passei a viver ali com os meus filhos", recorda.

No dia seguinte, logo após a chegada da família, Alda Maria decidiu ir ao mercado do bairro Cunha, onde encontrou uma vendedora de roupa usada (fardo), com quem conversou para que lhe fornecesse alguns babéus, prometendo pagar no final das vendas, pois não tinha dinheiro algum. Obtendo resposta favorável, amigarante, sem hesitar, assim começou a luta pela sobrevivência.

Recebia babéus de fardo e vendia a roupa a peça. A roupa usada servia de cama. "Estendia a roupa no chão, para poder dormir com os meus filhos. Várias vezes tivemos alergia. Com o lucro das vendas, consegui comprar o meu primeiro colchão de esponja, no qual passá- mos a dormir e a vida foi andando".

Posteriormente, Alda de Sá começou a olhar para novos horizontes. Com o pouco dinheiro que conseguia juntar com a venda da roupa usada, foi ao Huambo, ao encontro de uma pessoa amiga, que carinhosamente chama " tia Fató", uma comerciante de bebidas e peixe a grosso. Propôs- lhe cedência de mercadoria para pagar no final das vendas.

Tia Fato não hesitou. Enviou algumas quantidades de cerveja, gasosa e vinho para Menongue. Por sua vez, Alda passou a vender a bebida a alguns bares de Menongue e do Cuito Cuanavale. Ganhava apenas 100 Kwanzas por cada grade de cerveja ou gasosa. "Foi um sacrifício terrível. Mas Deus é grande", disse.

Alda Maria pediu também peixe a grosso para revender em Menongue, uma vez que o negócio da bebida tinha dado certo. Tia Fató não pensou juntar com a venda da roupa usada, foi ao Huambo, ao encontro de uma pessoa amiga, que carinhosamente chama " tia Fató", uma comerciante de bebidas e peixe a grosso. Propôs- lhe cedência de mercadoria para pagar no final das vendas.

Tia Fato não hesitou. Enviou algumas quantidades de cerveja, gasosa e vinho para Menongue. Por sua vez, Alda passou a vender a bebida a alguns bares de Menongue e do Cuito Cuanavale. Ganhava apenas 100 Kwanzas por cada grade de cerveja ou gasosa. "Foi um sacrifício terrível. Mas Deus é grande", disse.

Alda Maria pediu também peixe a grosso para revender em Menongue, uma vez que o negócio da bebida tinha dado certo. Tia Fató não pensou juntar com a venda da roupa usada, foi ao Huambo, ao encontro de uma pessoa amiga, que carinhosamente chama " tia Fató", uma comerciante de bebidas e

honesta na vida, Deus sempre ilumina. Não foi de um dia para o outro que eu consegui sair do fundo do poço: passaram- se anos e as coisas foram melhorando aos poucos" explicou.

Prosperidade
Depois de conseguir algum dinheiro, Alda enviou os filhos para a vizinha República da Namíbia, onde passaram a viver com a avó.

"Eu era mãe e pai de seis filhos, três dos quais de um primeiro relacionamento, e tive que lutar sozinha para o sustento, educação, saúde, entre outras necessidades e tive que lutar sozinha para o sustento, educação, saúde, entre outras necessidades delas", destacou.

Sempre com a visão nos negócios, Alda Maria passou a comprar, na Namíbia, peixe para revender. "Fui a primeira mulher a tirar peixe da Namíbia para vir vender em Menongue. A minha vida começou a tomar outro rumo; já tinha condições financeiras para pagar o aluguer de uma casa", conta a comerciante, que fazia o percurso Calundo - Catutiul.

Sempre a batalhar, Alda, no princípio de 2006, conseguiu construir a sua primeira casa, em Menongue, onde residiu portrês anos. "Mas quando chovesse, a casa ficava completamente inundada", descreve.

Das vendas do pescado, comprou um terreno no mercado da Paz, onde construiu um pequeno armazém e passou a viver. Mas a casa não tinha alicerces. Ceder. Muita mercadoria estragou. E procurar uma casa para arrendar". Alda Maria conta que teve de enfrentar vicissitudes, passar por intimeras dificuldades.

"Tive perdas. Muitas vezes, não tinha onde pôr o peixe e a mercadoria estragava. Já perdi um camião carregado de peixe; tive que começar do zero. Mas a minha persistência foi grande e a vida melhorou", narra.

Conselho

A empresária lucandense, radicada em Menongue, aconselha as mulheres a não desistirem nunca dos seus projectos.

"Não desisti e nunca vou desistir. Este é um conselho que também deixo a outras mulheres. Nada, além da morte, pode derrubar-nos. Enquanto há vida, há esperança. Mesmo com apenas um braço ou uma perna, temos de fazer qualquer coisa, porque Deus vê o sacrifício de cada um, apesar de que o ser humano que tudo de imediato e não têm paciência para esperar", recomenda.

Alda Maria de Sá aconselha também a todas as mulheres, sem filhos, jovens e adolescentes que tenham alguma deficiência física ou tenham acabado um relacionamento que não persem que a vida acabou.

"A vida não acaba quando alguém perde um membro do seu corpo, lhe seja diagnosticada uma doença grave ou é abandonado com os filhos pelo marido. É nos momentos difíceis que devemos mostrar que somos realmente fortes e que temos capacidades de superar os obstáculos da vida", encoraja.

A empresária referiu que seja o que for que uma mulher deseja fazer, deve realizá-lo com humildade, mesmo que for empregada de limpeza, lavadeira, cozinheira ou outra função qualquer.

"Não concordo com o que muitas mulheres dizem, que têm que se prostituir por falta de condições financeiras. Há muita coisa que uma pessoa pode fazer para vencer na vida com dignidade e passar uma boa imagem aos nossos filhos", defende Alda de Maria Sá.

Cancro como provação

O momento mais difícil da vida de Alda Maria de Sá foi em 2006, após ser-lhe diagnosticado um cancro na mama. Teve de se mudar, por um tempo, para Luanda, onde fez o tratamento da doença no Hospital Josina Machel.

"O tratamento foi doloroso, retiraram-me um seio. Fiz várias sessões de quimioterapia, mas nunca deixei de batalhar por melhores condições de vida, para mim e para os meus filhos. Fazia a quimioterapia de manhã e de tarde trabalhava, porque precisava de dinheiro para o tratamento e sustentar os meus filhos", recordou.

Assessões de quimioterapia eram de 21 em 21 dias. Mas, por não ter recursos financeiros para pagar as viagens de Luanda a Menongue e vice-versa, decidiu ficar na capital, durante o tratamento, e passou a vender peixe pela experiência que já tinha nesta área.

"Houve vezes em que fiz quimioterapia de manhã e de tarde tive que vender peixe no antigo mercado do Roque Santeiro", recorda.

Desde 2015 que os médicos dizem que o seu cancro encontra-se no estádio 4. "Mas, como tenho muita fé em Deus, e ele é misericordioso, não me sinto doente; tenho dificuldades, sinto dores no corpo. Cada dia que eu acordo, para mim é uma vitória", refere.

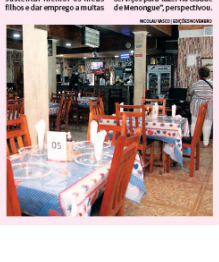
Regresso
Em 2007, depois do tratamento, Alda Maria regressou a Menongue. Uma empresa brasileira, que estava a construir um supermercado, perguntou-lhe se tinha capacidade para cozinhar para 260 pessoas. Ela sim. plesmente disse que sim. "Consegui algum dinheiro e passei a fornecer o pequeno- almoço e o almoço. Comprei o meu primeiro carro, um Toyota Rav 4, a quatro mil dólares", recorda satisfeita.

Fruto da venda do peixe, em 2008, consegui-e seguir uma casa de construção definitiva, no bairro Castilho, arredores da cidade de Menongue. A mesma residência serviu de hipoteca a um banco que lhe concedeu 15 mil dólares.

"Com este dinheiro, a vida começou a tomar um rumo muito melhor".

Depois do crédito, decidiu que queria ser dona de uma hospedaria e logo a construiu, apesar de muitas pessoas, na altura, duvidarem das sua capacidade empreendedora. Em 2014, Alda Maria de Sá reerguou a sua grande sonho: abriu a hospedaria com 21 quartos, um restaurante, piscina, estando em andamento a ampliação do recinto para uma capacidade de 41 quartos.

"Hoje, tenho 21 trabalhadores e sinto-me muito orgulhosa por saber que, graças à minha persistência, consigo sustentar melhor os meus filhos e dar emprego a muitas pessoas", disse. "Consegui formar os meus filhos, tenho amizades, casa, carros e um terreno onde pretendo construir um salão de eventos, com piscina olímpica e outros serviços para fazer na cidade de Menongue", perspectivou.



RICSUAN MASSI | EDIÇÕES NOVEMBRO

Rosa Melo*

Subtilezas nas relações de poder e de género em Angola

Aproveito a brisa desta madrugada luandense para dedilhar as teclas do meu computador. Olho para elas como que para um piano, desejando que dístoo resultem letras, pensamentos expressos, mas, também, cor, cheiro e sons. Enquanto isso, fecho os olhos e presto atenção ao filme que passa pela tela da minha mente; é retrospectivo, mas cheio de dramas e comédias. Antes que se apague, prefiro detê- lo, num ponto, de modo a torná- lo objecto de pesca, nas abordagens que se seguem, em torno das subtilezas que vemos em artes e ações de género e de poder, em Angola. Então, estou em boa, pela Colibri; a chegar, num momento em que, em Angola, tenta- se, mesmo, cultivo angolano e não só promoveria e valorizaria as artes angolanas na luta contra a discriminação da mulher e, sobretudo, na emergência de limpeza, lavadeira, cozinheira ou outra função qualquer.

"Não concordo com o que muitas mulheres dizem, que têm que se prostituir por falta de condições financeiras. Há muita coisa que uma pessoa pode fazer para vencer na vida com dignidade e passar uma boa imagem aos nossos filhos", defende Alda de Maria Sá.

poder e de género, burilados, fundamentalmente, com a ajuda das ruas que são mais significativa e o homem melhor conotado, social e politicamente, tanto mais pudesse demonstrar ser a favor das políticas nacionais ou internacionais, relativas ao poder e ao género. Isto, ainda que, em ambiente doméstico, esse mesmo homem governante, político e militante maltratasse a esposa; violasse a dignidade da mulher com práticas abusivas, valendo- se da sua proeminência política e estatus; procurasse dominá- la, sexualmente, sujeit ando- a aos seus caprichos, em troca de bens materiais, de cargos de chefia, de um poder explícito e público - o político. A este propósito, um outro homem, meu interlocutor, expressou o seguinte:

"Filha, na política nacional, nem todas as pessoas têm a capacidade de lidar com a intelectualidade. Têm medo. E quando o problema é encaixar a mulher nos cargos, fazem o mesmo que aos homens. Vão buscar as mulheres obedientes... Onde encontrá- las? Na família, entre os amigos, os vizinhos, os afilhados. Não é dal que vem o nepotismo?"!

A "obediência" é colocada acima da capacidade intelectual das mulheres) e o sexo (expresso como instrumento de sujeição, de poder e de controle dos homens); constituíram mecanismos objectivos e/ou subjectivos de poder dos homens; mecanismos, entretanto, mascarados com subtilezas que levavam um homem, por exemplo, a intimidar uma Mulher, num

esforço cego do "ficar da bandeira" da igualdade de género, nas questões da política nacional. Mecanismos que, de tão íntimos e comuns, nem mesmo as mulheres implicadas, nesses processos, (i) ousam reconhecê- los os, simplesmente, abordá- los; (ii) ousam admiti- los, sob pena de revelar sua cepitibilidades implícitas, nesses processos - um facto, aliás, que concorre para a supremacia, ainda que simbólica, do homem sobre as mulheres2.

Horrorizada como comportamento de um certo homem, na sequência de um momento ritualístico, no Leste de Angola, uma mulher / mãe teceu este comentário:

"É governante Em casa, deixou mulher e filhas dessa Idade. Mas, olha como se expressa, como vibra, diante desta mítida que demonstra o seu poder. Até se esqueceu que está em público. Que pouca vergonha!"3

Noexercício prático de ser poder, a mulher acaba por fortalecer vínculos com os homens, quiçá, de rivados dos afectos; por criar crispações com outras mulheres, sobretudo as defora do círculo do poder. Fazendo recurso às mesmas práticas que os homens, ela acaba por ser mais hostil para com as mulheres, sobretudo, intelectualmente mais fortes, mais preparadas; tende a suprimi- las e a demarcar- se destas, fazendo- se reduzir de mulher- es e homens "obedientes" - para o retrocesso, do ambiente doméstico, já aludido.

"Eu prefiro estar nos bastidores. Já vi muita coisa. Antes ter um chefe homem do que mulher. Uma coisa é estares all pela tua competência, outra é seres empregada pelas circunstâncias, pelo facto de seres mulher. Depois... depois, há muita luta, só por causa do lugar. Não, não é para mim isso" 4

"Eutô aprendi, eu não saio do lugar. Só se Deus me tirar dali. Eu prefiro, não deixo nisso! Esses lutas vão existir sempre. Se eu sair dali.. e depois? Começo a andar a dar tiro. Aí mesmo é que começo a apanhar duas ou três balas mesmo". 5

"A mulher no comando é mais perigosa que o homem. Quando mulheres vêem denciares pelas mas capacidades, mais ela procura puxar- te". 6

Quanto ao meu amigo, provavelmente, nem lhe ocorre o acerto o facto de estar dante de uma Mulher, de uma Mulher angolana, vítima de guerra com todos os condicionalismos que isso presupõe e academica; de uma Mulher que, ainda que situada a margem do círculo doméstico de favoritismos e compadrios é, por isso, a autora do livro que ele tinha em mãos; uma obra com caráter cientifico1 que discute e elucida aspectos sobre identidade, nas diferentes perspectivas, nomeadamente, de género, de poder e de gênero, num dado contexto social e cultural de Angola; ii), que fornece contributos concretos e válidos, em torno das questões de etnicidade; iii) que apela à urgência, na desconstrução dos paradigmas e representações herdadas da colonialização; iv), que aponta para a necessidade de mapeamentos étnicos, linguísticos e outros, sem desprimor para a base documental histórica e antropológica colonial existente.

Enfim, como frisou Jill Dias, "trata- se de um trabalho de investigação que ressalta no contexto académico actual, quer português, quer angolano, pela sua natureza original e pioneira. A ela elaboração subtinha a necessidade urgente de desenvolver estudos comparativos sobre a construção da identidade e relações de género, abrangendo outras sociedades de África, contribuindo, assim, para criar novas perspectivas e compreensões sobre as populações que habitam o espaço angolano"7.

Para o meu amigo, talvez isso não fosse mais relevante do que iminuar- se defensor público da honra da mulher, na política. Diga- se, da mesma mulher, que, em ambiente vítimo, é reprimida e desrespeitada por homens, sejam eles políticos, governantes ou não. Estes que, no lugar de mando, promovem a pedofilia, a prostituição, enfim, tudo que desvirtua a dignidade da mulher e, inclusivamente, do homem.

Em vésperа de lançamento, um amigo meu, membro do Executivo, olhando para a capa do livro, cerrou os olhos e meneou a cabeça.

Quem é o sapo, o homem ou a mulher?
Mas você nem sequer leu o livro, homem! Pista: eu para os meus botões. Não o vou ter roduzir, aqui, nem, muito menos mais sevel- o(a) a ler o livro. Por ora, atenho- me a tecer algumas considerações a propósito da expressão "Homem é homem mulher é sapo". Ela me remete a um ditado popular Hanha "muhime, omuhime, muikal ocimboto" Em verdade sapo, "ocimboto" poderse- á quiçá, traduzir por "tl".

Entretanto, seja lá qual for a interpretação para "ocimboto", nesse adágio, a mulher não deixará de ser representada comoum anfíbio animal de sangue. O mais interessante é perceber que, entre os Handa, um tal adágio não expressa, nem mesmo subtilmente, o lugar da mulher, nem a define como inferior, nas relações de género. Estasão permeadas de jogos de interesse, do lúdico, que acabam por orientar a vida, o comportamento de homens e mulheres. Aliás, note- se, que os Handa são matrilineares.

A matrilinearidade confere poder (de cuidar, de cuidar de, de gerir, de orientar) à mulher. Por conseguinte, sublinhe- se aqui, inclusivamente, o poder de mando é conferido ao homem, por via da mulher. Entretanto, ser mulher é muito mais do que ter sexo feminino, e o efuko- rrimal de iniciação feminina -, além de revelar isto mesmo, ressalta o reconhecimento do poder da mulher; celebra o lugar de honra conferido à mulher, na vida da família e do grupo. Partindo desta constatação, sublinhe- se que a preeminência do homem, nos lugares de mando, é outorgada pela mulher que suporta toda a enturage que envolve o exercício do poder.

Com efeito, diga- se que talvez o "sapo" seja o homem. Entretanto, a mulher faz questão de chamar para si esse rótulo ou, quiçá, deter- se retular, de modo a dar ao homem, ainda que momentaneamente, o direito de revelar a sua virilidade e poder8. Não miudei, nem rmudarei o título. Sou Mulher!

**PHD, Antropóloga, Investigadora sénior*

BIBLIOGRAFIA
1- Entrevista C.C., Luanda (2020); 2- Sobre o simbolismo nas relações de poder e de género, ver Rosa Melo (2007); 3- Entrevista J. C., Moxico (2018); 4- Entrevista M.B., Luanda (2019) Rosa Melo 3; 5- Entrevista F.M., Luanda (2020); 6- Entrevista M.B. Luanda (2019); 7- Dias (2007- 14). Rosa Melo 4;

Dias, Jill (2007), "Prefácio", in Rosa Melo, Homem é Homem, Mulher é Sapo. Género e Identidade entre os Handa no Sul de Angola, Lisboa, Colibri, pp 12-15.

Melo, Rosa (2007), Homem é Homem, Mulher é Sapo, Género e Identidade entre os Handa no Sul de Angola, Lisboa, Colibri e Melo, Rosa (2005b), Mulher é aquela que comem o hol. O Efuko e a construção do Género no Grupo Étnico Handa, Lusotopie, Brill, Academic Publishers, v. 12, nº 1-2, pp.139-160. 8 Cf. Rosa Melo (2007).

MULHER-08.03.20-P28.pdf

MULHER-08.03.20-P29.pdf

A FRENTE DA AMUD

Odeth Tavares mantém o dinamismo

A antiga guarda-redes das Pérolas, selecção de andebol, apontou a falta de incentivo e de remuneração como os principais problemas para a relativa fraca presença das mulheres no dirigismo desportivo, além outros constrangimentos.

É produto da casa. Trata-se de uma antiga atleta da selecção. Já esteve na Federação de Andebol e no COA.

Teresa Luts

Encerrado o ciclo de atleta da alta competição, Odeth Tavares, antiga guarda-redes da Selecção Nacional de andebol, é uma das poucas que optou pelo dirigismo desportivo, na circunstância, à frente da Associação Mulher e o Desporto (AMUD), onde cumpre o segundo mandato.

Deputada à Assembleia Nacional, insentada na Sétima Comissão (Cultura, Assuntos Religiosos, Comunicação Social, Juventude e Desportos), quando se candidatou, em 2013, para dirigir a AMUD, estava presidir à luz, mas nem mesmo está condição a inibiu. Nas vestes de mãe, esposa, dirigente e deputada, Odeth Tavares defende que, sem o suporte da família, seria quase impossível cumprir todas as responsabilidades, pois teve a vida sempre apertada e quando jogava era mais difícil.

Relativamente à fraca presença das mulheres no dirigismo desportivo, a antiga guarda-redes das Pérolas apontou a falta de incentivo e de remuneração como os principais problema e acrescentou haver uma série de constrangimentos.

"Sabemos que a vida é dinâmica. Precisamos de fazer um grande trabalho e sensibilizar cada vez mais as mulheres. Principalmente, aquelas que são exprateicantes. Muitas saíram

Uma mensagem às mulheres: "felicito todas, por serem guerreiras. Continuem a fazer o vosso trabalho, sempre com amor. Sem amor não se faz nada de bom.

de maneira menos esperada. Reclamam que já perderam muito tempo como jogadoras. Outras alegam estar relegadas ao abandono e acreditam não ter nada para oferecer", esclareceu.

A cada ciclo olímpico, disse, as mulheres podem trazer outra dinâmica às instituições desportivas, mas precisam de ser as primeiras a assumir essa vontade.

"Principalmente, atletas que já estão em fim de carreira. Depois das quadras, podem dar um grande contributo ao desporto. Têm muita experiência acumulada. Em alguns casos, não há retorno financeiro. Mas o incentivo não precisa de ser somente monetário, pode ser motivacional", considera Tavares.

Quanto às outras mulheres que se destacam nos órgãos decisivos a nível do desporto, Odeth foi peremptória: "conseguiram portar atitude e determinação. Sempre tivemos capacidades para o efeito. A quota definida pelo Comité Olímpico Angolano é de 30 por cento. Portanto, só depende de nós presidir uma instituição. A aposta na formação académica também é fundamental", aclarou.

A nomeação de Ana Paula do Sacramento Neto, ao cargo de ministra da Juventude e Desportos, é, na visão da antiga internacional angolana, motivo de orgulho.

"É produto da casa. Trata-se de uma antiga atleta da selecção. Já esteve na Federação de Andebol e no COA. Foi secretária de Estado para o Desporto e agora é ministra. Ou seja, está a "nadar" na própria praia. Sinto-me regozijada. Desejo que tudo corra bem, pois as coisas não são fáceis".

Antes de assumir a presidência da AMUD, conta, participou num dos cursos de dirigismo promovido pelo COA. "Importa realçar que o curso é aberto a todas pessoas interessadas. É uma forma de aprendermos a desenvolver o nosso trabalho".

Questionada sobre o trabalho desenvolvido na Associação da Mulher e Desporto, Odeth Tavares reconhece que o caminho para atingir a excelência ainda é longo, mas há luz no fundo do túnel:

"Felizmente, já há mais mulheres a praticar desporto. É a minha primeira experiência como dirigente. Encontrei pessoas boas. Fui bem acolhida. Tive a sorte de encontrar ainda as mentoras do projecto. Deram-me todo o suporte. Por isso, tive a força e determinação", revelou.

Indagada sobre as dificuldades que enfrenta, admitiu ser considerar que o número reduzido de quadras desportivas cria muitos impedimentos, pois o obriga à deslocação das potenciais atletas de um ponto para o outro. Relativamente à possibilidade de recandidatar-se para um terceiro mandato à frente da AMUD, é muito cedo para decidir. Vamos ver", argumentou.

Uma mensagem às mulheres: "felicito todas, por serem guerreiras. Continuem a fazer o vosso trabalho, sempre com amor. Sem amor não se faz nada de bom. Desejo saúde, força, coragem e determinação. Não desistam dos sonhos. Deus abençoe a todas".

CHINHA, ANTIGA ATLETA

A progressão no dirigismo

Teresa Luts

Auto-censura, aliada à falta de incentivos e políticas direccionadas, é, na visão da directora da Galeria dos Desportos, Teresa Ulundo "Chinha", o principal obstáculo para a ascensão das mulheres no dirigismo desportivo em Angola.

Em entrevista ao *Jornal de Angola*, a antiga internacional da Selecção Nacional de andebol feminino defendeu que a aposta na formação e crença nas capacidades pessoais fazem a diferença, na hora de concorrer para determinados cargos.

Segundo Chinha, apesar do número reduzido de mulheres dirigentes no país, em Luanda são visíveis os sinais de mudança de paradigma. A ponta Antónia Ribeiro, Olga Albuquerque e Gemilda Rangel, presidentes das federações de ténis, desportos náuticos e ciclismo, como exemplos a seguir.

Para atrás, disse, ficou o tempo em que as mulheres limitavam-se a engordar listas, sem qualquer hipótese de comandarem uma instituição. A nomeação de Ana Paula do Sacramento Neto, ministra da Juventude e Desportos, marca um ponto de viragem.

"Serve de incentivo para todas as ex-desportistas poderem exercer um cargo do topo. Em quase 45 anos de independência, é a primeira vez que uma mulher dirige aquele Ministério. Então, temos potencial para o efeito".

Odeth Tavares e Nádia Cruz, presidentes da Associação Mulher e Desporto e dos Atletas Olímpicos, também têm dado cartas a nível do dirigismo, à semelhança de Ana Lima e Gertrudes Septilveda, ambas vice-presidentes das federações de natação e atletismo.

Marcelina Kiala e Elisa Webba destacam-se nas vice-presidências da Mesa da Assembleia da Federação de Andebol e do Peru de Luanda.

Serve de incentivo para todas as ex-desportistas poderem exercer um cargo do topo. Em quase 45 anos de independência, é a primeira vez que uma mulher dirige aquele Ministério.

"São nomes que saltam à vista. Mas o número ainda é reduzido. Infelizmente, há discriminação. Podemos trabalhar, por muitos anos, numa instituição desportiva, mas dificilmente o chefe conta connosco. Portanto, não há incentivo. Para o dirigente é só mais uma senhora. Felizmente, nem todas se acomodam".

Quanto à auto-censura, Chinha referiu: "as vezes, alega-se indisponibilidade para comandar, por medo e falta de confiança. Já ouvi coisas do género, 'isso é só para homens', ainda não podemos. Parece existir em Angola uma questão cultural que impede as mulheres de progredir".

Teresa Ulundo "Chinha" advoga que é imperioso investir na formação académica, caso as mulheres queiram ser ouvidas e contribuir para o desenvolvimento do desporto.

"Nem todas podem ser dirigentes. Há outras áreas por explorar. Geralmente, quando há eleições, os candidatos elaboram uma lista, onde 30 por cento do elenco são senhoras. Na maior parte das vezes, é para serem vogais. Logo, não têm uma palavra a dizer. A opinião delas não conta. Temos de ser as primeiras a querer inverter o quadro".

Um percurso de sucesso

Em 2004, por altura do segundo mandato de Archer Mangueira, na presidência da Federação de Andebol, Teresa Ulundo "Chinha" foi convidada a integrar o grupo, tendo assumido a função de coordenadora das selecções femininas.

"Aprendi muito com aquele elenco. Valeu a pena. Depois, trabalhei durante quatro anos como directora para o andebol do Progresso Sambizanga". Há anos e meio, conta, foi desafiada a assumir a Galeria dos Desportos e ficou assustada, por achar que estava despreparada para dirigir a instituição.

Em relação à nomeação, afirmou, está relacionada com o percurso enquanto atleta, pois tem muito a ver com a sensibilidade de quem praticou desporto e estima o troféu conquistado.

"Felizmente, tive o incentivo do presidente do Progresso, Paixão Júnior. Também tive o apoio de familiares e amigos. Depois, fui recebida no Ministério, onde confirmei a minha disponibilidade para o cargo".

Teresa Ulundo, enquanto dirigente, revelou que enfrenta dificuldades financeiras, mas tem projectos por desenvolver. O desporto é a sua zona de conforto. Para estar à altura das encomendas, frequentou o curso de dirigismo desportivo, organizado pelo Comité Olímpico Angolano, e aposta na formação permanente.

"Foi proveitoso. Quero fazer reciclagem, mas não é permitido. Sou insatisfeita por natureza. Quero aprender sempre".

Quanto ao trabalho desenvolvido na Galeria, argumentou: "sou suspeita para falar. Mas ainda tenho muito para dar. Fui bem recebida. A direcção cessante fez o trabalho de casa. Há-de dificuldades de adaptação. Os funcionários servi-am de suporte."

Nas quadras

Nas quadras de andebol, Chinha começou aos 13 anos, na província de Benguela, e destacou-se praticar aos 33. "Sempre tive muita disciplina e controlo. O desporto ajudou-me a encontrar o equilíbrio para a vida".

Conta que teve o privilégio de jogar com o "Dream Team" das campeãs africanas, no qual se destacaram Palmira Barbosa, Fábia Raposo, Elisa Peres, Belinha Ferreira, Elisa Webba, as irmãs Beninha, Liliana, Luzia Bezerra e Esperança Furtado.

"Orgulho-me de ter jogado com elas. Fui campeã africana, pela primeira vez, em 1994, no campeonato da Tunísia. Deixámos um legado para as actuais andebolistas".

Convidada a deixar uma mensagem para as mulheres, Chinha incentiva: "continuem com garra. Sejam persistentes. Não desistam dos sonhos e estejam dispostas a contribuir para o desenvolvimento do país".

ELAS SOMAM CONQUISTAS

Desporto também rima com mulher

Teresa Luts

Mulheres! Falar das vossas conquistas no desporto é motivo de grande satisfação. Vocês mostram estar capacitadas para brilhar em qualquer palco e subir ao mais alto pedestal.

Neste "Especial Março Mulher", seria, no mínimo, injusto da minha parte não dedicar umas linhas aos feitos alcançados pelas senhoras, em 2019. Não se trata de competir ou tentar igualar os homens. São apenas mulheres dedicadas e prontas a dar cara à luta.

Muitas, por causa do desporto, ficam distantes das famílias, por longos períodos, especialmente nos compromissos internacionais. Enquanto jornalista, tive o ensejo de ver-vos algumas vezes a darem "carga" fora de portas.

À semelhança de outros anos, 2019 foi fértil em conquistas. Sem a menor intenção de pecar a bossa à "sardinha" da modalidade, começo por vocês, Pérolas de África, que há quase duas décadas superam o continente com 13 taças ganhas. Quase todos hão-de concordar comigo, que, quando o assunto é andebol africano, a Selecção Nacional Sénior Feminina é implacável com as adversárias. Por conta destes feitos, as andebolistas são o principal estandarte da diplomacia desportiva angolana.

Vezes sem conta fazem o papel de embaixadoras. Em Agosto, nos Jogos Africanos de Marrocos, como já é de prazo, conquistaram a medalha de ouro. As mulheres não esperavam outra coisa, pois no continente, quanto ao andebol, estamos "conversados", apesar de algum atrevimento "inconstante" das senegalesas.

Por falar no Senegal, em Setembro, rendeu-se às supremacia das angolanas. Em casa das adversárias, as Pérolas fizeram mais do mesmo, ao garantir a sétima presença consecutiva na Festa Olímpica, com o apuramento para os Jogos de Tóquio'2020. Descontado o excesso, já nem fica bem outra selecção representar África na maior cimeira desportiva.

As angolanas disputaram o Mundial no Japão, prova na qual melhoraram a prestação anterior e deixaram bons indicadores. A equipa do 1º de Agosto conquistou o Mundial de Clubes da Federação Internacional de Andebol (IHF- sigla em inglês), um feito inédito.

Porém, não foi só o andebol que esteve em evidência. No "meeting" internacional de atletismo paralímpico, em Tunis, Regina Dumbo, Emeloide Adelino e Rode Fernando foram excelentes. Ganharam sete medalhas, entre as quais três de ouro. Um exemplo de superação, pois nem mesmo a deficiência visual vos impede de alcançar os objectivos traçados.

Na natação, Lia Lima ganhou o bronze nos Jogos Africanos, à semelhança da ludoca Nelde Diassonema. No xadrez, Luzia Pires agonesse campeã do continente, enquanto no futebol, nota positiva para o surgimento da Selecção Sub-20, que disputou o apuramento para Mundial da Costa Rica e Panamá. Infelizmente falhou a qualificação. Mas a luta continua.

Por tudo isso e mais alguma coisa, que eventualmente não tenha mencionado, as mulheres das diferentes gerações e modalidades faço a minha vénia. Que 2020 seja igualmente coroado de sucessos.

Vocês são fenomenais!

MULHER-08.03.20-P30.pdf

MULHER-08.03.20-P31.pdf

MULHER-08.03.20-P32.pdf